

c1006

W O O U

ER



**escola de artes visuais**

Rua Jardim Botânico 414 - Parque Lage-Rio Tel. 226 1871

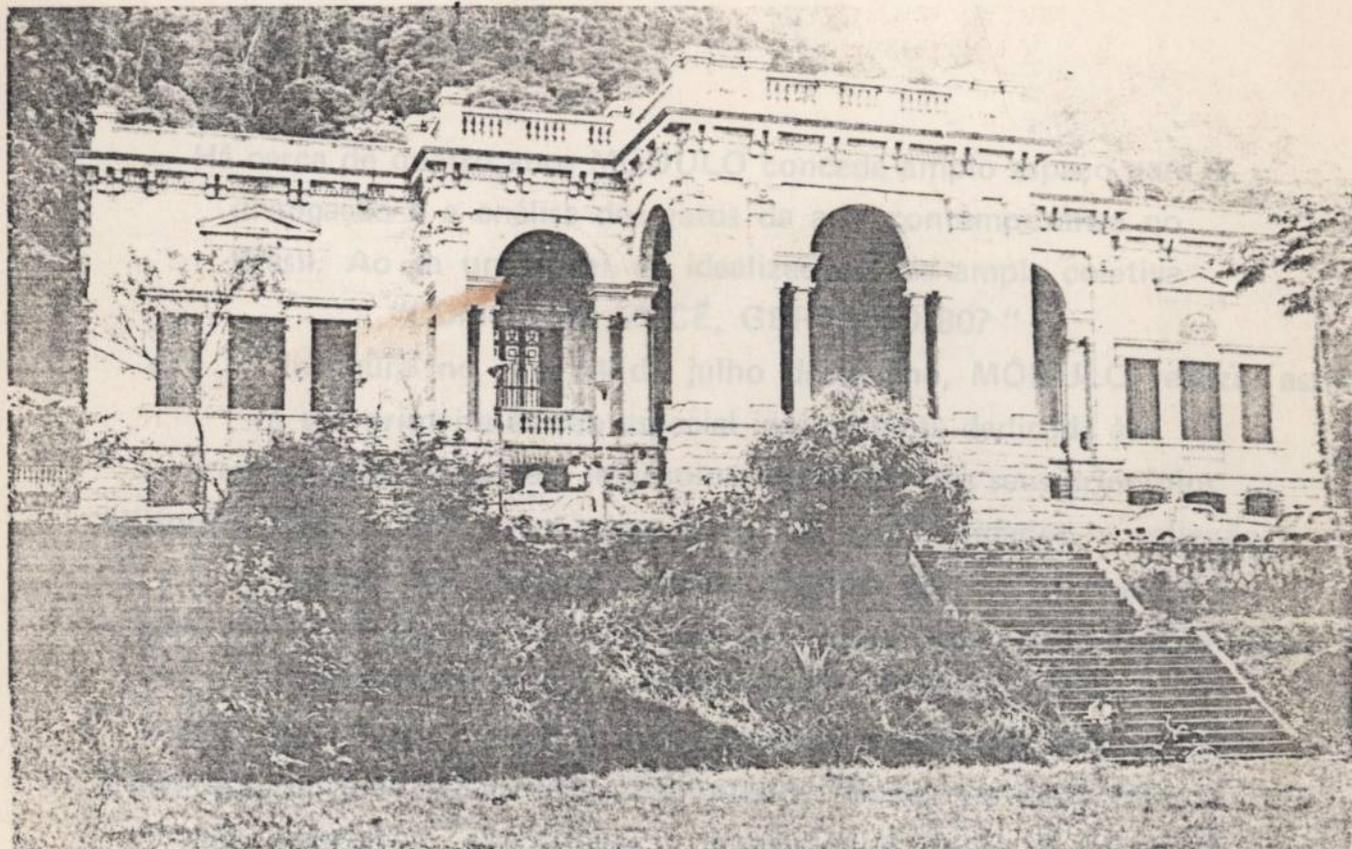


foto Carlos Araújo

A Escola de Artes Visuais tem como sede um prédio construído na 2a. década deste século que pertenceu ao industrial e armador brasileiro Henrique Lage. Consta que logo após a 1a. Guerra Mundial ele conheceu, se apaixonou e casou-se rapidamente com a cantora lírica Gabriella Bezanzone, que havia vindo ao Brasil apresentar a ópera "Carmem" no Teatro Municipal. Gabriella Bezanzone, ao decidir morar no Rio de Janeiro, contratou um arquiteto e um paisagista europeus, pois sua intenção era edificar um palácio nos moldes venezianos e florentinos, daí a mistura de estilos arquitetônicos, pois quem conduzia os trabalhos era ela mesma. Os mosaicos, os mármore e os cristais vieram especialmente da Itália. A pintura decorativa de paredes e tetos foi feita pelo Prof. Salvador Payols Sabaté. Tudo retrata o fausto do apogeu de 1927 que, embora curto, marcou quem dele participou. Em 1941, Henrique Lage faleceu e Gabriella permaneceu no país apenas mais alguns anos, vindo a morrer na Itália após um segundo casamento.

O prédio da EAV passou a ser de domínio público durante o Estado Novo, quando os bens de Henrique Lage foram expropriados por Getúlio Vargas, por conta de uma hipoteca. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional iniciou em 1957 o processo de tombamento do Parque e, em 1966, o IBA instalou-se em suas dependências. Em 1975 transformou-se em Escola de Artes Visuais.

O prédio é cercado por um parque de aproximadamente 625.000m<sup>2</sup> – Parque Lage – e tem mais de 3.000m<sup>2</sup> de área construída.

(Pesquisa feita pela equipe da Biblioteca da Escola de Artes Visuais em 1984.)

## AS PRIMEIRAS RESPOSTAS...

PAULO HERKENHOFF: "Essa Geração 80 talvez seja o primeiro fruto da liberdade que se vai conquistando..."

Geração Oitenta — quem e quantos? Como e por quê estão

Há cerca de quatro anos MÓDULO concede amplo espaço para a divulgação e a análise dos fatos da arte contemporânea no Brasil. Ao se unir com os idealizadores da ampla coletiva "COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?"

que se inaugura no dia 14 de julho deste ano, MÓDULO realiza, assim, a sua primeira edição especial inteiramente dedicada às artes plásticas e mantêm-se absolutamente fiel aos seus princípios editoriais básicos: promover, dentro de suas possibilidades, a reflexão e o registro dos principais acontecimentos da arte no Brasil, dentro de seu padrão de arrojo e seriedade que a caracteriza como a revista de maior penetração e circulação regular brasileira para o setor. Este texto introdutório faz questão de assinalar dois registros: o primeiro, a todos os 123 artistas integrantes de "Como Vai Você, Geração 80?" cuja capacidade profissional e competência darão à mostra a necessária ressonância; o segundo, às galerias de arte que participam desta edição em número expressivo. Esse comportamento, antes de tudo, revela confiança na produção artística contemporânea brasileira e assinala a existência de uma estrutura de mercado mais competente, cujas iniciativas todos os segmentos do circuito artístico nacional hão de se beneficiar.

escolher o necessário e esquecer o escolhido.

O Rio tem museus e acervos. O MAM ainda não se encontra a bastante — faltam cinzas para a fênix. E neste quadro, como se forma o olhar desta geração? Ou se var, senão se vagam?

A parte estagnação em muitos pontos, a década testemunha um amolecimento bem localizado do sistema de arte. Há um curso técnico onde se estendem os "espíritos sem olho" ina

pergência

gir um discurso

o Sertão Quarte

processo de

o e a solidiedade

o de usar contra o

o encontro

o argumento de

o modelo não

o (inter)paes

o e

o da de irvação de

o mais anual

o primeira

o de Arte

o

o

o

o

## AS PRIMEIRAS RESPOSTAS...

**PAULO HERKENHOFF: "Essa Geração 80 talvez seja o primeiro fruto da liberdade que se vai conquistando..."**

Geração Oitenta — quem e quantos? Como e por quê estão aqui? Onde está a outra geração 80 fora dos temas e modos hegemônicos? Resiste ou desiste? O que significará para uns e para outros estar e não estar nesta exposição tão significativa?

Eu não me atrevera a buscar um significado para a produção desta geração oitenta, com tantos no limiar. Não peço certidão de idade (regionalismo) nem passaporte (importação de modelo). De modo geral vejo, ou procuro ver, traços nesta geração que a distingam da década anterior. Para começar não cobra critérios com o fervor dos anos 70 no Rio. Nem escamoteia, por trás dessa questão cultural, sob guerreiros títulos "embate das linguagens", as lutas por mercado, poder e glória e as formas autoritárias, excludentes, e castrativas de abater o inimigo. Não há mais aquele embate, quase-heróico e semi-religioso. Talvez não recorra a Harold Rosenberg, para a crítica de uma categorização da arte por décadas, por compreender que Geração 80, mais que tudo é a vontade de organizar uma exposição, testemunho do momento, que sabe existir, de tantos artistas emergentes e com a participação apaixonada de tantos.

Na obra desta geração há menos racionalidade e mais prazer (como a década gosta e desgasta o termo)? Há menos guerra entre arte e mercado (suas ideologias coincidem, se aproximam, concedem?): a obra não tem a intenção de enfrentar heroicamente o mercado. Não há mais artista-Kamikaze: quem quer viver profissionalmente do seu trabalho que procure se entender com as forças do mercado. Amadurecimento. Feras e mamutes (setores da crítica e da imprensa, instituições públicas, Museus, etc.) já não são cutucados e nem mobilizam tanto os artistas. Falta uma indignação coletiva, publicamente manifestada. Ou sobra a descrença ou a falta de saco?

Essa geração tem suas próprias táticas. Se não se fascina pelos prêmios dos salões, no entanto não abre mão de participar deles. O Salão Nacional contou com o absoluto desprezo dos artistas emergentes na década de 70. Será surpreendente a verificação de quantos artistas que estão nesta mostra participaram dos últimos Salões, entre aceitos e recusados. Quase a totalidade. E porque o Salão Nacional não tem a vitalidade desta mostra? Porque ela é desburocratizada.

Essa geração 80, aponta para a questão da formação do artista no Brasil. Presença de escolas como o Parque Lage e Ingá. Essa produção recupera antigas formas de ensino, anteriores à formação do artista pós-moderno de Mário Pedrosa. Saber passar pelas Belas Artes e adjacências,

escolher o necessário e esquecer o escolhido.

O Rio sem museus e acervos. O MAM ainda não se incendiou o bastante — faltam cinzas para a fênix. E neste quadro, como se forma o olhar desta geração? Onde ver, senão na viagem?

A parte estagnação em muitos pontos, a década testemunha um crescimento bem localizado do sistema de arte. Há um curso teórico onde se espanam os "espíritos sem olho" (na PUC-RJ, sob a direção de Carlos Zilio). Experiência fundamental para a cultura no Rio. Vê surgir um discurso de administrador cultural como em Paulo Sergio Duarte e a energia de Marcus Lontra.

Esta exposição tem uma grandeza no seu processo de organização, contando com a participação e solidariedade de tantos. E uma enorme vontade de fazer contra o desestímulo das condições concretas. Narciso ficou colado no espelho e o monopólio de mercado preso no cofre. Mais que embates há a solidariedade e a celebração do encontro. A crítica de arte brasileira tem revisto um segmento da produção brasileira dos anos 70 importante um modelo não só de análise como a própria realidade analisada (européia). O "cerebralismo" da arte naquele período está menos vinculado às análises psicológicas do fazer dos artistas e muito mais preso à censura oficial, cultural, mercadológica, à repressão (seria fechável a representação brasileira na Bienal de Paris em 1984?), à tortura (quem nesta geração esteve numa prisão por motivo político ou de infração de certas normas sociais?). Essa Geração 80 mais sensual, menos culpada, nada miserabilista talvez seja o primeiro fruto da liberdade que se vai conquistando passo-a-passo no caminho a trilhar em Pindorama.

**(artista plástico, Diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas/ Funarte)**

**ANNA BELLA GEIGER: "Quem ficará?"**

A Bienal de Veneza em 1980 mostrava, num galpão de barcos, o "Aperto 80", e determinava assim o que seriam estes anos em termos de artes plásticas. O nome: "transvanguardia", alguma coisa a ver com vampiro? O crítico, sem muita vidência, andou vendo o que se estava fazendo por aí e se aventurou a declarar o novo estado das coisas na arte.

Nos bastidores — o palco —, a luta dos centros culturais pela hegemonia, ou melhor, Europa versus USA, ou melhor, Itália, Alemanha versus N. York.

O retorno do expressionismo, forte componente da alma alemã, e porque não da italiana, e de Borofsky, Schnabel etc.? afinal, duas almas vivem ach! em qualquer peito... E não é uma questão só de geração, alguns estão nos seus 40 anos — é sim, o desconhecimento, recusa mesmo, proposital ou não, do uso do intelecto — não é, como andam dizendo, parecido com história em quadrinho não, é o espaço mítico que volta, daí a semelhança com a pintura do louco, do inconsciente. É o erro mais que o

acerto, é o *mais* e não o *menos*, afinal, o que pode acontecer no acúmulo, no erro — não é a obra, a grande obra?

E Duchamp deixou de ser o mestre para esta década. As questões primordiais da pintura estão aí, a pintura, o suporte, é ainda um enigma.

E no circuito, como funcionou? As coleções dos Museus, Pinakotheken, Kunsthallen foram literalmente invadidas por quadros gigantescos — por que tão grandes? “Para serem vistos melhor” — e isto mesmo antes destes acervos possuírem obras de artistas importantes dos anos 70. Por que será que os curadores quase unanimemente correram para adquiri-los? Monotonia das suas paredes? Falta de público? Pois lá estão agora os quadros imensos, cheios de erros, energias, sem o menor apuro técnico. Palladinò, Immendorf ou Penck, etc. não devem estar preocupados com isso. A cor nas gravuras em linóleo de Immendorf foi entintada com tinta de parede, e os pedaços caem, não aderem ao papel — mas quem está preocupado com a duração, longevidade da obra? — o importante é fazer.

No contexto brasileiro não é preciso muito esforço — e não interessa aí se os neo-fauves, transvanguardistas, vem da Transilvânia ou são dos nossos matos — para entender a situação local: espremidos entre uma forte pressão neo neo concreta, decorativa e a abstração, num “lobbysmo” daqueles, como se se tivesse de pertencer a clubes, saíram disso. Mas lembre-se, tudo pode, como sempre pôde, só que dos anos 50, 60, 70, 80, 90, ano 2.000, quem ficará para ser lembrado na segunda metade do século XX? Muito poucos.

(artista plástica)

**ANNA LETYCIA QUADROS: “Uma Geração que só viveu sob o Regime da Força”**

Eu tive uma experiência anterior no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro durante a década de 60. Era inteiramente diferente do Ingá, do qual sou a responsável pela Oficina de Gravura desde a sua fundação, em 1977. No MAM, a maioria dos alunos era composta por senhoras, havia poucos jovens. No Ingá, pela sua localização difícil, em Niterói, a oficina foi procurada por pessoas realmente interessadas nos processos da arte. A distância selecionou: a maioria dos integrantes do Ingá é jovem, rapazes principalmente. Muitos dos integrantes da “Geração 80” passaram pelo Ingá. O conhecimento das técnicas da gravura foi e é muito positivo. Os artistas, ao mesmo tempo em que trabalham num clima de liberdade, e aceitam a indisciplina como elemento importante para a sua produção, compreendem, por outro lado, a importância do fazer, do método de criação, da disciplina. É nesse terreno, entre essas duas situações aparentemente paradoxais, que eles veiculam a sua produção. O que acredito também importante é que no Ingá, além de formarmos excelentes

técnicos de gravura, formamos artistas plásticos. Fernando, Armando, Ana, Chico, Helen e tantos outros, não são apenas gravadores, são antes de tudo, artistas plásticos. O contato com esses jovens me ensinou alguma coisa: é uma geração que não teve facilidade alguma, que viveu sempre sob o regime da força. Hoje, se a situação política é menos opressora, a situação econômica impõe uma outra barreira. Eles não podem conhecer nada, nenhum jovem hoje pode pensar em ir à Europa, diferentemente de minha época, quando, com algum sacrifício, dava para se ir ver o que acontecia nos museus e nas galerias. Apesar disso, eles são muito politizados, e isso me surpreende, principalmente a coragem: enquanto nós, nos comícios, sobressalta-mo-nos com qualquer coisa, eles são muito mais abertos, desfraldam as faixas amarelas e sem medo pedem “Diretas, já”.

(artista plástica, Coordenadora da Oficina de Gravura do Ingá)

**LUIZ ÁQUILA: “A Maior Desgraça é Não Pintar”**

Não existe um movimento, o que existe são coisas, atitudes em comum. É inegável que, hoje, abrem-se novas possibilidades de relação com a arte. O conceito, fundamental durante a década passada, perde importância, trata-se de afastar o Prof. Beuys. A pintura hoje está aí, com força total, como linguagem específica na qual o indivíduo deixa de buscar padrões fora dele e busca seus próprios referenciais. O meu trabalho, como pintor e como professor, ou melhor, companheiro desses jovens artistas, é no sentido de se ver a pintura com novos olhos, desmitificá-la, trazê-la ao cotidiano, ao próximo de nós, trabalhar o afeto, o sensível. Num determinado período da década de 70, somente eu e o Claudio Kupermann segurávamos a bandeira da pintura entre os artistas da nossa geração. Logo no início de minha presença na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro pude constatar que grande parte dos jovens se interessavam especificamente sobre pintura. Não havia, nesta hora, nenhuma influência externa, nenhum deles, então, conhecia transvanguarda, bad painting, essas coisas. Ao contrário, eles se ligavam à pintura a partir da cor, da tinta, do fazer, trabalhar incessantemente sobre um espaço. É claro que, agora, passados alguns anos, a informação já chegou até nós e ela certamente influencia a produção. É importante, porém, que todos sejam cada vez mais informados, afinal, isto aqui não deve ser encarado como uma ilha, muito pelo contrário. Quando me perguntam se falta uma atitude de reflexão por parte desses artistas “Geração 80” eu discordo inteiramente. O que existe, não em todos, mas em sua maioria, é falta maior de informação. É inegável que a razão hoje está por baixo, vive-se a era explosiva do sensível, da emoção. O importante, porém é que esses artistas tomem cuidado e não se deixem recorrer ao jogo fácil da sedução. Talvez esse momento atual da arte brasileira seja radical, hoje tudo está muito “explosivo”, falta um pouco de tempo, de parar e conversar devagar,

analizando as coisas, sem paixão, com prazer. Mas isso, acredito, virá com o tempo. O importante, mesmo, é que, com esses corajosos artistas da nova geração, a alegria e a coragem de viver e de fazer arte estão de volta. E tudo isso é muita pintura, cor, pele, emoção. A geração 80 é muito, é mais pintura. E a maior desgraça é não pintar.

(artista plástico, Professor de pintura da EAV)

**HAROLDO BARROSO: "Não Importa Somente Fazer. Importa Ejacular"**

A minha geração teve uma formação inteiramente européia e americana. Vivíamos, jovens então, o furor da "nouvelle vague", era a Geração Paissandu. Hoje, estamos tentando nos recompor, depois que a informação foi castrada, dentro do possível, pelo autoritarismo dos últimos anos. Esse autoritarismo, base na qual foi formada esta nova geração de artistas plásticos, explica e justifica seu comportamento. É contra toda e qualquer sorte de imposição que eles se rebelam, contra o totalitarismo do ensino e da cultura oficializada, eles propõem a liberdade, a impulsividade. O seu lema é "Rasga Coração". Eu, como idealista, adoraria ter a força, a ousadia que eles têm. A arte como lema de vida; não mais como um projeto, uma idéia, e sim como fazer, acontecer, e acontecer feliz. Não importa somente fazer, importa ejacular, ter prazer, ir ao fundo. O intelectual da minha geração é autoritário e paternalista. Ele tenta justificar, impor conceitos, apontar rumos, para essa nova geração. Acontece que, na verdade, a "Geração 80" está cagando pra gente. Essa geração percebe, de maneira clara, que por trás de toda essa ideologia existe uma tática que visa a desmerecê-los, acomodá-los. Na verdade, as pessoas sabem que os espaços de atuação são poucos no Brasil e não querem passar a boia. Algumas pessoas vivem à dizer que a nova geração é burra, não é politizada, etc. Entretanto, enquanto muitos ficam em casa vendo televisão, é a gente jovem que enche as avenidas, nos comércios, nas manifestações. Tudo isso, é claro, com muita alegria, muito prazer. No setor das artes plásticas, a nova geração chega com força. A minha presença cotidiana com esses jovens, no Ingá, me ensinou muito. Nós não pensamos em formar escultores, a nossa proposta é uma idéia de liberdade, ninguém se preocupa com racionalidades exageradas, o trabalho é o corpo, o existir, escultura é manipular o espaço, é um se colocar no mundo. Com eles, mantenho meu otimismo: apesar da gerontocracia estar em todas, apesar do mercado se interessar fundamentalmente pelo já estabelecido, por aquilo que não assusta mais, eu tenho certeza que a conquista da liberdade, de uma arte mais comprometida com a vida, essa será sem dúvida alcançada por esses jovens alegres, impetuosos, arrogantes e, principalmente, corajosos.

(artista plástico, Coordenador da Oficina de Escultura do Ingá)

**ADRIANO DE AQUINO: "Geração 80 — Expectativa e Tensão"**

Este encontro, na Escola de Artes Visuais, dos artistas que participam da exposição "Como vai Você, Geração 80?", marca duas preocupações básicas que inspiram as atividades artísticas/culturais incentivadas pela Secretaria de Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, trazer ao conhecimento do público não apenas as obras de arte já consagradas, mas também uma produção, não necessariamente marginal, mas que se encontra a margem de uma difusão mais ampla. Em segundo: esta revelação traz consigo, as contradições da produção plástica contemporânea no Brasil, sem máscara e sem disciplina teórica, para levantar poeira e provocar o debate. O critério estabelecido pelo Diretor da Escola de Artes Visuais, Marcus Lontra, e seus colaboradores, Paulo Roberto Leal e Sandra Mager, demonstra exatamente esta preocupação, observando a qualidade da produção selecionada para a mostra, e trazendo ao público, em conjunto, a última fornada de artistas plásticos que expressam, assim, as diversas e até antagônicas correntes estéticas que se acotovelam no circuito brasileiro de arte. A mostra é abrangente, não se limitando a uma abordagem particular de determinada corrente estética. Este ecletismo poderá desagradar a muitos puristas, que só conseguem analisar os objetos de suas investigações quando neutralizam as diferenças. A idéia dos organizadores é frontalmente oposta a este método de análise; ao contrário, houve a preocupação em tornar contundente as contradições e revelar, de forma explícita, a geléia geral que é a arte brasileira. Do outro lado da ponte, alguns dos artistas expositores lançam seus urros na esperança e no desejo, cuspidos no poço da racionalidade, abolindo os grilhões do sofrimento pela busca, não resistindo ao fluxo das coisas sociais, em geral conduzidas por um grupo restrito de pessoas alegres e felizes. Participar da festa sem preocupações de pagar a conta. Buscar o prazer no fazer e no viver. Os cotovelos pontudos desse grupo de artistas quando acionados para abrir caminho pelo corredor que dá acesso a ante-sala do circuito de arte, provoca muita faísca que acaba por chamuscar um blusão, uma camisa. Neste estreito e populoso corredor se espremem várias tendências estéticas, cada qual, cada grupo, querendo chamar a atenção de si, na esperança ou descrença, contrapondo ardor à arte que consideram estabelecida, manifestando, às vezes, com excesso, seu negativismo. Estas diferenças, no entanto, acabam por integrá-los à busca permanente de um perfil que surge e cresce como contribuição e como tempo no universo das artes plásticas no Brasil. E permanece.

(artista plástico, Coordenador do Departamento de Artes Visuais da FUNARJ)

# GUTE NACHT HERR BASELITZ

OU

# HÉLIO OITICICA ONDE ESTÁ VOCÊ?



Ciro Cozzolino — acrílico s/tela, 1984

foto João Bosco

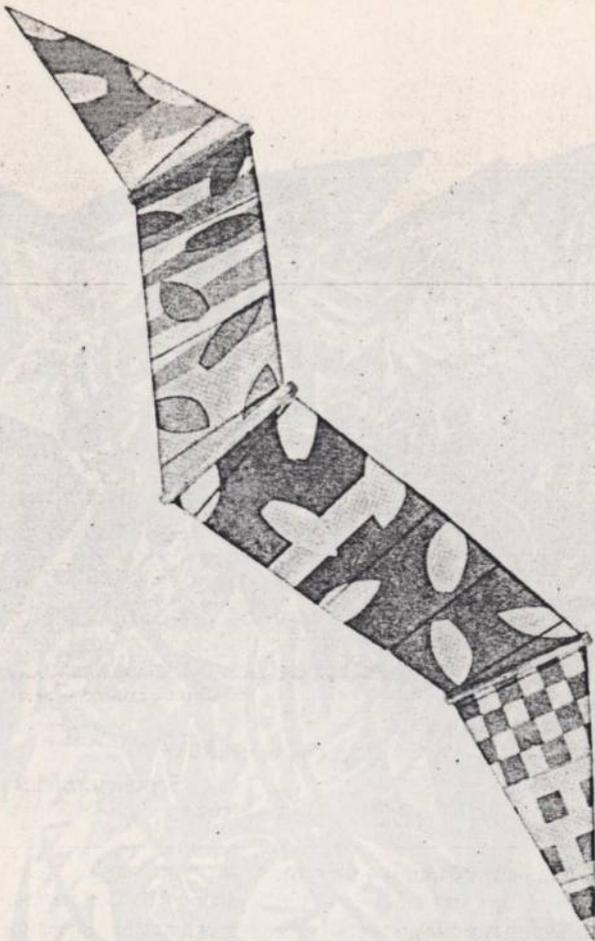
Frederico Moraes

1. Ana Horta falando de sua pintura: "emoção para fluir, coração, algo assim como dançar". Releio meu texto para "Brasil Pintura" (Belo Horizonte, 1983) e vejo que falei ali em *rock-pintura*. Escrevi também sobre a nova pintura: "Dizem que é *bad painting*, eu a vejo linda. Dizem que é feia, ultrajante — eu a sinto sensualíssima. Tem seis dedos, um olho só e manca de uma perna. *I love her.*"

2. Alguns artistas que tomam a história como referência, insistem em manter a pintura como um teorema pictórico. Pintura é emoção, ela tem de nascer dentro das pessoas, no estômago, no coração, só na cabeça não dá. A arte vira ilustração de idéias e o erro está aí. A pintura é fruto de uma experiência, não nasce como teoria, mas ela pode gerar uma teoria. Uma frase de Henry Miller que coloquei no texto de apresentação da mostra de Maria Tomazelli (Galeria Saramenha): "o que comanda o mundo é o coração, não o cérebro."

3. Alegres, limpos, bem vestidos, bem paginados, os jovens da geração 80, mesmo depois de 20 anos de ditadura, não estão com a cuca fundida, não resistem, querem viver, acontecer, pintar. O que Jean Marc Poinsot escreveu sobre a representação francesa no catálogo da XII Bienal de Paris (1982), vale para a geração 80: "Certains ont cru voir dans la fraîcheur des sujets une manière innocente de réagir à la crise ambiente, une sorte d'ignorance saine: il

me semble plutôt qu'il a un retour sur un monde intérieur, une sorte de refus du présent adulte. Ces artistes n'en sont pas pour autant des innocents et cette régression a probablement une qualité libératoire moins dangereuse que les tentatives de totalitarisme dogmatique de certains de leurs aînés". Nesse mesmo ano de 82 escrevi sobre a nova pintura, que muitos definem como anti-autoritária: ela é uma reação à arte hermética, purista e excessivamente intelectual predominante nos anos 70. Um retorno do artista a si mesmo, à sua subjetividade, mediante a liberação de uma fantasia não planejada ou controlada, e que se manifesta por uma intensificação do gestual e da cor, quase um neo-informalismo ou neo-figurativismo. O que muitas vezes passava por rigor e objetividade na arte da década passada, era, na verdade, um excessivo hermetismo e este, por sua vez, era um alibi que escondia a empáfia dos artistas conceituais tratando de matérias — filosofia, economia, política, matemática — que não eram de sua competência. Contrariamente, quando os novos artistas propõem um retorno à subjetividade e à individualidade, eles estão querendo restabelecer a comunicação com o público, a partir de temas mais próprio ao universo da arte. Acrescento agora: por mais aberta que seja a obra de arte, ela configura um universo próprio e o artista, portanto, deve falar de coisas que lhe são próprias, específicas. Da mesma maneira, quanto mais individualizada é sua obra, isto é, fruto de uma experiência vital, mais comunicativa ela será. A volta à pintura está provocando um retorno do



Paulo Paes — escultura de papel, 1983

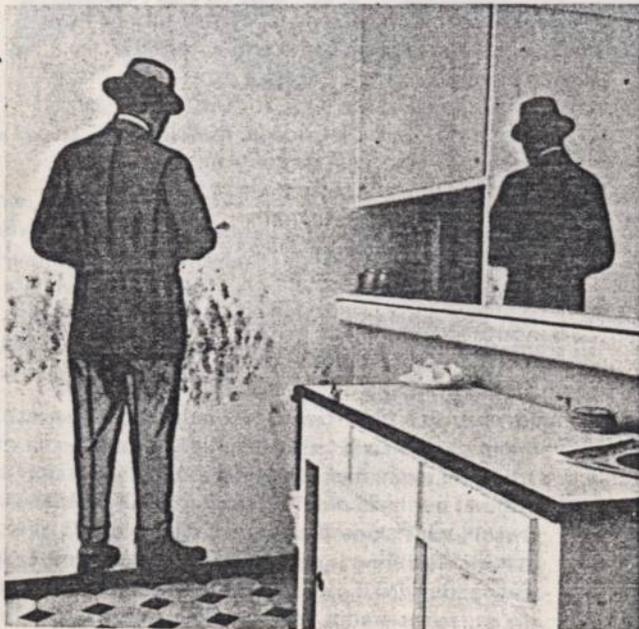
público aos museus, bienais e galerias. Com a nova pintura, o diálogo com o público foi restabelecido.

4. Prévia, conciliação, colégio eleitoral, recuos, como sair da crise? O que sobrou das diretas? Se ainda não mudamos a mentalidade dos nossos políticos, que continuam de costas para a Nação, negociando a portas fechadas seu feudo político, conseguimos descontraír o povo brasileiro. A volta às ruas foi além do ato político, foi uma vontade que as pessoas manifestaram de se juntar, gritar, cantar, de se tocar, de criar, juntas, uma nova cultura — popular, espontânea, baseada na improvisação, na alegria — uma cultura não hierarquizada, sem distinção de classes, cor, fora dos guetos. Uma vontade de trocar a solidão pela solidariedade. Este o fato novo gerado pelas *diretas já*, a carnavalização da política e da própria cultura, uma reação a toda forma de autoritarismo, seja ele político ou cultural. Duchamp dizia que "o sério é uma coisa muito perigosa. Para evitar o sério é preciso intervir com o humor. Uma pessoa séria é aquela que tem a sequência das idéias e a sequência das idéias conduz ao fanatismo. Um fanatismo tão condenável quanto o fanatismo da paixão. É o fanatismo da inquisição, que não hesita impor um credo, isto é, um movimento interior por imposições exteriores. É o fanatismo dos vigilantes da América, que defendem a moralidade dos linchamentos, é o fanatismo político que esvazia a política de todo conteúdo humano e impõe o Estado não para os indivíduos, mas contra eles. O homem sério não coloca nada em questão. Por isso o homem sério é perigoso, é natural que se torne um tirano". *Diretas já*, geração 80: a resposta é a mesma: a luta contra toda forma de autoritarismo.

5. Diferentemente das vanguardas dos anos 60 (artísticas, políticas) que sonhavam colocar a imaginação no Poder, que acreditavam ser a arte capaz de transformar o mundo, que se iludiam com as utopias sociais, os jovens artistas de hoje, descreem da política e do futuro. Mas não são exatamente pessimistas, ou melhor, preferem deixar as grandes questões de lado. E na medida em que não estão preocupados com o futuro, investem no presente, no prazer, nos materiais precários, realizam obras que não querem a eternidade dos museus nem a glória póstuma. Como me dizia Hilton Berredo: "É preciso investir na preguiça, no supérfluo. O importante é sentir-se no palco, como uma *star*, acontecendo.

6. Em que vai dar isso, não sei. Por ora é o que está acontecendo, e é preciso tentar compreender, antes de julgar. Este é o problema da crítica de arte: como acompanhar isto que está acontecendo, como manter, criticamente, a mesma velocidade dos artistas? Ou da arte? Há muito tempo, eu ouvi Mário Pedrosa dizer, numa conferência, que os críticos estavam com a língua do lado de fora, sem saber o que fazer. Hoje, como estarão? Catherine Milliet, a editora-chefe da revista *Art Press*, e uma defensora das tendências minimalistas e conceituais, comentando a exposição "Barroco 81", que ela organizou, e que foi a primeira, na

foto Kenji Ota



Zaidler e Matuck — graffiti, 1984



Jorge Duarte — acrílico s/tela, 1984

França, a reunir a produção dos 80, disse: “Devido ao tema, pensávamos que preparávamos uma exposição de *pattern painting*, logo confrontávamos as tendências mais abstratas e que são chamadas globalmente de *new image*, finalmente, esta nova imagem deixou de ser representada, pois nos apegamos à figuração muito incerta, relaxada, maltratada de Borofsky, Schnabel, Cane”.

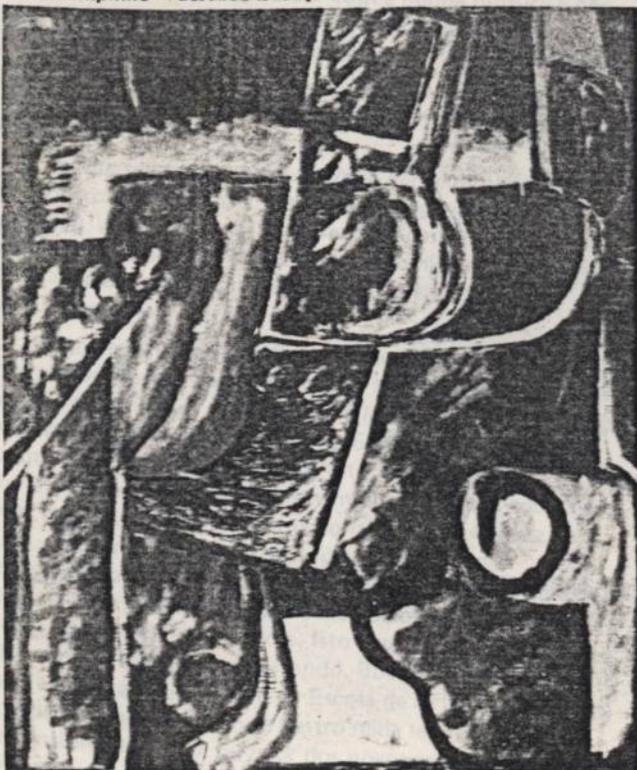
7. Listar os participantes de “geração 80”, um caminho, quem sabe, para levantar categorias, classificações: *gesto* (Ana Horta, Guinle, Alexandre Dacosta, Barrão, Basbaum, Elizabeth Jobim, Jacquemont), figuração livre (Angelo Marzano, Daniel Senise, Umberto França, Luiz Pizarro, Sérgio Romagnolo, Ciro Cozzolino, Leonilson), *grafitti* (Matuck, Zaidler), *art-door* (Eduardo Kac), miniaturas (Jeanete Musatti), grande formato (quase todos), ausência de chassis e molduras (idem), história da arte (Ester Grinspum, Jorge Duarte), cor (Claudio Fonseca), construção (Gerardo), *pattern* (Leda Catunda, Berredo), performance (o “mágico” de Brasília), instalações (Sepúlveda), novos materiais (Berredo, Bentes, Paulo Paes), etc. Mas o caminho não é este, pois, outra vez, apesar da ênfase atual que se dá à pintura, todas as categorias foram para o beleléu ou se mesclam, e o jovem artista dos anos 80 não se sente absolutamente comprometido com temas, estilos, suportes ou tendências. Joga pro alto qualquer coerência. A pintura voltou a ser um vale tudo. Breton dizia que a função da arte

era desarrumar o cotidiano. Hoje, o importante é desarrumar a própria arte, sua história. Beatriz Milhazes pinta colunas gregas, mas não está pensando em história da arte. Enés transita entre a construção e a figura, Jacquemont entre esta e o gesto. Não existem mais fronteiras ou estilos. Tudo vale, nada vale. A história da arte foi virada de cabeça pra baixo, e neste sentido, os ícones invertidos de Baselitz, Salomé, Kosuth valem como um símbolo da nova pintura. Em vôo cego, morcegante, os artistas penetram em todos os desvãos ou escaninhos da história da arte, do realismo ao simbolismo. O pós-moderno tem sido, na verdade, um recuo até os estilos pré-modernos, chegando até a uma neo-primitividade. Pedrosa, sempre ele, já propunha um retorno ao neolítico, a tudo aquilo que significa origem. O neo-concretismo foi isso: redescobrir a origem do ato criador. Os novos pintores tentam chegar a isso pela via temática, isto é, “o que muda, de fato, não é fundamentalmente a operação produtiva da obra, mas, de uma parte a natureza e o número dos signos públicos disponíveis, e de outra parte, as ideologias artísticas regulando a escolha dos signos pessoais e públicos para cada artista” (Poinset).

8. O que estão chamando hoje de geração serroté (formas ponteadas, cortantes) pode ser apenas a forma das couraças de brontossauros, estegossauros, ancilossauros, a coisa fica entre a antropofagia estilística e a arqueologia temática — escavar ou devorar? Ao invés de Louvre, do



Paulo Campinho — acrílico s/tela, 1984



Daniel Senise — acrílico s/tela, 1984



Jair Jacquemont — óleo s/eucatex, 1984

Prado, do Metropolitan, da Tate Gallery, os museus de história natural. No lugar dos livros de história da arte, a Bíblia, no lugar dos tratados de estética e de filosofia, os *comics*, a tv, videoclips, videogames. Ainda outro dia, Baravelli me dizia, em entrevista, que é uma pessoa muito comum, que gosta de trocar fusíveis, serrar coisas e, à noite, ver filmes de televisão. Quanto piores... melhor, tipo Maciste e os Gladiadores: é aí, nesta espécie de lixo televisivo, como também nos catálogos de materiais, nas listas telefônicas que ele encontra as imagens com as quais vai trabalhar. Leda Catunda faz o mesmo nas lojas de departamentos (edredons, plásticos, toalhas), Leonilson andou pintando sobre tecido de barracas de praia, Berredo compra tecidos vários e, como agora, borracha nas lojas da rua da Alfândega. Abaixo os clássicos, viva Carlos Zéfiro. Colocar bigodes na Mona Lisa, como lembra o mesmo Baravelli, é uma operação muito delicada, tem muita história atrás. Sérgio Romagnolo: "Não quero exercitar o que sei, quero fazer alguma coisa que não entendo, que desconheço. Tenho de aprender com a minha pintura e não fazer o que sei. Acabou o mistério, a pintura não me interessa mais". O quadro como uma aventura, dizia Braque, ou como disse também Picasso: "Desejaria alcançar uma etapa em que ninguém pudesse dizer como surgiu um de meus quadros".

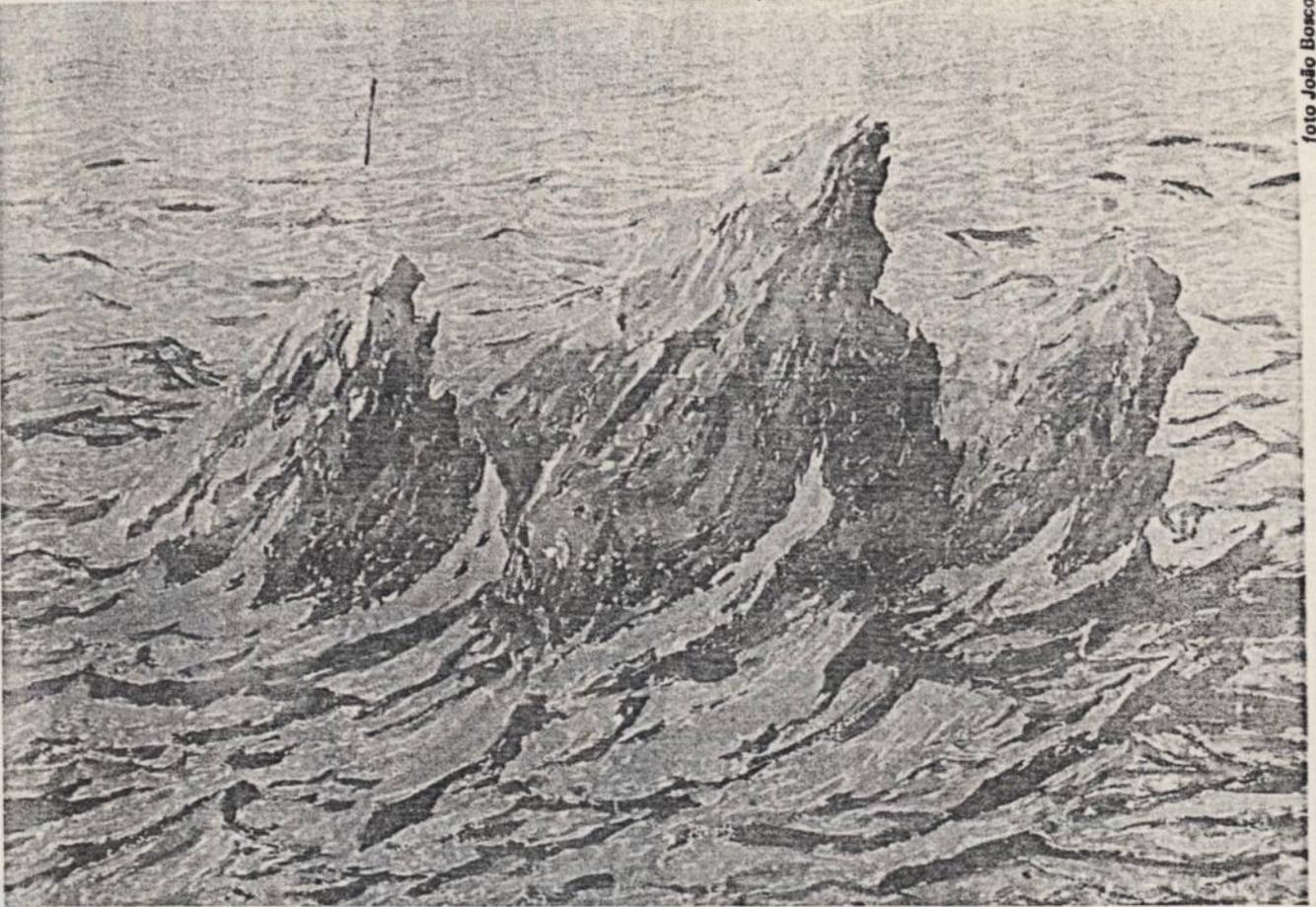
9. *Er hat die reinheit eines Menschen, der schon allen weib, der schon die schlimmsten Verbrechen begangen hat, die perfekten Verbrechen*, foi o que escrevi para a exposição de Iwald Granato na Galeria Maedler, de Munique. *Gute nacht herr Baselitz* escreveu Cirol Cozzolino no título de um de seus quadros.

10. Um tema a estudar, a influência das escolas de belas artes no surgimento da nova pintura. Me parece sintomático que esta exposição se realize não no Museu de Arte Moderna, como sera razoável esperar, mas na Escola de Artes Visuais (Parque Lage). Ou que o público lote, em dois dias, a galeria Thomas Cohn para assistir minhas palestras sobre as novas tendências da arte internacional. Como a crítica, os museus sentem dificuldade, por sua burocracia, de acompanhar a dinâmica da arte atual. Neste sentido, também a crítica de arte está sendo deslocada pelos *merchants* na criação de tendências artísticas. Isto provavelmente não é bom, mas é o que está acontecendo. Boa parte da nova pintura carioca, hoje, nasceu na Escola de Artes Visuais. Pode parecer que Amilcar de Castro nada tenha a ver com esta sensibilidade *punk* ou *rock* dos novos artistas, ele que integrou o neoconcretismo, mas seu desenho — gesto e construção — é um exemplo. Muitos dos mineiros que integram esta geração dos 80 aprenderam com Amilcar. Baselitz, Immendorf, Luppertz, entre outros novos *fauves* alemães, foram alunos de Beuys na Academia de Belas Artes de Dusseldorf.

11. Outro dia eu fui visitar o Projeto Hélio Oiticica: café duro. Quase tudo o que andam fazendo por aí, Oiticica já fez. Vi,



Beatriz Mihalhes — acrílico s/tela, 1984



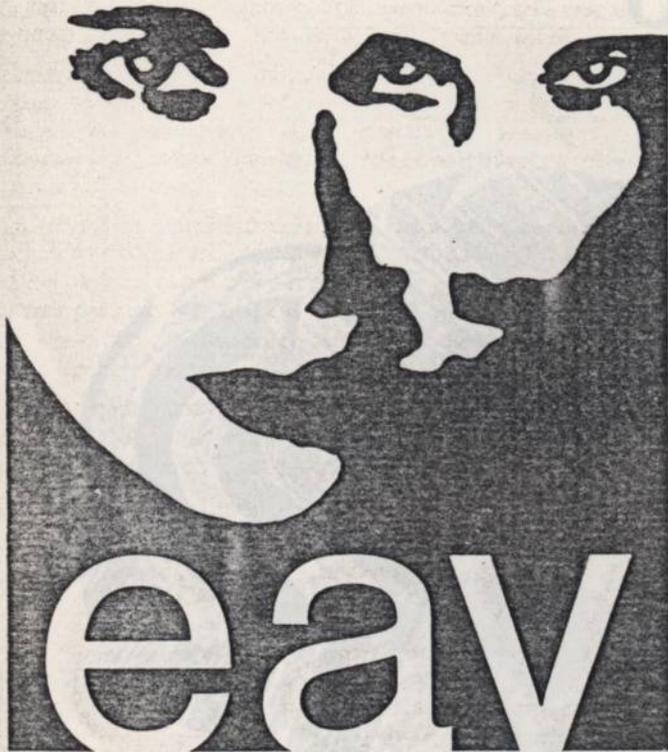
Cláudio Fonseca — acrílico s/tela, 1984

pela primeira vez, pinturas da época do Grupo Frente, deslumbrantes, revi seus Parangolés, os bólides, revi o "trenzinho" (objeto cinético) que ele enviou para a IX Bienal de Tóquio, em 1967, por indicação minha, revi seus "penetráveis", o projeto "Cães da Caça", um projeto para o Central Park, em Nova York, revi, em minutos, a história recente da arte brasileira. Quase tive um orgasmo, como diria, sem qualquer cerimônia, o nosso vice-governador Darcy Ribeiro. E eu me lembrei que o Arcangelo Ianelli diante de observação semelhante de alguém entusiasmado com sua última fase de pintura, a cor como construção, reagiu: "pera af, assim também não".

12. A revista *Manchete* desta semana (18.6.84) publicou uma reportagem sobre a nova pintura carioca ("Transvanguarda: o pop e o punk explodem nas telas"). A foto a cores que abre a matéria, em duas páginas, é muito ilustrativa do que está ocorrendo. Ilustrativa no sentido simbólico. Em primeiro plano, a esquerda, Jorge Guinle aparece apoiando-se em uma de suas telas energéticas, hoje mais viris e informais. Aparece apenas metade da tela — a outra parte, como se fora a face obscura da lua, é o que o grande público desconhece, a história da arte. No centro da foto, Manfredo Souza-neto aparece apoiando um dos seus quadros construtivos com cores que são terras de Minas. O quadro sugere, em *tromp-l'oeil*, uma escultura, ou se quiserem, algo desengonçado, que ameaça cair. É o retrato atual da arte construtiva no Brasil, ameaçada novamente, por uma avalanche neo-informal ou neo-figurativa. No fundo, na parede, um dos recortes pintados de Baravelli, que em confronto com a nova pintura, parece algo muito bem comportado. Do lado direito, no chão, descontraidamente,

aparecem Paulo Campinho e Jorge Duarte. Na tela do primeiro um dos universos temáticos a que recorre, com frequência, o pintor dos anos 80: os *comics*, resultando, quase sempre, numa figuração explosiva. Duarte aparece encostado junto a uma figura "picassiana" que, em sua tela, contrapõe-se à pintura gestual na outra extremidade, no centro da tela, uma espécie de enciclopédia de novos ismos. Para o artista de hoje, não há nenhuma preocupação em superar, metodicamente, os ismos, evolução que Bonito Oliva denomina de "darwinismo linguístico". É a história da arte vivenciada aos trancos e barrancos, tudo de uma só vez. Aliás, é essa mesma história, como uma onda, que ameaça desabar sobre todos nós, críticos e artistas, ou no mínimo sobre Berredo, um enamorado do ecletismo, das serpenteantes molduras barrocas. A arte como vestimenta para a vida. O barroco, mais do que qualquer outro estilo, de hoje ou do passado, foi um estilo de vida, um estilo total. Hoje vivemos um novo barroquismo, uma fase de excessos e faustosidades, de brilho e retórica. Duas exposições sequenciais realizadas na França, esta década: "Après le classicisme" e "Baroque 81". Bem no fundo da foto, entronizado numa escada-pedestal, discretíssimo, aparece Luiz Áquila, que na Escola de Artes Visuais, como professor, formou muitos dos novos pintores da geração 80. Vanguarda, como se sabe, é um termo de guerra. Os artistas que aparecem na foto são, segundo o articulista, a linha de frente da nova arte carioca e/ou brasileira. Mas novos batalhões de jovens artistas devem estar ameaçando a retaguarda e, no atropelo de sua chegada, certamente irão derrubar o mestre Áquila e os que se encontram à sua frente. "Geração 80, como vai você?" deverá ser algo parecido parecido como uma guerra louca, vai sobrar estilhaço para todo mundo.

# Escola de Artes Visuais Parque Lage



**MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS  
DO SEGUNDO SEMESTRE DE 1984:**

## **NÚCLEO BÁSICO (Cor, Espaço, História)**

**Professores:**

Isabella Sá Pereira, Charles Watson e Ronaldo Macedo,  
Segunda, Quarta e Sexta, de 14 às 17 horas.

Manoel Fernandes, Luiz Áquila e Milton Machado,  
Segunda, Terça e Sexta, de 19 às 22 horas.

## **NÚCLEO TEÓRICO (Em Formação)**

**Professores já contactados:**

Frederico Moraes  
Ronaldo Macedo  
Enéas Valle

## **NÚCLEO DE PINTURA**

**Professores:**

Nelson Augusto – Segunda e Quinta, de 14 às 17 horas.

Charles Watson – Terça e Quinta, de 9 às 12; de 14 às 17 e de  
19 às 22 horas.

Luiz Áquila – Segunda e Terça, de 19 às 22 horas.

Claudio Fonseca e Hilton Berredo – Quarta e Sexta, de 19 às 22 horas.

## **NÚCLEO DE DESENHO**

**Professores:**

Astréa El Jaick – Terça, de 9 às 12 e de 14 às 17 horas;  
Sexta, de 9 às 12 horas.

Nelson Félix – Quarta e Quinta, de 9 às 12 horas.

Manoel Fernandes – Segunda, de 9 às 12 horas.

Claudio Kuperman – Quarta e Sexta, de 9 às 12 horas.

Mollica – Terça, de 14 às 16 horas.

Luiz Antonio Norões – Terça e Quinta, de 15 às 18 e de 19 às 22 horas.

Luiz Ernesto – Quarta e Sexta, de 14 às 17 e de 18 às 21 horas.

## **NÚCLEO DE GRAVURA**

### **GRAVURA EM METAL**

**Professores:**

Solange Oliveira – Terça e Quinta, de 14 às 18 horas.

José Lima – Quarta e Sexta, de 9 às 21 horas.

### **XILOGRAVURA**

**Professor:**

Anna Carolina – Quarta e Sexta, de 8 às 12 e de 18 às 22 horas.

### **LITOGRAFIA**

**Professores:**

Antonio Grosso – Segunda, de 8 às 12 horas; Terça, de 8 às 12 e  
de 14 às 16 horas.

Edgar Fonseca – Terça e Quinta, de 14 às 18 horas; Segunda, e  
Sexta, de 19 às 22 horas; Quarta, de 14 às 18  
e de 19 às 22 horas.

### **SILK-SCREEN**

**Professores:**

Evany – Segunda, de 9 às 12 horas; Quarta, de 9 às 12 e 14 às 17 horas.

Geraldo – Segunda, de 14 às 18 horas; Terça, de 8 às 12 horas.

## **NÚCLEO DE FOTOGRAFIA**

**Professores:**

Carlos – Segunda, Quarta e Sexta, horário integral.

Lúcio Flávio – Terça e Quinta, de 9 às 12; de 14 às 17 e de  
19 às 21 horas.

Fernando Moura – Terça, de 19 às 21 horas.

## **OFICINA 3D**

### **ARTES DO FOGO**

Celeida Tostes – Quarta, Quinta e Sexta, de 13 às 18 horas.

### **PESQUISA DE MATERIAIS**

Nelly Gutmacher – Segunda, de 14 às 17 e de 19 às 22 horas;  
Terça, de 14 às 17 horas.

### **ADEREÇOS – COTIDIANO (Teatral I)**

Lícia Lacerda – Sexta, de 13 às 17 horas.

### **ADEREÇOS – COTIDIANO (Teatral II)**

Rosa Magalhães – Quarta, de 8.30 às 12.30 horas.

### **PAPEL ARTESANAL**

Mario Azebedo – Terça e Quinta, de 19 às 22 horas.

## **CURSOS AVULSOS**

**Teatro de Bonecos:**

Pedro Dominguez – Segunda e Sexta, de 14 às 18 horas.

**Desenho e Pintura:**

Roberto Leal – Terça e Quarta, de 13 às 17 horas.

**Modelagem:**

Jaime Sampaio – Segunda, Quarta e Sexta, de 9 às 13 horas.

**Cerâmica:**

José Arthur – Terça e Quinta, de 9 às 12 horas.

**PAPAI ERA SURFISTA  
PROFISSIONAL, MAMÃE FAZIA  
MAPA ASTRAL LEGAL**

**"GERAÇÃO 80"**

**OU**

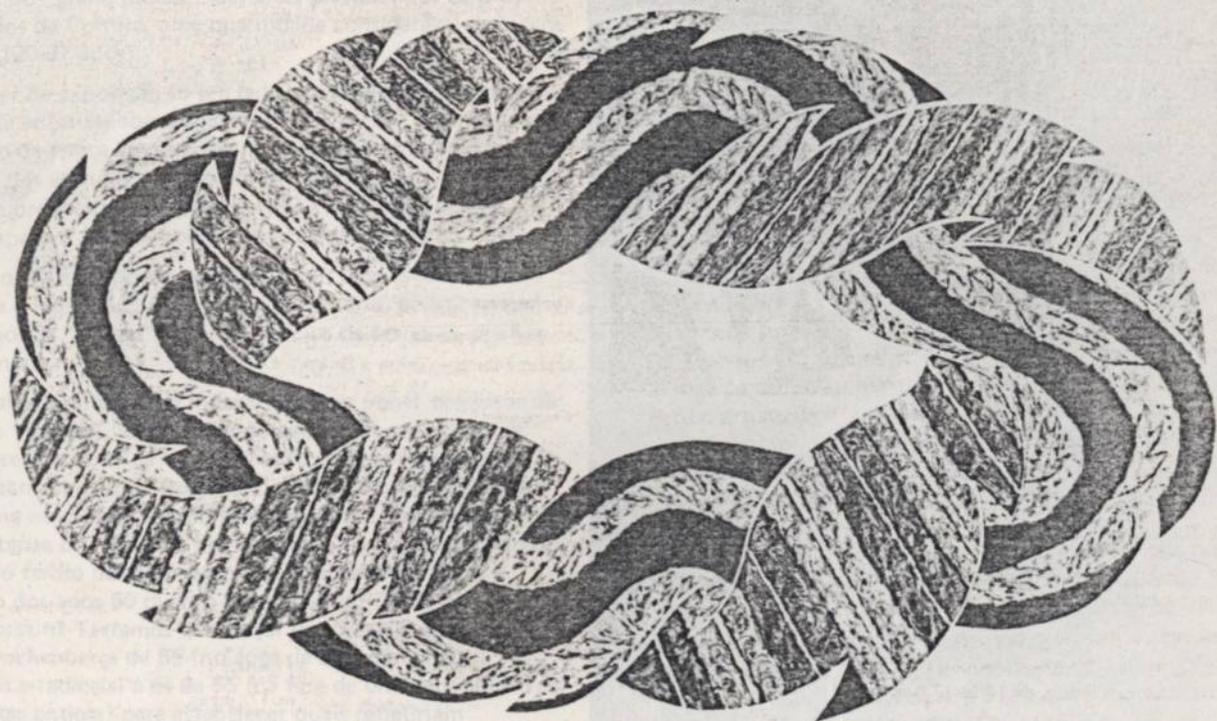


foto João Bosco

Hilton Berredo – acrílico s/borracha, 1984

**COMO MATEI UMA AULA DE ARTE  
NUM SHOPPING CENTER**

Jorge Guinle



**escola de artes visuais**

Rua Jacom Botânico, 414 – Parque Lage-Rio Tel. 226 1879

A exposição "Geração 80", Qual é a tua? ou Como vai você? é inaugurada no Parque Lage no "14 Juillet". Data da Queda da Bastille, data revolucionária "par excellence", será que ela serve de metáfora a uma nova geração artística revolucionária?

A exposição pretende reunir, pela primeira vez, sob uma mesma bandeira, ou não, sob a pressão ideológico-artística oriunda do "grand monde" das artes plásticas nos centros avançados da Cultura, uma quantidade considerável de jovens artistas (20-37 anos).

O caráter da exposição (o seu lado enciclopédico, abrangente) pretende enfatizar sociologicamente o "clima" espiritual e artístico da época em que vivemos, o que está se construindo a partir dos anos 80 e que envolverá futuramente de uma maneira ordenada o seu corpo astral e que, hoje, em 84, são ainda aspectos fragmentados e opacos da década em curso.

Primeiro, há a própria escolha do local: uma escola de arte enfatiza o lado ainda experimental, precário, juvenil na gama de propostas "viáveis", aponta indícios de carreiras, em fase embrionária.

A essa altura podemos já indagar: até que ponto produtos de arte tão "jovens", longe ainda do apogeu de suas criações, nos oferecem de saída uma avaliação correta e não apenas circunstancial de uma época ainda em definição? Voltando para uma outra época, num tom mais grave, seria o caso de se perguntar se um Rothko, um Newman, ou até um Picasso ou um Miró tardio dos anos 60 poderia representar tanto o espírito dos anos 60 quanto um trabalho POP de Warhol ou Lichtenstein? Teríamos que traçar um paralelo entre os Johns e os Rauschenbergs de 55 (no auge de suas descobertas seminais e radicais) e os de 65 (na fase de uma redefinição de propostas antigas) para estabelecer quais refletiriam verdadeiramente o espírito de uma época, no caso, a década dos 60.

No caso da Arte Norte-Americana, por motivos de aceitação mercadológica e cultural imediata, a POP ART, tendo como símbolo a "Campbell Soup" de Warhol, seria logo deglutida. Dada a sua aceitação imediata em 62, quer dizer, no próprio ano de sua criação, podemos extrair daí uma lição. A agressividade de um mercado de arte em plena expansão como o norte-americano, precisava justamente de um trademark inconfundivelmente novo e, ao mesmo tempo, reconhecível democraticamente por todos: um "label" rotulado Andy-Warhol, Leo Castelli (o marchand que apoiava o grupo POP). Dada a mais lenta compreensão de um Johns e de um Rauschenberg, teremos no caso, uma "HIGH ART" (Johns, Rauschenberg) dos anos 60 versus uma LOW ART (Warhol, Lichtenstein) que por si só traçaria os limites da POP ART. A rebelião da Arte conceitual dos anos 70 também poderá se situar a partir do aspecto promocional e mercadológico da arte POP dos anos 60.

Mas o que dizer sobre o ready-made do Duchamp, símbolo tão forte quanto o Campbell Soup de Warhol, definiria ele ou não os anos 10? Ou seria a cruz de Malevich? Creio que pela



Leonilson — acrílico s/tela, 1983



Eduardo Kac — graffiti tri-dimensional, 1983

presença de ismos concomitantes e competitivos seria impossível e desonesto escolher apenas um.

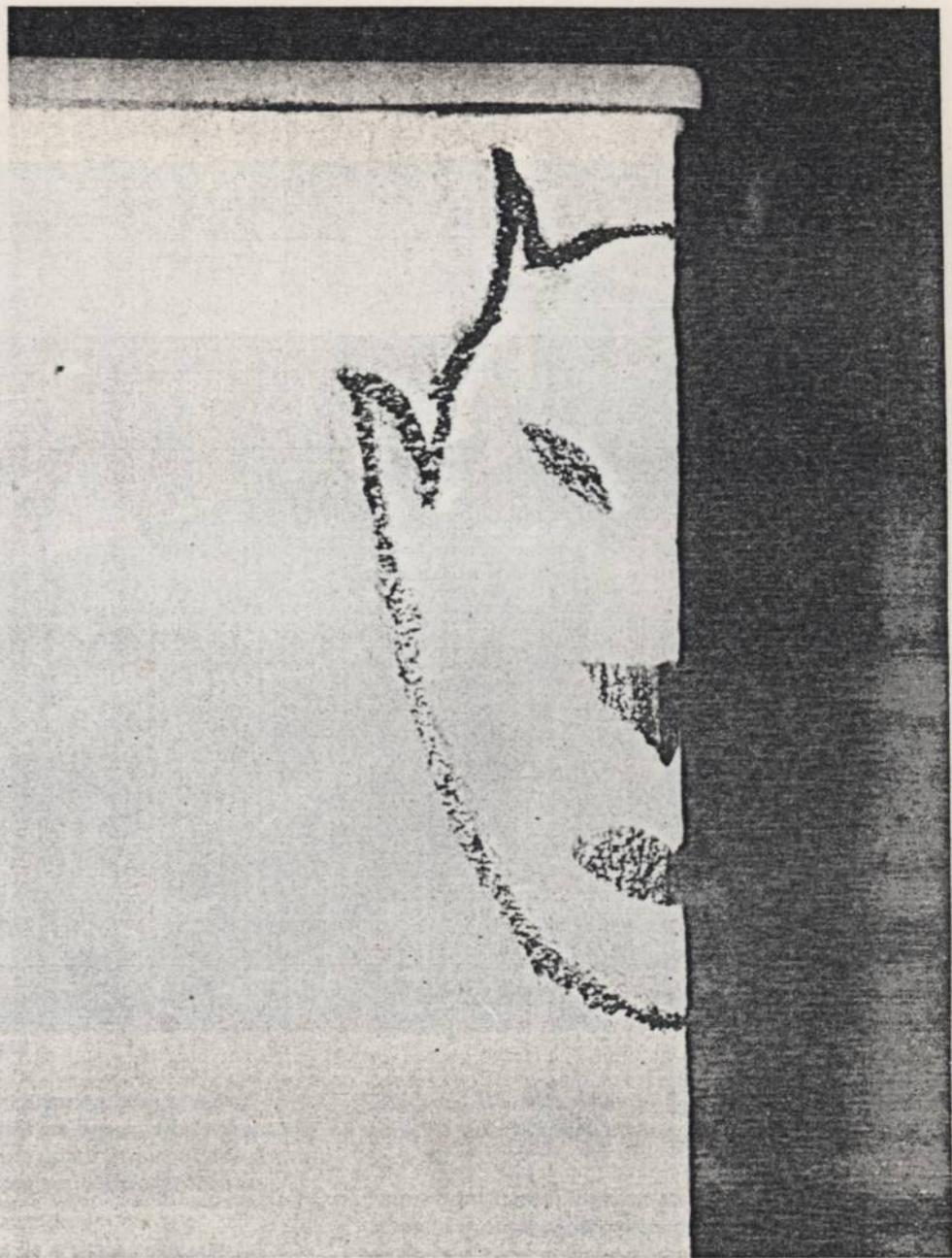
E o que dizer dos pobres "anos 20" esartejados entre a rigidez puritana do neo-plasticismo mondrianesco e o seu rival, o romantismo "surrealista", os dois severamente enquadrados por Matisse e Picasso? E a continuação dos anos 20 nas nebulosas décadas de 30 e 40, tendo como inimigo implacável o fascismo reinante?

Uma das surpresas desta exposição será justamente detectar se já existem valores (e se é isto o que ela se propõe) capazes de sustentar comparações com o que se fez de melhor na década anterior.

Uma das características que norteiam a produção da vanguarda brasileira, no entanto, se observa entre os jovens de hoje, um legado, prova genial de sua existência. Trata-se de seu aspecto efêmero, condição concreta e "antológica" de seu sentido experimental. Este aspecto se equaciona com os Parangolés do Oiticica, os Bichos da Lygia Clark, as notas de O Cruzeiro do Cildo Meireles, os objetos pintados do

Gerchman, a Bolha gigantesca do Marcelo Nitsche, com seu status de brinquedós a serem manipulados e manuseados por olhos inocentes e atônitos. O aspecto lúdico de suas operações se transformam em objetos sérios de ARTE, com um A maiúsculo, pelo sólido arcabouço teórico que os acionam. Sim, brinquedos, mas brinquedos cerebrais, calcados em ismos como o construtivismo (no caso da Lygia Clark e Hélio Oiticica), a POP ART (no caso de Gerchman), a Arte conceitual no caso de Cildo Meireles.

Em relação aos jovens artistas que compõem este certame da arte brasileira dos anos 80, uma inversão de valores se opera. A efemeridade da Nova Arte não se demonstra através, por exemplo, do chassis eliminado da tela. Esta nova precariedade da tela não reverteria portanto a um questionamento filosófico do plano como na escola francesa *Support-Surface*. A efemeridade da nova arte surge justamente no plano ideológico; é aí que está situada a sua reversão de valores frente à década anterior. Sem arcabouço teórico que a prolongue, com a negação imediata de qualquer



um ismo, ela proporia uma quebra na História da Arte de Vanguarda Brasileira.

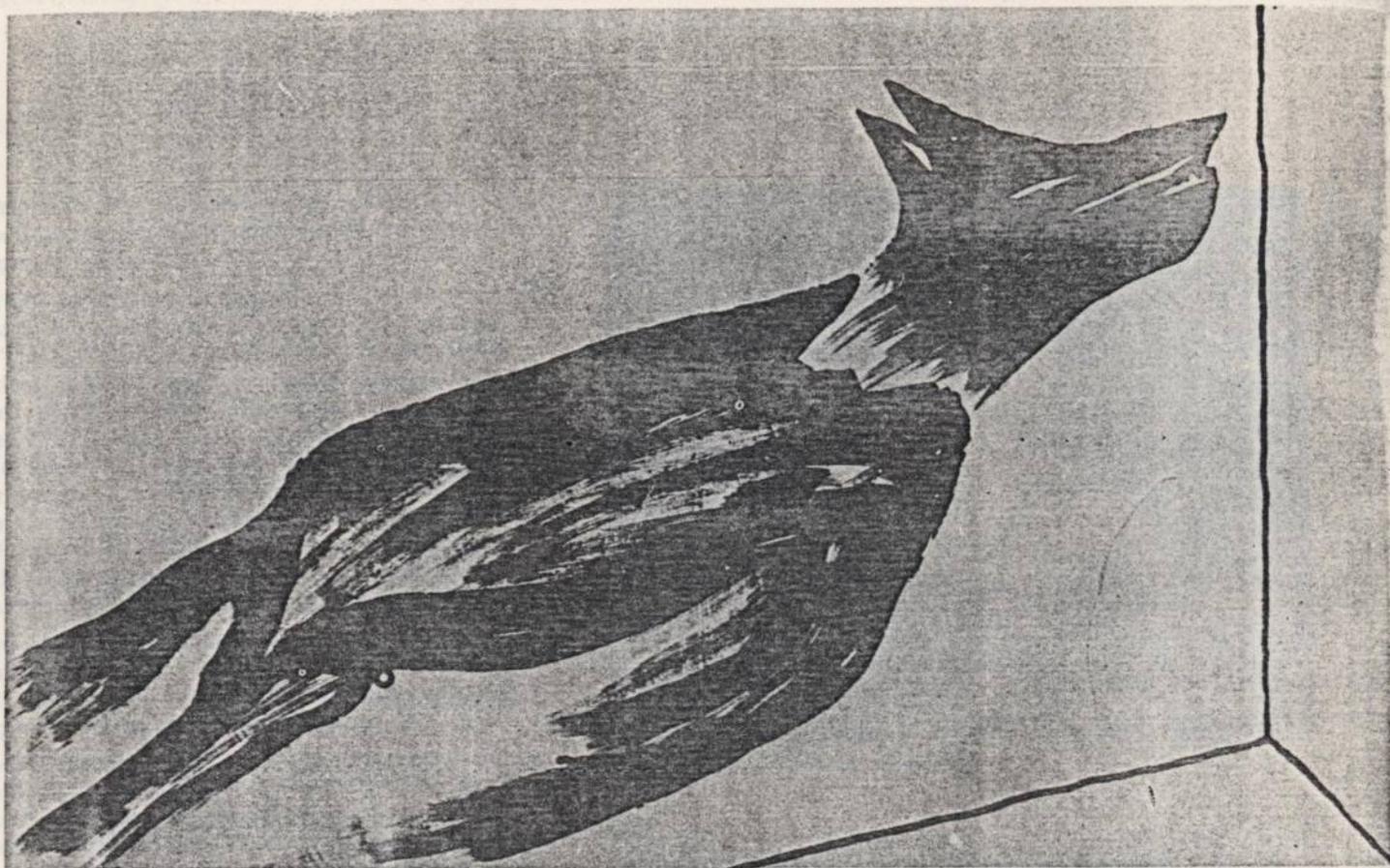
Esta indefinição ideológica se traduz metaforicamente por imagens pintadas sobre a tela, pescadas no dia-a-dia do mass-media que invade a nossa privacidade, imagens de televisão, de histórias em quadrinhos. São imagens que se querem "avançadas" (ao contrário da POP ART que apenas traduzia o clichê mais banal), imagens que se consideram esdrúxulas, violentas, apesar de sua proliferação no inconsciente do jovem urbano rebelde e desagregado (no caso, o artista). No fundo, constituem imagens imediatamente reconhecíveis a serem consumidas e gozadas no instante em que se apagam, rastros do seu clarão persuasivo.

O próprio uso do spray (Ciro Cozzolino) da tinta fosforescente sobre objetos de consumo banais (Leda Catunda) cria um simulacro da irradiação da imagem projetada na televisão. O brilho de plásticos sintéticos (Berredo) do instantâneo (polaroid) também remetem a uma tecnologia avançada.

O achapamento dos objetos numa luz centrífuga brilhante nega o achapamento fosco e opaco da POP ART dos anos 60 e sua busca da quietude visual publicitária, pois o brilho do material empregado cria zonas nebulosas, com espaços móveis, difíceis de serem contornados.

A própria irregularidade dos contornos da tela sem o uso do chassis (talvez uma das causas da abolição do chassis) projeta essa imagem, arrancadas de um todo anônimo, em cima do espectador aturdido pelo brilho amontoado de cores. A visualidade da nova geração contrasta com a regularidade mecânica do out-door POP, cuja frontalidade unidimensional advém indiretamente do neo-plasticismo purificador que teria agenciado o teor plástico da arte publicitária dos anos 50, fonte de inspiração da POP.

Não é por acaso que Lichtenstein reproduz telas de Mondrian e Léger, reticuladas segundo o método das histórias em quadrinhos, numa homenagem direta a unidimensionalidade da superfície. Lichtenstein redimensiona a questão da unidimensionalidade perseguida



Carlos Fiúza — acrílico s/tela, 1983

pelo abstrato-expressionismo quando pinta, sempre, segundo o método das histórias em quadrinhos, achapando as gigantescas pinceladas de um quadro tipicamente abstrato-expressionista, tirando-o do seu contexto habitual.

No caso das pinceladas abstratas, Lichtenstein articula visualmente um out-door (é mais pintado sobre a tela) a partir da transposição irônica da experiência intimista do expressionismo-abstrato. Já artistas como Ivo Ito, Eduardo Kac, Alexandre Dacosta, Ricardo Basbaum e Barrão (estes três últimos, a miúdo, juntam seus out-doors ou suas bandeirolas), projetam grafitis ou caricaturas e até pinceladas expressionistas, um mundo que se quer privado, mas que, dada a sua linguagem já amplamente codificada pelas escolas abstratas anteriores ou pelo uso comum do grafite, já se tornou público.

Estes jovens artistas se perfazem a partir de um experimentalismo codificado, mas pessoal. É um uso sociologicamente novo da história da arte, pois questionam o seu funcionamento dentro de museus e galerias.

Essa atitude crítica, aliás, os ligaria ao conceitualismo dos anos 70 em contraposição aos pintores "clássicos" dos anos 80.

Numa homenagem indireta aos anos 70, vários artistas vão apresentar obras projetadas a partir da arquitetura do prédio do Parque Lage, a partir do seu jardim, ou até sobre os muros públicos, dando para a rua. Uma boa parte largara os seus pincéis esquecendo-se das obras mostradas anteriormente em salões, etc. Apresentarão objetos tridimensionais, outros farão happenings (como nos anos 60) e assim por diante.

Contrariando o aspecto sociologicamente negligenciável de seus trabalhos (quadros) anteriores, estes mesmos artistas questionam e redimensionam o ensinamento tradicional da arte. Eles se manifestam contrários aos ensinamentos básicos das escolas acadêmicas e nisso vão até de encontro aos preceitos da escola do Parque Lage. Eles vão contra o ensino do manuseio de matérias que vão compor a obra. Também pelo uso não didático de fontes encontradas diretamente no dia-a-dia, nas produções gráficas, nas imagens de televisão, eles abolem ou questionam o ensin-

# "Como vai Você, Geração 80?"

da História da Arte. No primeiro caso, tecnicamente, no segundo, pedagogicamente, senão nas suas conceituações mais generalizadas.

Retornando à proposta de Beuys dos anos 70 de transformar a obra de arte em sala de aula (ele próprio foi professor de "arte" na Universidade de Dusseldorf e nos seus painéis artísticos, pedagogicamente ilustrados, fazia uso de miúde de quadro negro e giz) eles esvaziam a sala de aula de seu conteúdo educandário e artístico, neutralizando justamente o saber que deveria brotar desse laboratório de "pesquisas". O Parque Lage é considerado uma escola de arte experimental, mas estes artistas utilizam o seu espaço devolvendo obras já feitas e que contrariam até uma dúvida existencial quanto ao pressuposto experimentalista deste organismo, teoricamente em constante mutação.

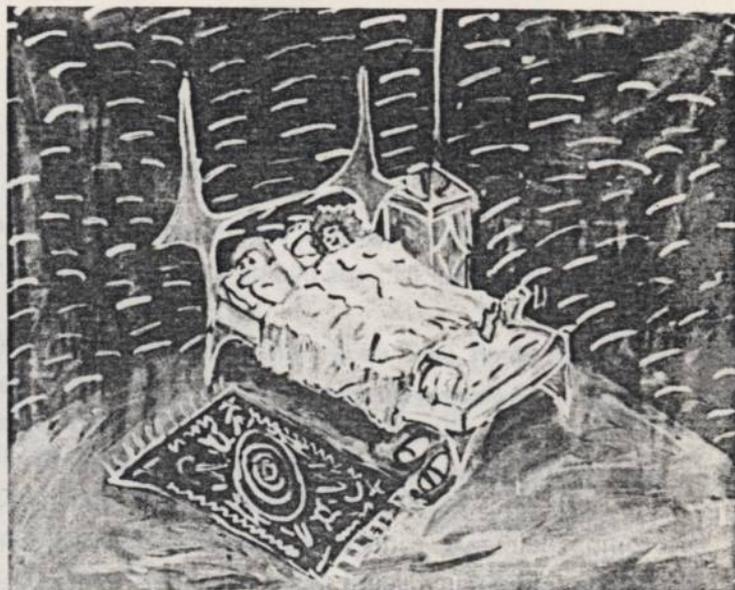
O outro fator relevante desta extensa mostra é a comparação que se poderia traçar entre os proponentes das novas escolas "new imagery", "bad painting", "transvanguardia" que grassam nos principais centros culturais do mundo.

A meu ver, alguns artistas brasileiros como Leonilson, Ciro Cozzolino, Sergio Romagnolo, Francisco Cunha, se aproximam dos seus contemporâneos, artisticamente falando, franceses, como Combas, Hervé di Rosa. Outros se aproximam de artistas norte-americanos grafiteiros, ou ligados às artes gráficas, como Fiuza se aproxima do Don Baechler. Em poucos casos encontramos um questionamento ideológico da função da imagem como nos out-doors, indoors, de Eduardo Kac que se aproximam dos de Jenny Holzer ou da Barbara Kruger, até de Jonathan Borofsky.

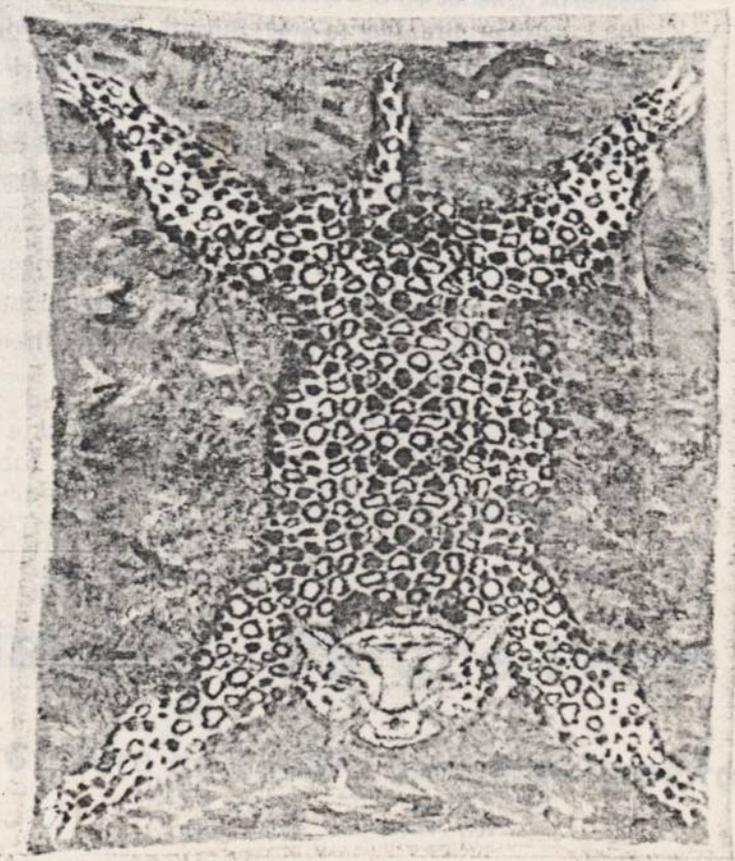
O aspecto efêmero da totalidade desses trabalhos mostrados no Parque Lage se evidencia mais ainda levando em conta a comparação da produção brasileira com a de artistas norte-americanos como Julian Schnabel ou David Salle, de artistas italianos como Enzo Cucchi ou Sandro Chia, ou até de alemães como Salomé ou Fetting.

Estão ausentes nos trabalhos brasileiros a busca de identidade nacional, (que se nota nos italianos e alemães, como Penck), os brasileiros preferem o cosmopolitismo barato dos shopping center. Estão ausentes a representação da sexualidade a miúde amorfa e anônima das grandes cidades (que se nota em Salomé). O ato de pintar no caso brasileiro, talvez até pelo privilégio que ele supõe, indica por si só um feito orgástico. Estão ausentes a busca de um passado remoto (no caso italiano, Mimo Paladino e Clemente). Mas como poderíamos nos ater a ele se ele não existe para nós? O barroquismo de um Schnabel ou de um Chia pouco lhes interessam, assim como os efeitos texturais mais carregados (Schnabel ou Anselm Kiefer), ou o falso expressionismo melodramático alemão.

Em suma, o leitor paciente, no final deste texto, já deve ter se conscientizado de que não basta ligar o rádio e ouvir o Sempre Livre cantar "papai era surfista profissional, etc" Para se inteirar da exposição.



Sérgio Romagnolo — acrílico s/tela, 1984



Leda Catunda — acrílico s/tapete, 1984

# "Como vai Você, Geração 80?"

Nossos agradecimentos a todas as pessoas e empresas que ajudaram aos artistas, a Escola de Artes Visuais e a revista MÓDULO na realização desta exposição e desta edição especial, principalmente a:

Paulo Herkenhoff, Homero Gomes de Moraes, João Silvino da Silva, Manoel da Silva, Paulo Benedicto Antonio, Djalma Severino da Silva, Waldemar Fernandes Fam, Willian José Rodrigues da Silva, Maria Helena Candido de Oliveira (Marilene), Sheila Maria Ataide de Andrade, Maria Amélia de Oliveira Lavenère-Wanderley, Nelson Diniz Augusto, Nelly Guttmacher, Janine Wagner Alvarenga, Maria Luiza Saadi, Marli Alvarez Dias, Gerardo, Maria de Fátima Possi Penna, Marli Baptista, Helvécio da Silva, Regina Lucia Ferreira, Marise Sueli Silveira Costa, Maria Lydia Fernandes de Paiva, Monica Renata Heinke Boll, Leila Maria Garcia Arona, Celia Regina Henriques, Julia Marie Miller, Carlos José Nascimento de Lima, Carmem Mainard, Miguel Biazotto Mano, Indústria de Papel Simão, INAP/FUNARTE, Indústria de Papel Klabin, Glasurit do Brasil, Central de Out-Door – Sessão Rio de Janeiro, Artefatos de Borracha Via Dutra, Isomax Engenharia, Plásticos Gracie, Acrilex, Sharp, Belprato, Fábrica de Tecidos Maria Cândida, Studio Infinito, Brizon Engenharia, Cantina La Fiorentina, R.B. Produções, Expresso Pégaso, Studio Line, galeria Arco Arte Contemporânea, Arte Espaço, Bonino, Cesar Aché, GB Arte, MP2 arte, Luisa Strina, Paulo Figueiredo, Raquel Babenco, Saramenha, Tina Presser e Thomas Cohn Arte Contemporânea, entre outros que possam, no momento, estar nos escapando à lembrança.

## Escola de Artes Visuais – Parque Lage

FUNARJ/Secretaria de Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro

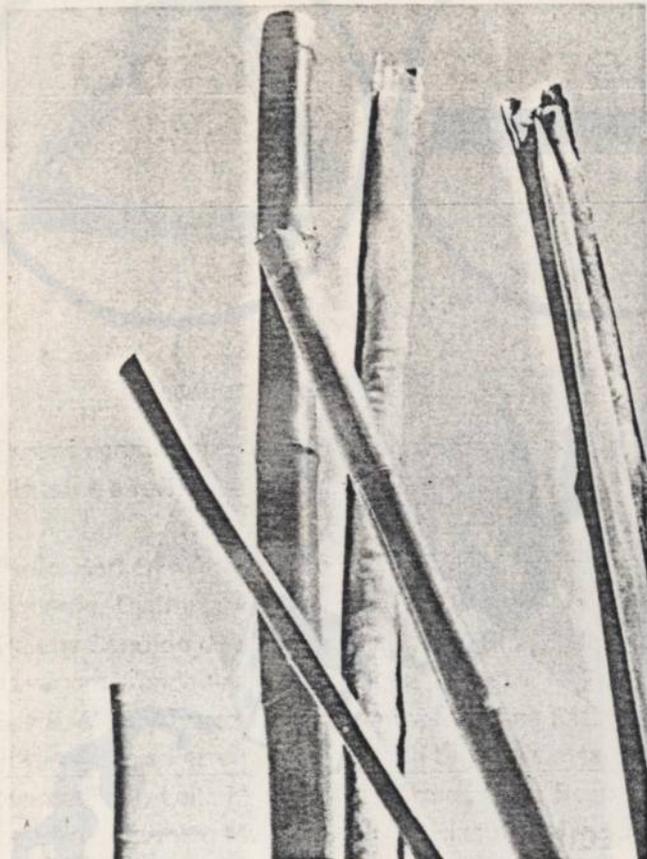


Paulo Roberto Leal, Sandra Mager, Marcus de Lontra Costa  
Foto: João Bosco

## A BELA ENFURECIDA

"Como vai você, Geração 80?" Respondem 123 artistas de todo o Brasil, que ocuparão paredes, portas, janelas, piscina, banheiros, espaços construídos e espaços vazios do imponente prédio da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, além das aléias, árvores, grutas e cantinhos malocados do Parque Lage. Muito mais, portanto, que uma "exposição", "Geração 80" caracteriza-se como um evento, oportunidade primeira em que 123 jovens batalhadores resolvem se reunir e permitir que as pessoas conheçam, e se possível compreendam, a sua produção. É evidente que, num evento como esse, estipular critérios de seleção é algo de perigoso e delicado. Certamente vocês poderão argumentar que muitos não deveriam participar e que, por outro lado, alguns nomes foram esquecidos. Tudo bem, esses são movimentos normais no jogo da arte. O que acreditamos importante é que jamais, durante todo o agradável (e por vezes alucinado) processo de realização, nós, os curadores, tentamos impor caminhos, forçar a existência de movimentos, de grupos, enfim, comportamentos superados nos quais somente alguns poucos "espertos" se beneficiam. A nós interessa menos o que eles fazem, e mais a liberdade desse fazer. Este foi o princípio que norteou as nossas funções na coordenação da mostra.

Gostem ou não, queiram ou não, está tudo aí, todas as cores, todas as formas, quadrados, transparências, matéria, massa pintada, massa humana, suor, aviãozinho, geração serrote, radicais e liberais, transvanguarda, punks e panquecas, pós-modernos e pré-modernos, neo-expressionistas e neo-caretas, velhos conhecidos, tímidos, agressivos, apaixonados, despreparados e ejaculadores precoces. Todos, enfim, iguais a qualquer um de vocês. Talvez um pouco mais alegres e corajosos, um pouco mais... Afinal, trata-se de uma nova geração, novas cabeças. E, se hoje, ninguém alimenta o pedantismo de se "entrar para a História", de ser o tal, o que todos esperam é poder fazer alguma coisa, sem os pavores conceituais. Trata-se, enfim, de tirar a arte, donzela, de seu castelo, cobrir os seus lábios com batom bem vermelho e com ela rolar pela relva e pelo paralelepípedo, em momentos precisos nos quais o trabalho e o prazer caminham sempre juntos.



**1. ADELIA OLIVEIRA**  
Rio de Janeiro, 1948

Formada em Economia pela UFRJ. Cursos com Nelly Gutmacher, Ronaldo Macedo e Charles Watson, na EAV e com João Carlos Goldberg, João Grijó e Tunga no MAM/Rio. V.S.C. (81). Em 83, exposição Piccola Gal. de arte e "Precariedade e Criação", MAM/Belo Horizonte.



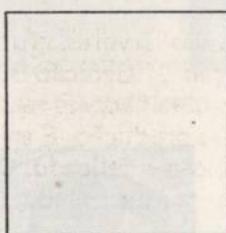
**2. ADIR SODRÉ**  
Rondonópolis, MT, 1962

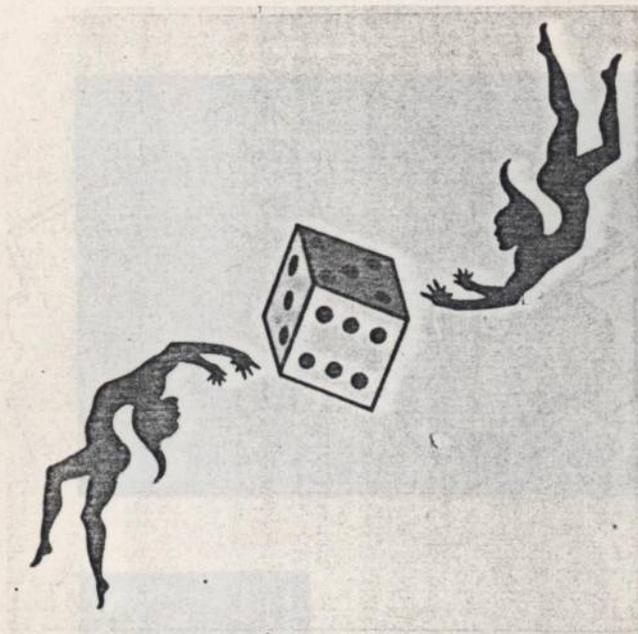
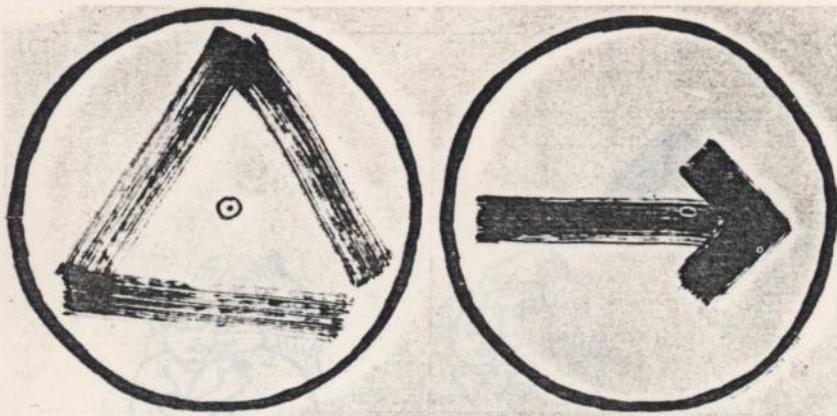
Desde 1977 participa de diversas exposições coletivas. Prêmio de aquisição no V SNAP. Participação no IV e VI SNAP (81 e 83). Participou de "Panorama da Pintura", MAM/SP; "Retratos e auto-retratos da Pintura Brasileira", Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM/SP. Individual na Galeria César Aché, Rio (83).



**3. ALBERTO CAMAREIRO**  
S. João do Rio Preto, SP, 1950

Vive e trabalha em São Paulo. Participação em diversos salões e mostras. Pesquisa em pintura, objeto, super 8, conceitual, artes cênicas. Performance na XVII Bienal de São Paulo, "A Invasão dos jacarés". Instalação com mais 7 artistas no MAC/Campinas, SP.





**4. ALEX VALLAURI**  
Asmara, Etiópia, 1949

Vive no Brasil desde 1965. Cursos de Comunicação Visual e Professorado de Desenho na FAAP/SP. A partir de 79 trabalha com graffiti, interferindo na área urbana de São Paulo. Em 82 e 83 residiu em Nova York. Individual na Galeria Suzana Sassoum, 84, São Paulo.



**5. ALEXANDRE DACOSTA**  
Rio de Janeiro, 1959

Cursos com Claudio Kupermann e Luiz Áquila, na EAV. Em 83 expõe na Galeria Contemporânea, Rio, no SESC/Pompéia, SP e "Pintura, Pintura", Casa Rui Barbosa, Rio. V e VII S.C. (81 e 83). Projeto "Rádio Novela", PUC/Rio, 84.



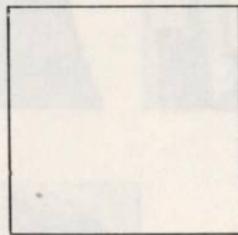
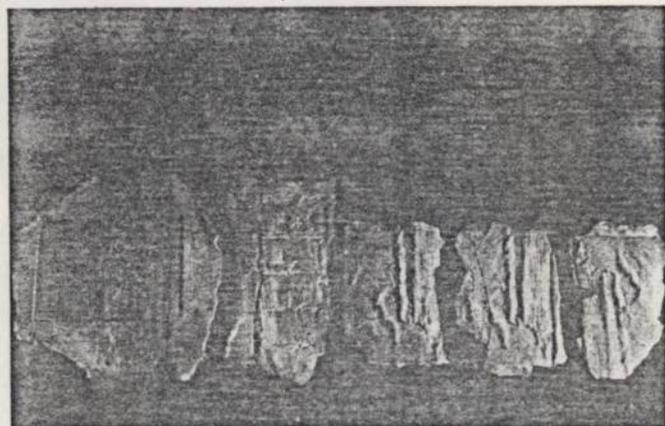
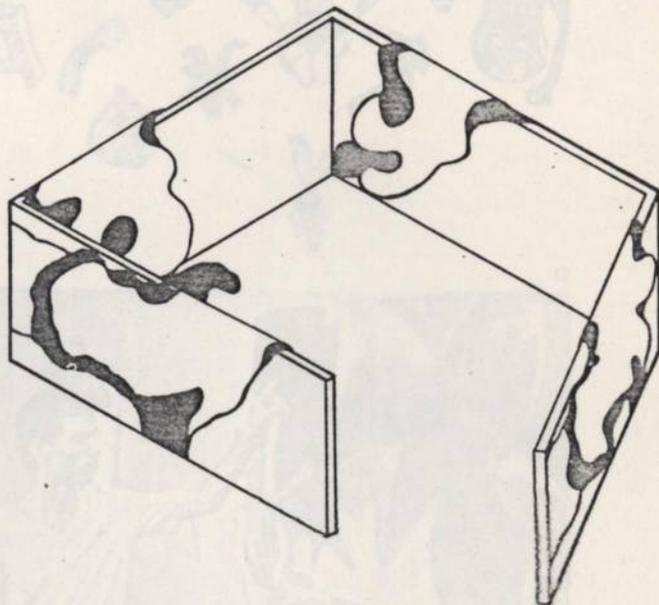
**6. ANA HORTA**  
Bom Despacho, MG, 1957

Vive e trabalha em Belo Horizonte. Formada pela EBA/MG. Em 82, exposição Galeria Sérgio Milliet, Funarte, Rio, no Museu de Arte da Pampulha e "Brasil Pintura", Palácio das Artes, Belo Horizonte. Participou do VI SNAP (83). Em 84, individuais na Galeria São Paulo (SP) e GB Arte (Rio).

9



8



**7. ANA MARIA MORAIS – AMOM**  
Rio de Janeiro, 1948

Formada em Filosofia pela UFRJ. Estudos com Astréa El-Jaick, Nelly Gutmacher e Celeida Tostes, na EAV. Participou do V e VI SNAP (82 e 83). Exposição na Galeria César Aché e Galeria Macunafma, Funarte, Rio. Integrou a equipe de cenografia do filme "Quilombo".

**8. ANA MARIA TAVARES**  
Belo Horizonte, 1958

Vive e trabalha em São Paulo. Exposição individual no MAC/USP em 81; Pinacoteca do Estado, SP, 82. Participou de "Pintura como Meio", MAC/USP, 83.

**9. ANA MIGUEL**  
Niterói, RJ, 1962

Desde 79 frequenta a Oficina de Ingá, com Anna Letycia, Edith Bhering, Solange Oliveira, Carlos Martins, José Lima e Ricardo Queirós. Cursos com Anna Carolina e Luiz Áquila, na EAV e Katie van Scherpenberg, no MAM/Rio. V, VI e VII S.C. (81,82 e 83); VI SNAP (83) e 38º e 40º S.P.R. Participou de "Seis artistas e o pequeno formato", Gal. da UFF e individual na Galeria Contemporânea, Rio, 83.

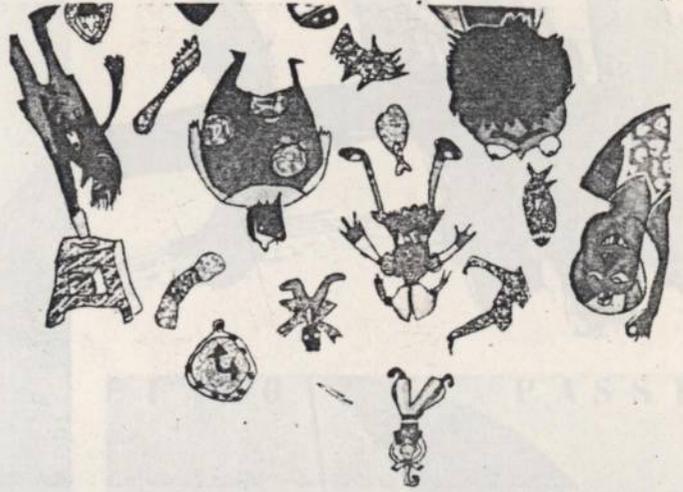


**10. ANA REGINA AGUIAR**  
Rio de Janeiro, 1944

Estudos com Bruno Tausz e Roberto Magalhães. Participa do I, II, III e VISNAP (78, 79, 80 e 83) e do 39º e 40º S. PR. Exposições individuais na galeria Casablanca, Rio, (80) e na GB Arte, Rio, (83).

— Tinta sépia s/tela, 1984

— Tinta óleo s/tela, 1983

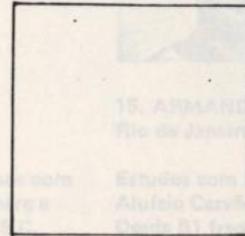


**11. ANALU CUNHA**  
Maceió, 1961

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em Comunicação Visual pela EBA/UFRJ. Desde 1982 frequenta a Oficina do Ingá, com Anna Letycia, Assumpção Souza e Ricardo Queirós. Participou do 7º S.C. (83) e do projeto "Passa na Praça", Rio, 1984.

— Papel, 1984

— Água-tinta, 1984

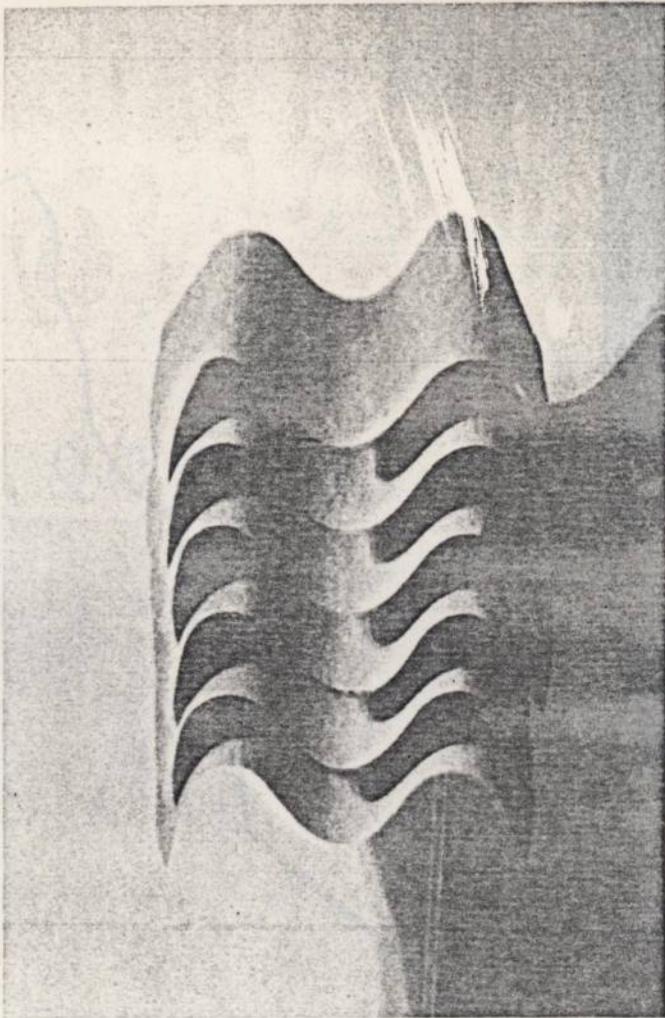


**12. ANDRÉ COSTA**  
Rio de Janeiro, 1962

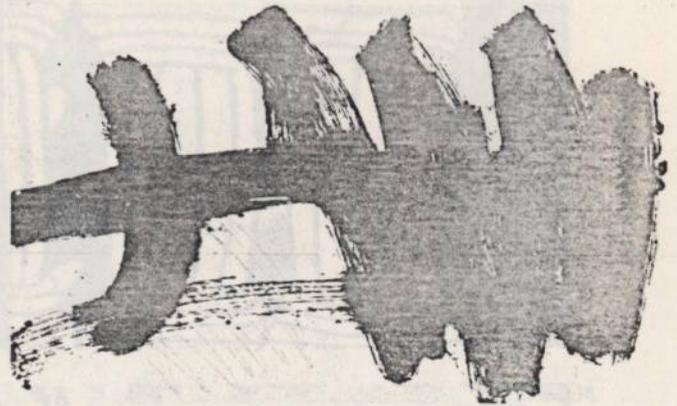
Estuda arquitetura na USU/Rio. Estudos com Luiz Áquila, Charles Watson e John Nicholson na EAV. Em 1983 participa da coletiva "Pintura, Pintura" na Casa de Rui Barbosa, Rio e em 84 do projeto "Rádio Novela", PUC/Rio.

— Nanquim s/papel, 1984

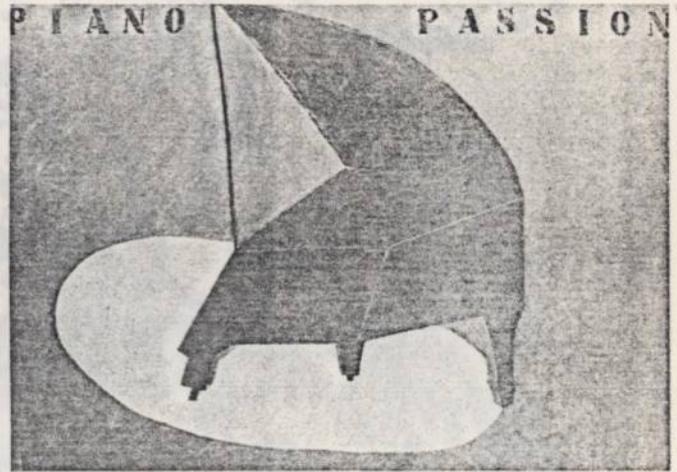
— Tinta acrílica s/tela, 1984



14



15



13



**13. ÂNGELO MARZANO**  
Belo Horizonte, 1955

Estudos com Lotus Lobo, Escola Guignard. Professor da Escola de Artes e Ofícios de Contagem, MG. Participou da IV e VI SNAP. Prêmio no 35º S.P.E (83). Exposição "Brasil Pintura", Palácio das Artes, BH, 1984 e individual na galeria Gesto Gráfico, BH.



**14. ANTONIO ALEXANDRE**  
Rio de Janeiro, 1961

Estuda arquitetura na USU/Rio. Cursos com Nelly Gutmacher (EAV), João Goldberg e Tunga (MAM). Participou do V e VI S.C. (81 e 82). Em 83 expôs na Piccola Galeria.



**15. ARMANDO MATOS**  
Rio de Janeiro, 1957

Estudos com Alair Gomes, Charles Watson, Aluísio Carvão e Manfredo de Souza Neto. Desde 81 frequenta a Oficina do Ingá, com Anna Letycia e Solange Oliveira. Em 1983, individual na galeria "Café des Arts", Rio. Participou do V, VI, VII S.C. (81, 82 e 83); 39º e 40º S.P.R (82 e 83).

— Tinta acrílica s/tela, 1984

— Papel, 1984

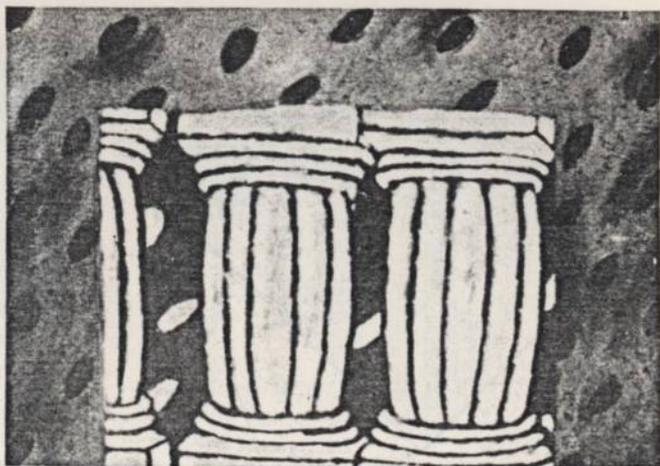
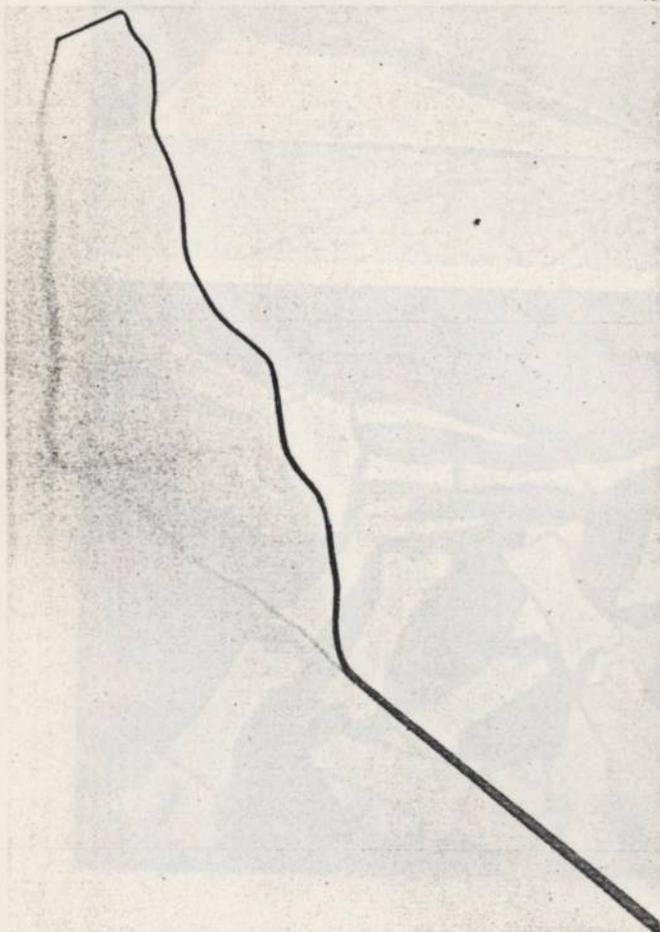
— Nanquim s/papel, 1984

— Ferro, 1983

— Tinta acrílica s/tela, 1984

— Água-tinta, 1984

16



17



18



16. AUGUSTUS ALMEIDA  
Rio de Janeiro, 1956

Formado em Desenho Industrial pela ESDI/ Rio. Estudos com Isabella Pereira, Roberto Maia, Jaime Sampaio, Sandro Donatello (EAV). Haroldo Barroso e Alair Gomes, no Ingá. Integrou as exposições do grupo de escultores do Ingá no Espaço ESDI, Rio (83).

- Ferro, 1983



17. BEATRIZ MILHAZES  
Rio de Janeiro, 1960

Formada em Comunicação Social pela Faculdade Hélio Alonso, Rio. Estudos com Claudio Kupermann, Charles Watson, na EAV. VI SNAP (83). Participou das coletivas "Em torno do Parque Lage", Piccola Galeria de Arte e "Pintura, Pintura", na Casa de Rui Barbosa, Rio.

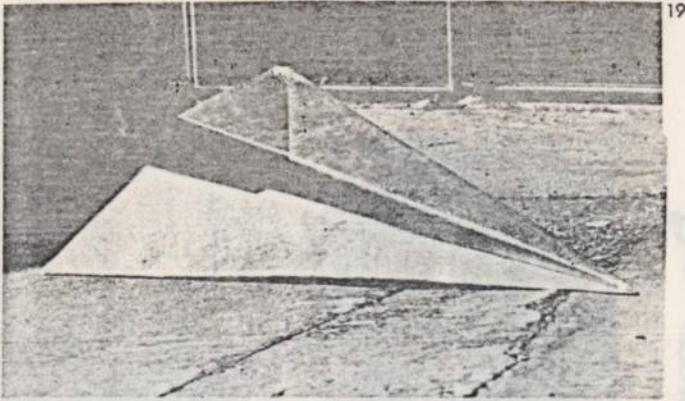
- Tinta acrílica s/tela, 1984



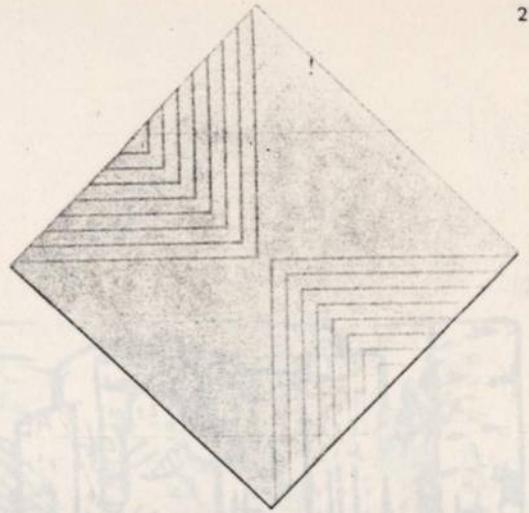
18. BEATRIZ PIMENTA  
Niterói, RJ, 1960

Cursa a Faculdade de Comunicação Visual da UFRJ. Estudos com Aluísio Carvão no MAM. Desde 1982 integra a Oficina do Ingá com Anna Letycia. Em 83 exposição de gravuras na galeria Divulgação e Pesquisa, Rio de Janeiro.

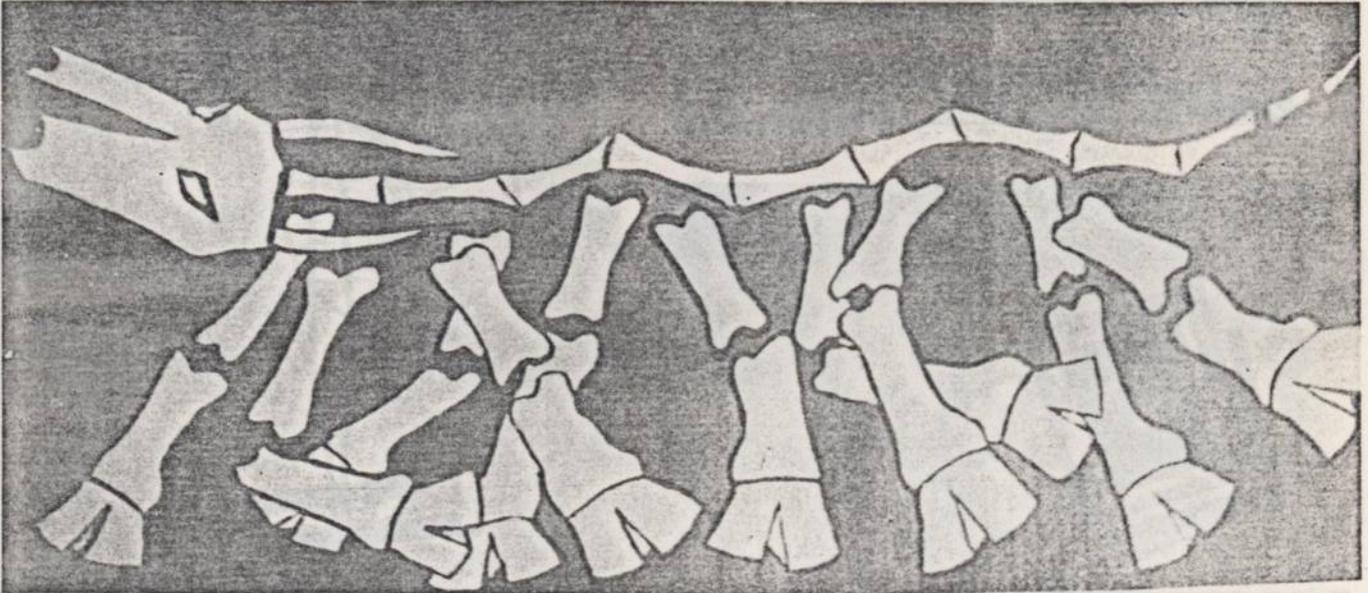
- Água-tinta, 1984



19



20



19. CARLO MASCARENHAS  
Vitória, 1958

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Arquiteto formado pela UFRJ. Estudos com Celeida Tostes (EAV) e Haroldo Barroso (Ingá). V SNAP (82). Prêmio de Viagem no VI SNAP (83). Exposição na galeria São Paulo (83). Individual na galeria do Centro Empresarial Rio (84). Integra o núcleo de artistas jovens na galeria MP2 Arte, Rio.



20. CARLOS FIUZA  
Maceió, 1964

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Coursou arquitetura na UFPE, entre 1981 e 1983. Estudos com Vânia Lima e Rubens Gerchman, no MAM/Rio.



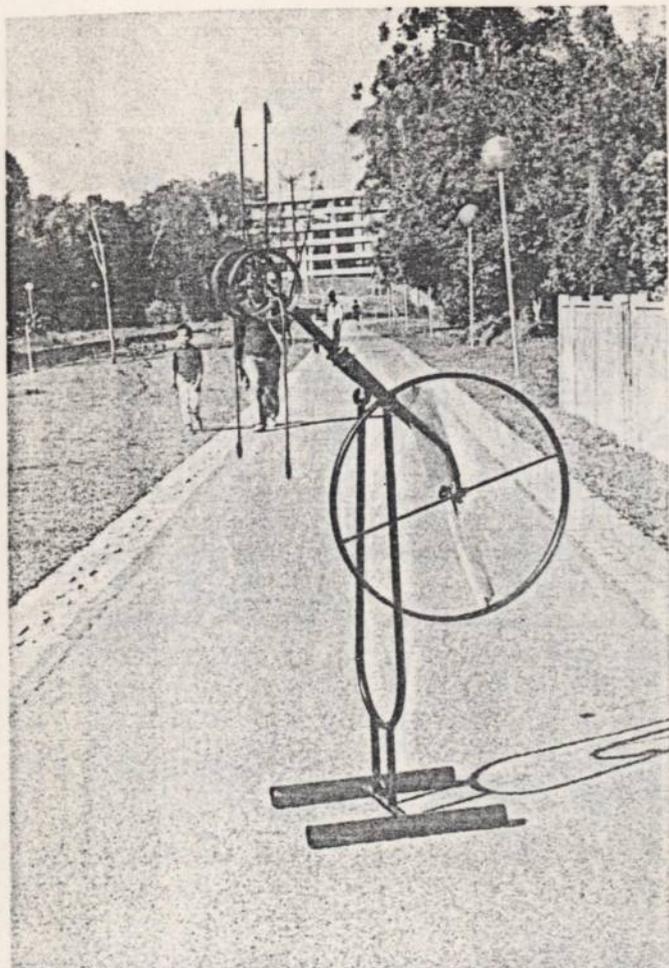
21. CIRO CERCAL FILHO  
Curitiba, 1955

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. Prêmio de Pintura do 39º S.P.R. Participação no 40º S.P.R. e VI SNAP. Em 1984, exposição coletiva na Sala Miguel Bakun, Curitiba.

— Ferro, 1984

— Tinta acrílica s/tela, 1984

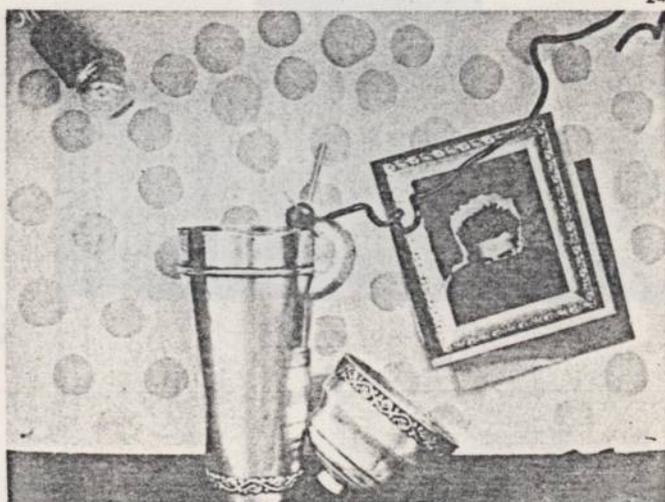
— Tinta acrílica s/tela, 1984



23



22



24



**22. CIRO COZZOLINO**  
São Paulo, 1959

Vive em Paris onde integrou a mostra "4 artistas brasileiros" no Espaço Latino-Americano (1982). Em 1983 participou de "A Pintura como Meio" no MAC/USP. Em 1984 participa da Feira de Arte de Madri com a galeria TC Arte Contemporânea. Participa, também, da mostra "Stand 320", nesta mesma galeria.



**23. CLAUDIO ÁLVAREZ**  
Rosario, Argentina, 1955

Vive no Brasil, em Curitiba, desde 1976. Prêmio no 38º e 40º S.PR. Participou do VI SNAP (83). Integrou diversas coletivas em Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo e Rio de Janeiro.

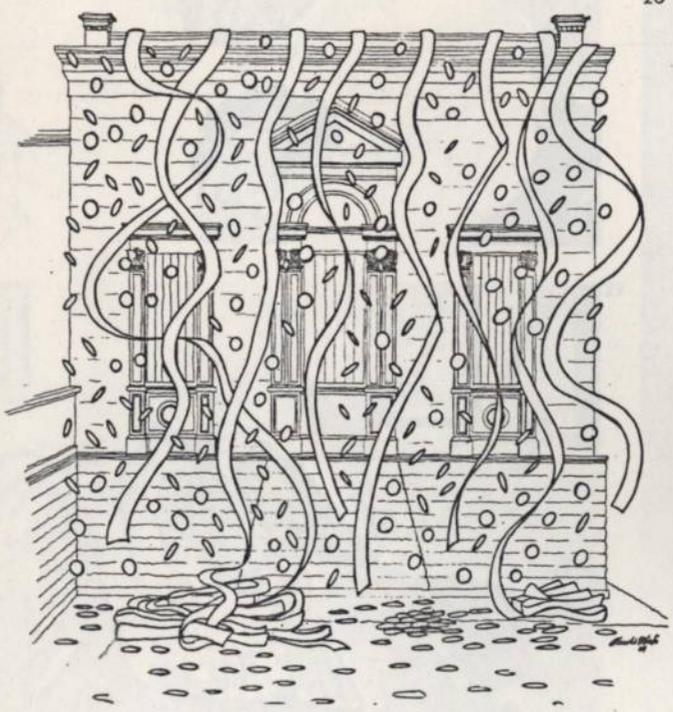


**24. CLAUDIO DUQUE**  
Belo Horizonte, 1963.

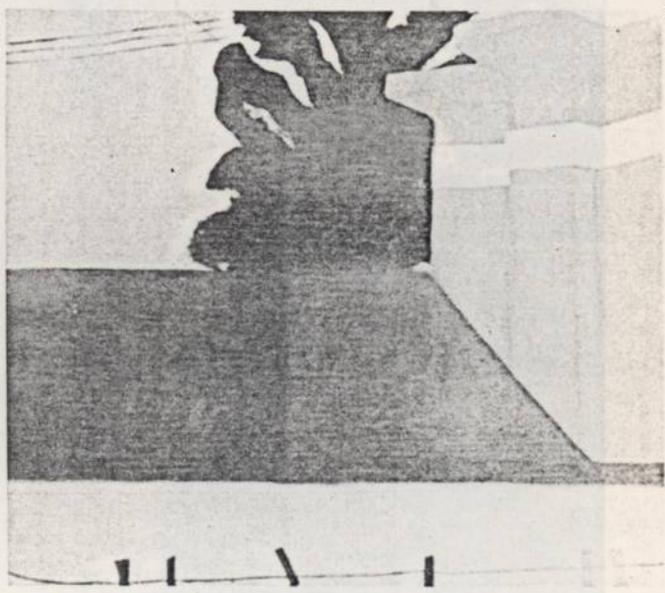
Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Cursa a Faculdade de Comunicação Visual da PUC/Rio. Estudos com Del Hansen em Seattle, EUA e Luiz Ernesto, na EAV, Rio.



26



27



25. CLAUDIO FONSECA  
Rio de Janeiro, 1949

26. CLAUDIO ROBERTO  
Rio de Janeiro, 1958.

27. CLAUDIA MONTEIRO  
São Paulo, 1950

Formado em arquitetura e Urbanismo pela USS/Rio. Estudos com Anna Bella Geiger e Umberto França. IV SNAP (81). Individual na Gal. Macunaíma, Funarte, Rio, em 81; na GB Arte, Rio, em 82; "Grande Formato". Gal. Ipanema, em 83 e da Feira de Arte de Madri, em 84, através da TC Arte Contemporânea e de "Stand 320" nesta mesma galeria.

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Bennet (Rio). Estudos com Umberto França, João Carlos Goldberg e Rubens Gerchmann (MAM/Rio) e Celeida Tostes, na EAV.

Estudos com Carlos Fajardo, Frederico Nasser, L.P.Baravelli, José Resende e Sergio Fingermann. Participou do III, V e VI SNAP (80, 82 e 83). Individual na Galeria Seta, em 80; em 81, na Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio e em 82 na Galeriatelier, São Paulo.

- Tinta acrílica s/tela, 1984

- Projeto ambiental, 1984

- Tinta acrílica s/tela, 1984

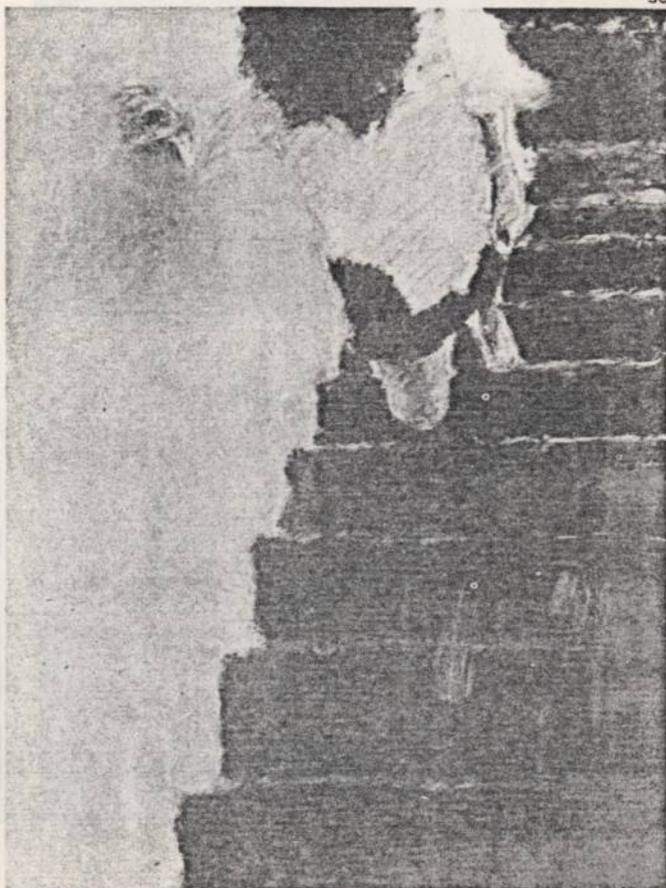
28



29



30



**28. CLARA CAVENDISH**  
Rio de Janeiro, 1963

Cursa a EBA/UFRJ. Estudos com Astréa El-Jaick, Luiz Ernesto, Luiz Áquila e John Nicholson (EAV); Ana Letycia, no Ingá e Lena Bergstein, no MAM/Rio. Participou do VI S.C. (82) e da exposição "Em torno do Parque Lage", na Piccola Galeria de Arte, Rio, 83.



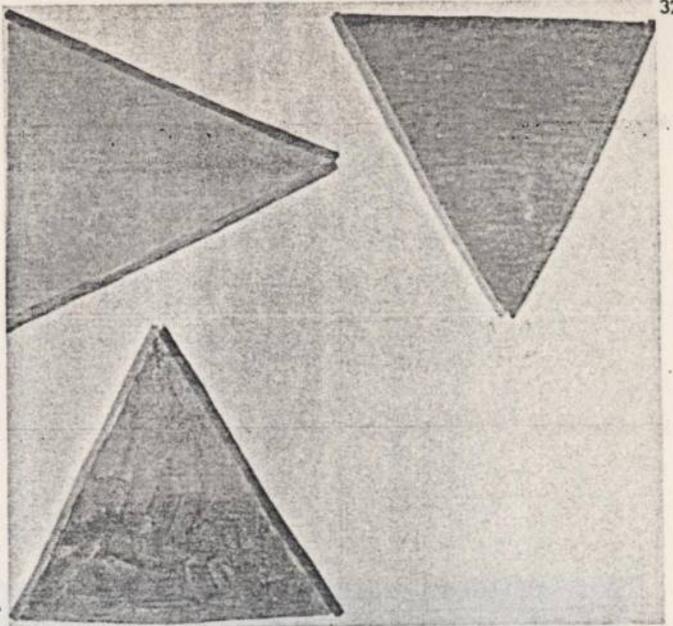
**29. CRISTINA BAHIENSE**  
Rio de Janeiro, 1953

Formada em psicologia pela UFRJ. Estudos com John Nicholson, Charles Watson, Luiz Áquila (EAV) e Manoel Fernandes (MAM/Rio). Participou da mostra "Em torno do Parque Lage" na Piccola Galeria e da exposição de faixas na PUC/Rio, em 84.



**30. CRISTINA CANALE**  
Rio de Janeiro, 1961

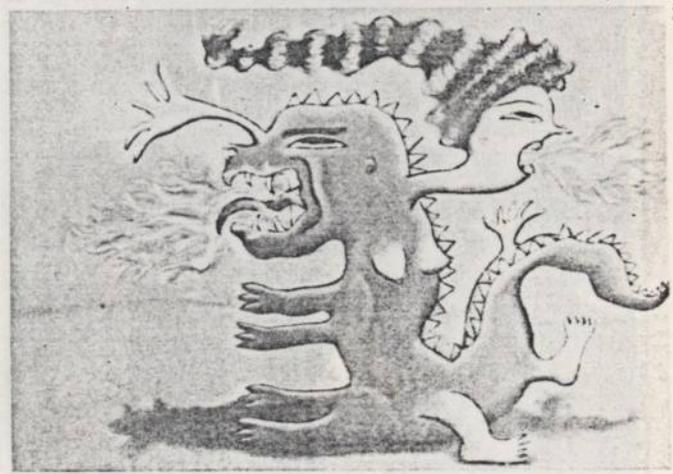
Formada em economia e Comunicação Social pela PUC/Rio. Estudos com Nelly Gutmacher, John Nicholson e Sandro Donatello na EAV. Em 84, exposição de faixas na PUC/Rio.



33



31



**31. CRISTINA SALGADO**  
Rio de Janeiro, 1957

Formada em biologia pela UFRJ. Estudos com Astréia El-Jaick, Rubens Gerchman e Roberto Magalhães. V e VI S.C. (80 e 81) e 4º SNAP (81). Em 82 participou da 4a. Mostra de desenho em Curitiba. Prêmio no 40º Salão Paranaense (83). Individual na Petite Galerie, Rio, 83.

**32. DAECO**  
Rio de Janeiro, 1951

Participou do I e II SNAP (79 e 80). Individual na galeria Quadro em 81 e 82, Rio. Em 83, exposição "Grande Formato", Galeria Ipanema, Rio. Em 84, individual na galeria Café des Arts, Rio.

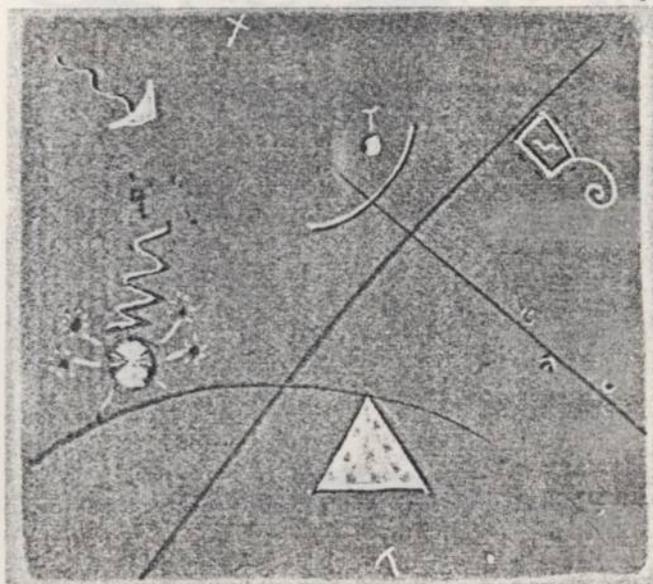
**33. DANIEL SENISE**  
Rio de Janeiro, 1955

Formado em engenharia pela UFRJ. Estudos com John Nicholson, Luiz Áquila na EAV. Participou de "Em torno do Parque Lage", na Piccola Galeria, Rio e "Pintura, Pintura", Casa de Rui Barbosa, Rio (83). Em 84, individual na galeria do Centro Empresarial Rio.

— Pastel s/papel, 1983

— Guache s/papel, 1984

— Tinta acrílica s/tela, 1984



**34. DENISE PORTO**  
Rio de Janeiro, 1957

Cursa e EBA/UFRJ. Estudos com John Nicholson (MAM), Gastão Manoel Henrique, Alufcio Carvão e Katie van Scherpenberg (MAM). Participou do 39º e 40º S.P.R. (82 e 83) e do 35º S.P.E (82). Coletiva em 83 na galeria Contemporânea e individual, nesta mesma galeria, em 84.

— Água-forte, 1984

— Pastel s/papel, 1984



**35. DELSON UCHÔA**  
Maceió, 1956

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em medicina pela UFAL. Participou do 33º e 36º S.P.E (80 e 83) e VI SNAP (83). Integrou a mostra "27 Paisagens Brasileiras", MAM/Rio, 84. Individuais na galeria Móbile Maceió, 80; galeria Mário Palmeira, Maceió, 81; galeria Lampião, Recife, 81 e galeria Guignard, Belo Horizonte, 83.

— Pastel s/papel, 1984

— Tinta acrílica s/lona, 1984



**36. EDUARDO KAC**  
Rio de Janeiro, 1962

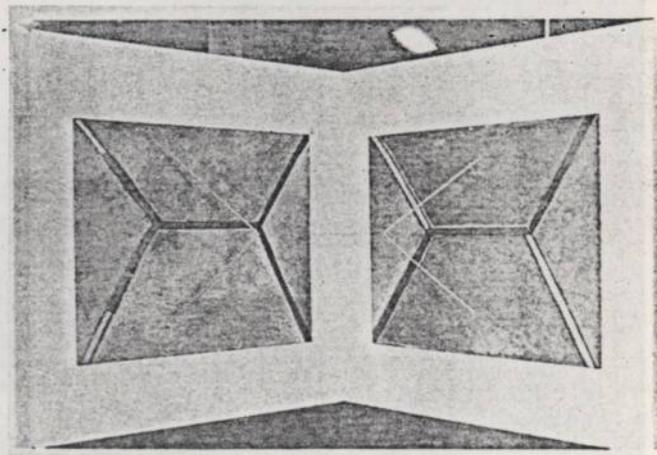
Participou do VI SNAP (83). Projeto Rádio Novela, PUC/Rio (84) e Arte Xerox Brasil, Pinacoteca do Estado, S.Paulo, 1984. Ainda em 84, instalação com grafite nos muros do Rio, bem como out-door (art-door) no bairro do Catumbi, Rio. Integra o núcleo de artistas jovens da galeria MP2 Arte, Rio.

— Tinta acrílica s/ta, 1983

— Out-door, 1984



39

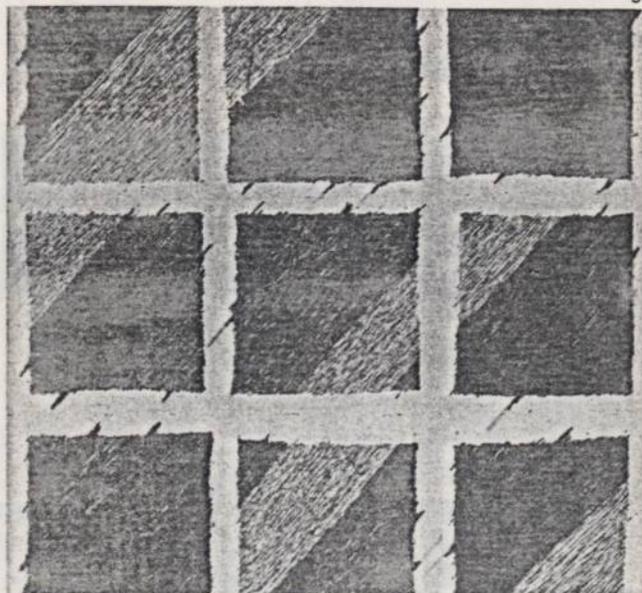


39. ENÉAS VALLE  
Manaus, 1951

Formado em matemática pela UnB. Estudos com Bruno Tausz e Abelardo Zaluar. Frequentou a Escola Superior de Artes Plásticas Staedel, na Alemanha. V e VI S.C. (81 e 82); IV e V SNAP (81 e 82) e 17a. Bienal de São Paulo (83). Participou de "3.4. Grandes Formatos", Centro Empresarial Rio em 83. Individual na galeria Andréa Sigaud, Rio, 81; galeria Café des Arts, Rio, 82 e galeria do Centro Empresarial Rio, em 83.

— Tinta acrílica s/tela, 1983

37



37. EDUARDO MOURA  
Carangola, MG, 1953

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou com Alufio Carvão, Eduardo Sued e Thereza Miranda (MAM/Rio). Exposição coletiva de gravadores do MAM no restaurante Manga Rosa, Rio, 84.

Vive e trabalha em São Paulo. Prêmio de equitação no IV SNAP (81). Participou de V e VI SNAP. Em 82, prêmio de 1º Sello Paulista de Arte Contemporânea. Participou de "Um Trago em comum", na galeria da UFF em 84 e de Te. Bienal de Havana, Cuba. Individual na Pinacoteca do Estado, SP, 81 e na galeria Mazoniana, Fuzaria, Rio, 83.

— Água-Forte, 1984

— Lápis e esquadro s/papel artimanal de algodão, 1984



38. ELISABETH JOBIM  
Rio de Janeiro, 1957

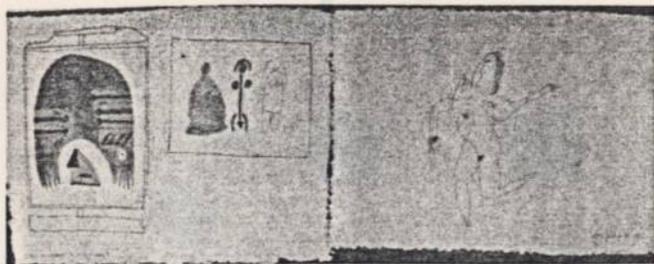
Cursa Comunicação Visual na PUC/Rio. Estudos com Thereza Miranda, Anna Bella Geiger. Cursou a School of Visual Arts, Pratt Institute, Nova York, EUA. Participou do V e VI SNAP (82 e 83). Exposição "Pastéis", em 83 na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio.

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou com Thereza Miranda, Anna Bella Geiger, Lina Bo Bardi (PUC/Rio), Lúcia Araújo, José Lima, Charles Watson (EAV) e Alufio Carvão (MAM/Rio). Participou do projeto "Rádio Novela", PUC/Rio, 84 e de "Passo ao Prato", Rio, 84.

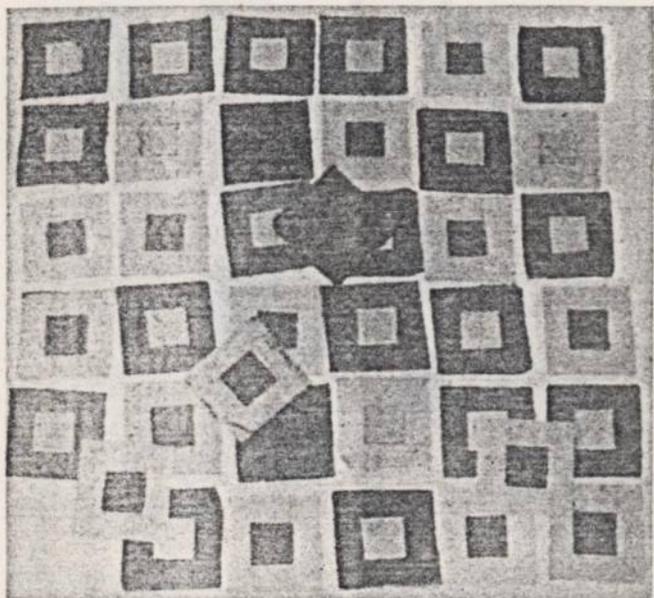
— Pastel s/papel, 1984

— Têxtil, 1984

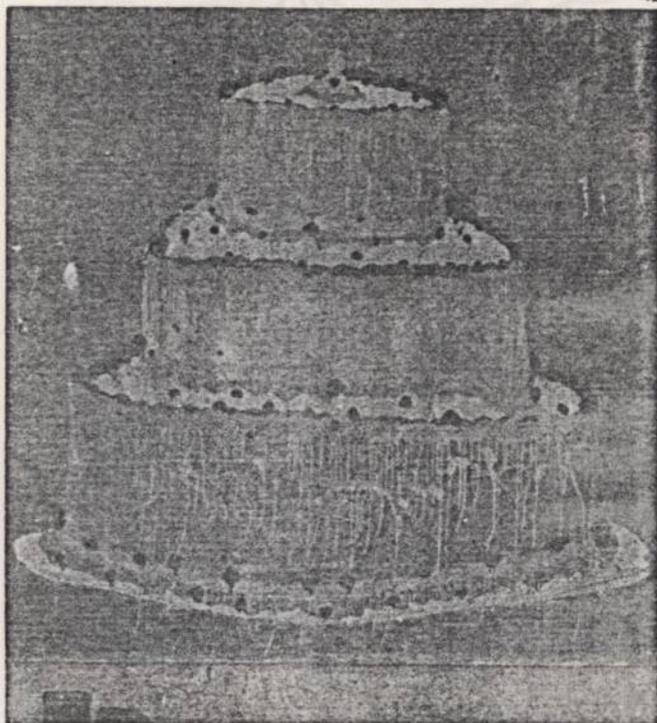
40



41



42



40. ESTER GRINSPUM  
Recife, PE, 1955

Vive e trabalha em São Paulo. Prêmio de aquisição no IV SNAP (81). Participou do V e VI SNAP. Em 82, prêmio do 1º Salão Paulista de Arte Contemporânea. Participou de "Um Traço em Comum", na galeria da UFF em 84 e da 1a. Bienal de Havana, Cuba. Individuais na Pinacoteca do Estado, SP, 81 e na galeria Macunafma, Funarte, Rio, 83.



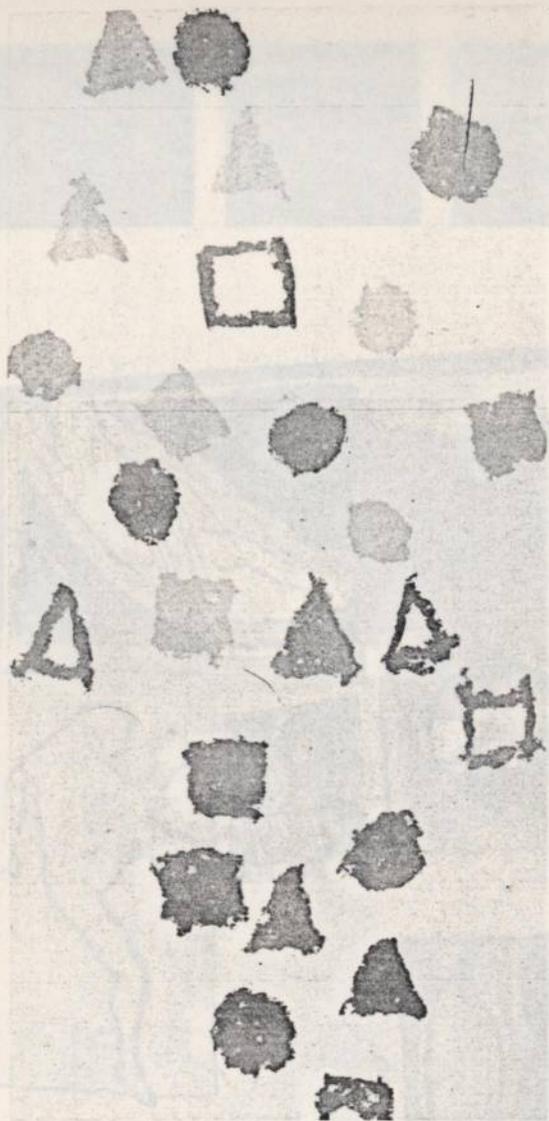
41. ESTHER KITAHARA  
São Paulo, 1954

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudos com Eva Soban (Tapeçaria, em S. Paulo), Lena Bergstein (PUC/Rio), Luiz Áquila, José Lima, Charles Watson (EAV) e Alufcio Carvão (MAM/Rio). Participou do projeto "Rádio Novela", PUC/Rio, 84 e de "Passa na Praça", Rio, 84.



42. FELIPE ANDERY  
Mogi das Cruzes, SP, 1954

Cursou arquitetura em 79 e 80 na FAU/USP. Estudos com L.P. Baravelli, Carlos Fajardo e Dudí Maia Rosa. Prêmio de Aquisição no VI SNAP (83).



**43. FERNANDO BARATA**  
Rio de Janeiro, 1951

Vive e trabalha em Paris. Estudos na EBA/ UFRJ. Participou do II e III S.C. (79 e 80). Menção Especial do júri na 1a. Bienal de Havana, 84. Individual na galeria Macunafma, Funarte, 1979 e na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio, 83. Participa de diversas coletivas na Europa.

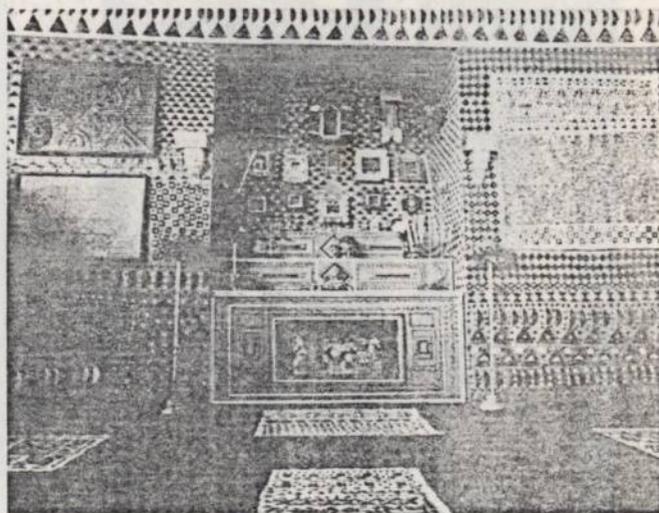
— nanquim e aquarela s/papel japonês, 1983



**44. FERNANDO LOPES**  
Rio de Janeiro, 1962

Estudos com Gastão Manoel Henrique, Anna Bella Geiger, Katie van Scherpenberg (MAM/Rio), Luiz Áquila e Manfredo de Souza Neto (EAV). Desde 80 integra a Oficina do Ingá com Anna Letycia e Solange Oliveira. Participou do 6º e 7º S.C. (82 e 83) e do V e VI SNAP (82 e 83). Individual na galeria da UFF (83) e galeria Contemporânea (83). Em 84, individual na galeria Arte Espaço, Rio.

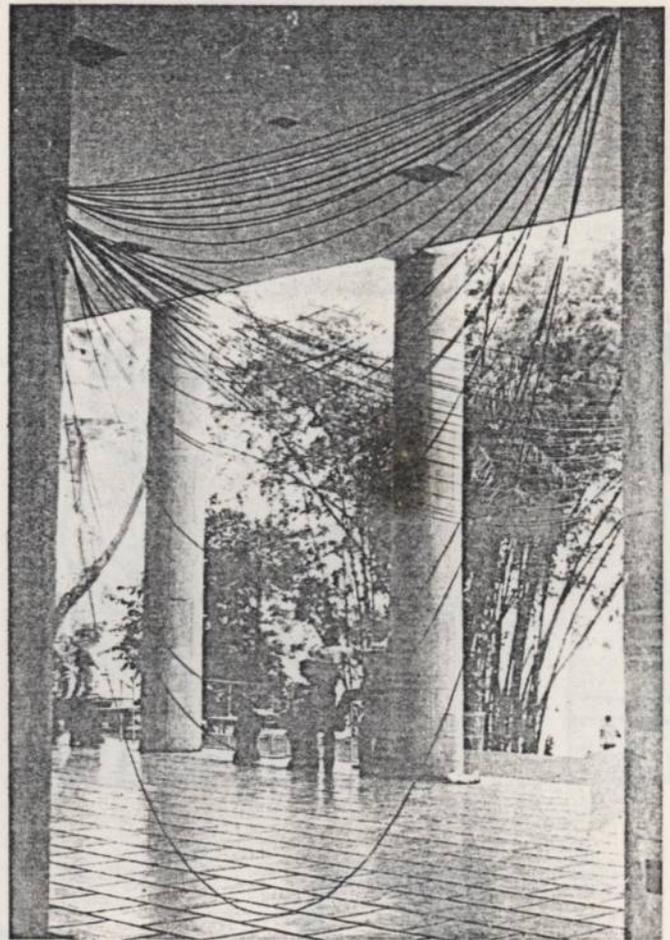
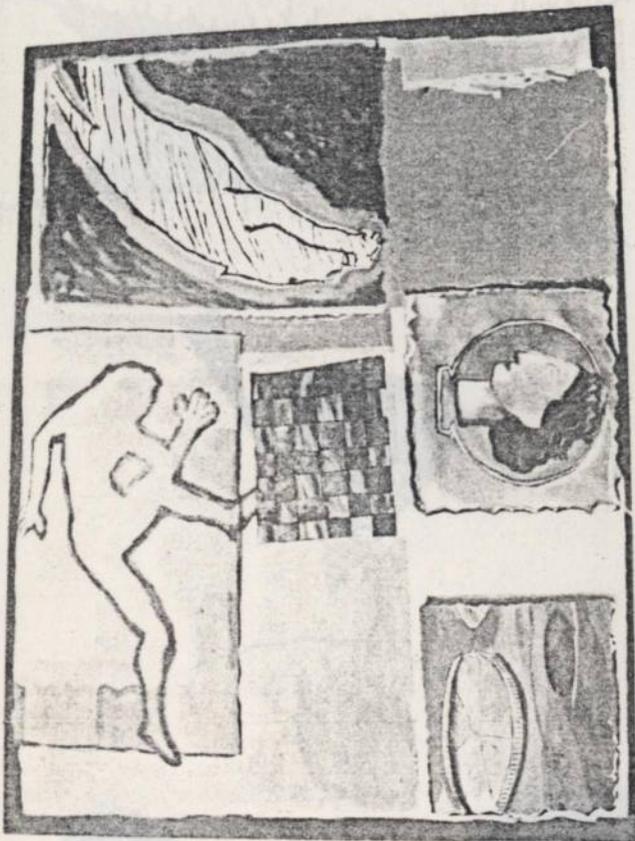
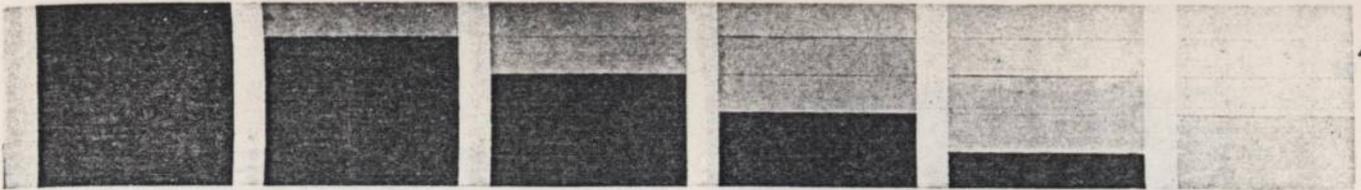
— Guache s/papel, 1984



**45. FERNANDO LUCCHESI**  
Belo Horizonte, 1955

Professor da Escola de Artes e Ofícios de Contagem, MG. Participa de várias coletivas, entre as quais "Precariedade e Criação", no MAM/Belo Horizonte. Prêmio no Salão do Conselho Estadual de Cultura em 80 e 83.

— Instalação, 1983



**46. FERNANDO MOURA**  
Rio de Janeiro, 1959

"Um fato para registro: vindo à luz do Rio numa sexta-feira 13 (em fevereiro de 59) é anfíbio por força da natureza."  
Nando Lemar



**47. FERNANDO STICKEL**  
São Paulo, 1948

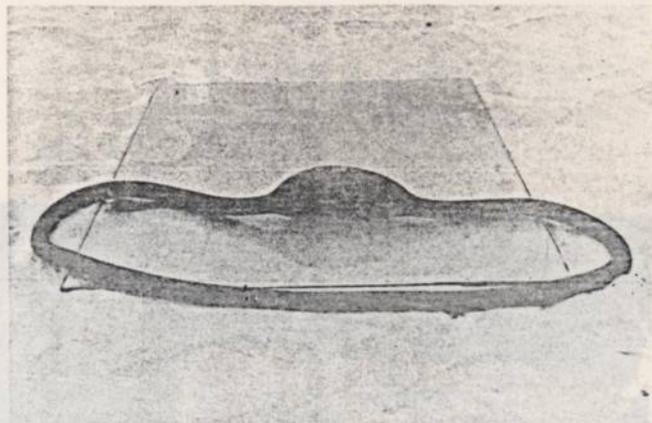
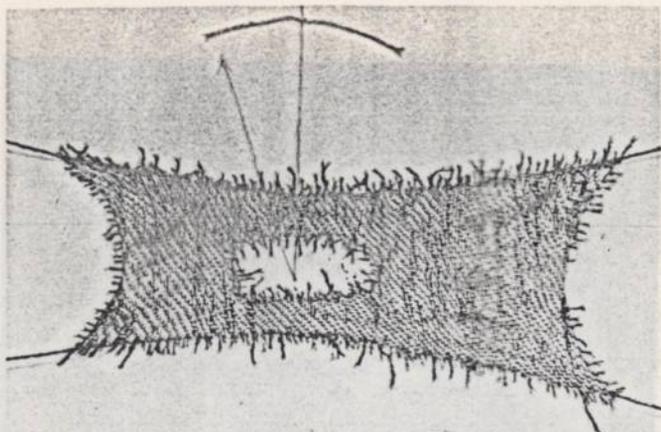
Formado em arquitetura pela FAU/USP. Estudos com L.P. Baravelli, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende. Participa do 1º Salão Paulista de Arte Contemporânea (80); IV SNAP (81) e da mostra "Arte Papel", galeria Paulo Figueiredo, Bauru, SP. Individual na galeria Paulo Figueiredo, em São Paulo, 82.



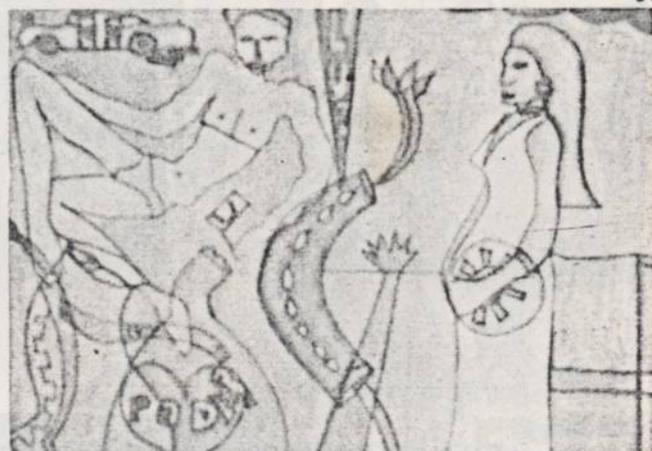
**48. FRANCISCO CUNHA**  
Rio de Janeiro, 1957

Formado em arquitetura pela USU/Rio. Estudos com José Lima, Astréa El-Jaick, Carlos Martins, John Nicholson na EAV. Participou do IV e V S.C. (80 e 81); do 38º S.P.R. com prêmio em xilogravura; VI SNAP (83). Participou da exposição "Em torno do Parque Lage" na Piccola galeria, Rio, 83 e do projeto Radio Novela, PUC/Rio, 84.

49



51



49. FRANCISCO FARIA  
Curitiba, 1956

Formado em arquitetura pela UFPR. Participou do 39º S.PR (82) e da V Mostra do Desenho Brasileiro, Curitiba. Prêmio de aquisição do VI SNAP (83) e 1º Prêmio do Salão de Arte Jovem de Santos (84). Individual na Fundação Cultural de Curitiba (83).



50. FRIDA BARANEK  
Rio de Janeiro, 1961

Formada em arquitetura pela USU/Rio. Estudos com João Carlos Goldberg (EAV e MAM/Rio) e Tunga (MAM/Rio). Participou do 36º S.PE (83) e integrou a mostra "Precariedade e Criação" No Museu da Pampulha, em 83. Coletiva Galeria IBEU Rio, 83.



51. GASTÃO CASTRO NETO  
Niterói, RJ, 1953

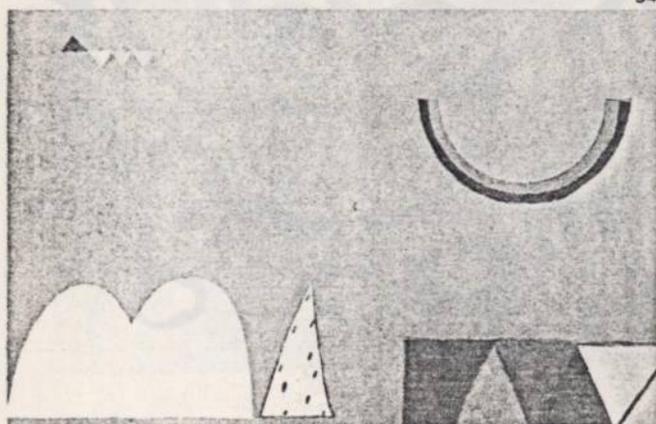
Formado em letras pela UFRJ e em filosofia pela PUC/Rio. Estudou cinema na Califórnia, EUA. Participou do I, II, III e VI S.C. (77, 78, 79 e 82); VI SNAP (83). Coletiva na galeria Macunaíma, Funarte (79) e exposição "Pastéis", na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio, 83.

— Lápis preto s/papel, 1983

— Borracha e vidro, 1984

— Técnica mista, 1984

52



54



**52. GERARDO**  
Alcazar de S.Juan, Ciudad Real, Espanha, 1948

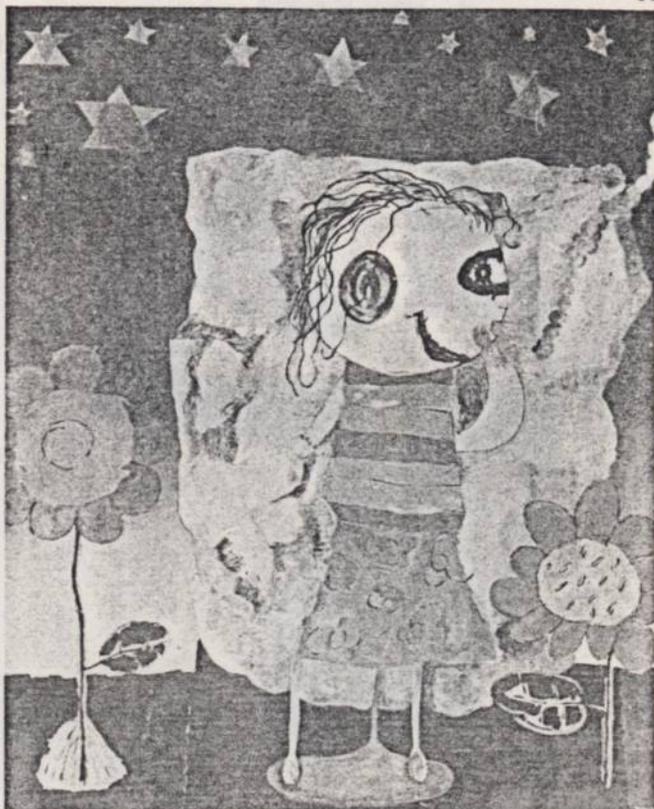
Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em arquitetura pela UFRJ. Participa do IV SNAP. Referência especial do júri no VI SNAP (83). Individual na galeria Macunaíma, Funarte, 81.



**53. GERVANE DE PAULA**  
Cuiabá, 1962

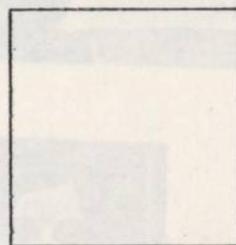
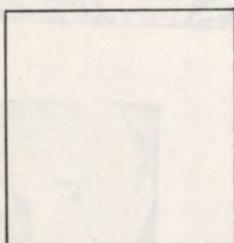
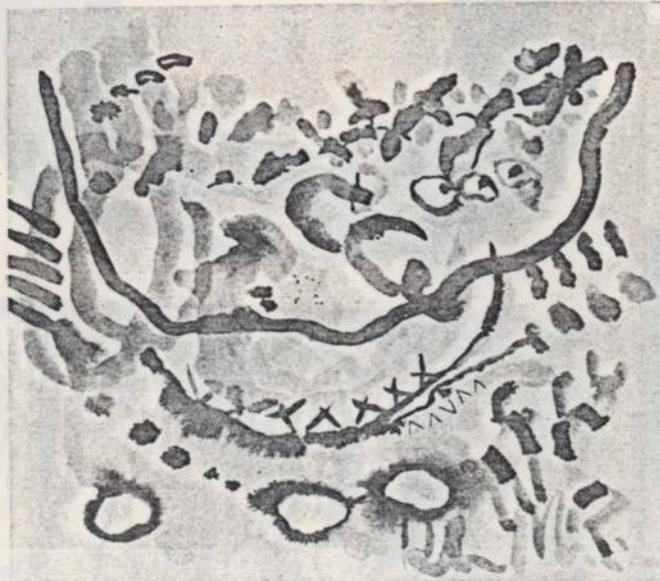
Desde 1977 participa de diversas exposições coletivas. Prêmio de aquisição no V SNAP (82). Participação no IV e VI SNAP (81 e 83). Participou de "Panorama de Pintura", MAM/SP e de "Retratos e auto-retratos da Pintura Brasileira", Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM/SP. Individual na Galeria César Aché, Rio (83).

53



**54. GONÇALO IVO**  
Rio de Janeiro, 1958

Formado em arquitetura pela UFF. Estudos com Sergio Campos Mello e Aluísio Carvão, MAM/Rio. Participou do IV, V, VI e VII S.C. (80, 81, 82 e 83), I, IV e V SNAP (78, 81 e 82). Coletiva "6 Artistas e o Pequeno Formato", galeria da UFF, em 83, e individual na galeria Contemporânea, Rio. Integra o núcleo de artistas jovens da galeria MP2 Arte, Rio.



**55. GRUPO RÁDIO NOVELA –**  
Nelson Ricardo – Rio de Janeiro, 1959;  
Sergio Mauricio – Rio de Janeiro, 1961;  
Flávia Portela – Rio de Janeiro, 1964

Fundado em 1978, realizou eventos diversos na PUC/Rio, entre eles, o "Projeto Radio Novela", em abril de 1984.

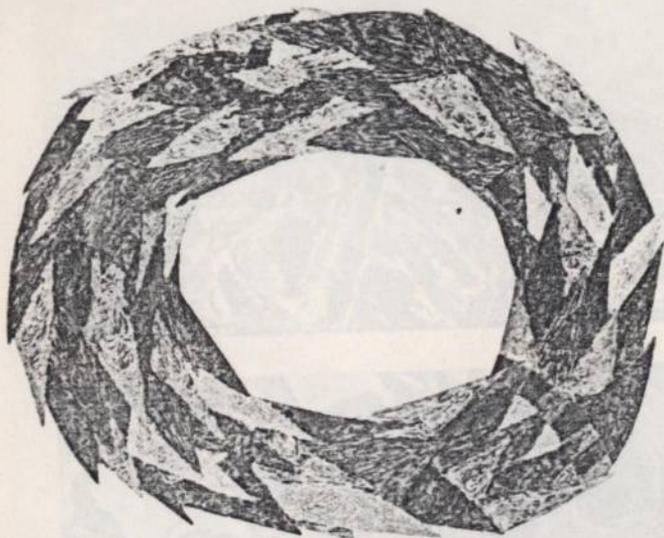
**56. HELLEN MARCIA POTTER**  
Rio de Janeiro, 1955

Estudos com Frank Schaffer e Ken Potter. Integra desde 81 a Oficina do Ingá com Anna Letycia e Solange Oliveira. Menção especial do V S.C. (81) e participação no VI S.C. (82). Diversas coletivas com os artistas do Ingá. Em 84, individual na galeria Café des Arts, Rio.

**57. HAMILTON VIANA GALVÃO**  
João Pessoa, 1954

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou do III S.C. (79) e da 3a. Amostra Internacional em out-door, Recife, 83. Individual no NAC de João Pessoa e Museu de Arte de Campina Grande, PB. Em 84 realiza trabalho, com populares, projeto da galeria Espaço Alternativo, Funarte.

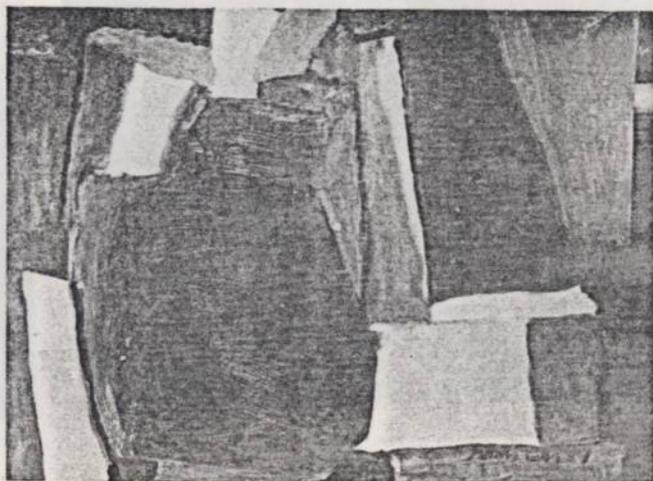
58



59



60



**58. HILTON BERREDO**  
Rio de Janeiro, 1954

Arquiteto formado pela UFRJ. Estudos com Sergio Campos Mello, Aluísio Carvão e Ronaldo Macedo. Participação no V SNAP e Referência Especial do júri no VI SNAP (83). Participou da Feira de Arte de Madri através da TC Arte Contemporânea e da mostra "Stand 320" nesta mesma galeria, Rio, 84. Ainda este ano, individual na galeria São Paulo, SP.



**59. INÊS DE ARAUJO**  
Rio de Janeiro, 1962

Cursa Comunicação Visual na PUC/Rio. Estudos com Anna Bella Geiger. Coursou a School of Visual Arts, Pratt Institute, Nova York, EUA. Participou do VI S.C. (82) e VI SNAP (83). Em 83, exposição "Pastéis" na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio.



**60. ISAURA PENA**  
Belo Horizonte, 1958

Formada pela EBA/UFMG. Estudos com Lótus Lobo, Amílcar de Castro e Clébio Maduro. Participa do IV SNAP, em 81. Ainda este ano realizará individual em Belo Horizonte.

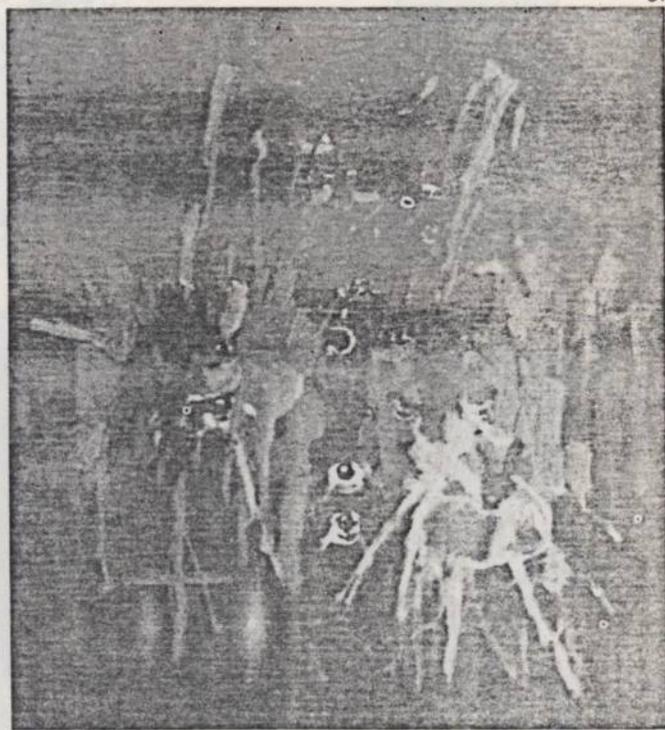
63



62



61



**61. JADIR FREIRE**  
Salvador, 1957



**62. JAIME FERNANDO**  
Rio de Janeiro, 1946



**63. JAIR JACQUEMONT**  
Manaus, 1947

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou do IV, V, VI S.C. e do II, III, IV, V e VI SNAP. Diversas coletivas, entre as quais "Uma rosa é uma rosa" na galeria da UFF, em 83. Individuais na galeria Café des Arts, Rio, 81; galeria Contemporânea, Rio, 82 e galeria Cavalete, Salvador, 83. Coordena o grupo "Pinto como Pinto", integrado por Ricardo Becker, Marcos Chaves e Anna Maria Vieira.

Curso com Luiz Áquila na EAV. Desenvolve trabalho no Museu do Inconsciente, Rio. Individuais na galeria Divulgação e Pesquisa, Rio, 82 e na sala Cecília Meirelles, Rio, 84.

Participa do IV SNAP. Prêmio de aquisição no V SNAP (82) e Referência Especial do júri no VI SNAP (83); Bienal de Valparaíso, Chile, em 83; mostra "Brasil Pintura", Palácio das Artes, B.Horizonte, 83. Individual na galeria Rodrigo M.F. de Andrade, Funarte, 1983 e na galeria TC Arte Contemporânea ainda este ano.

— Tinta acrílica s/tela, 1984

— Óleo s/cartão, 1984

— Tinta acrílica s/tela, 1984

65



64. JEANETE MUSATTI  
São Paulo, 1944

Estudos com Iolanda Mohaly, Juan Pong. Diversas coletivas. Individuais na galeria Paulo Figueiredo, S.Paulo, 82; galeria Arco Arte Contemporânea, S.Paulo, 83 e GB Arte, Rio de Janeiro, 84.

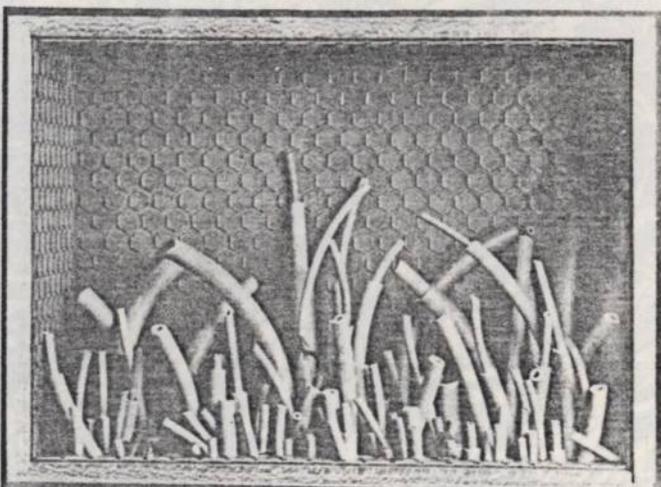
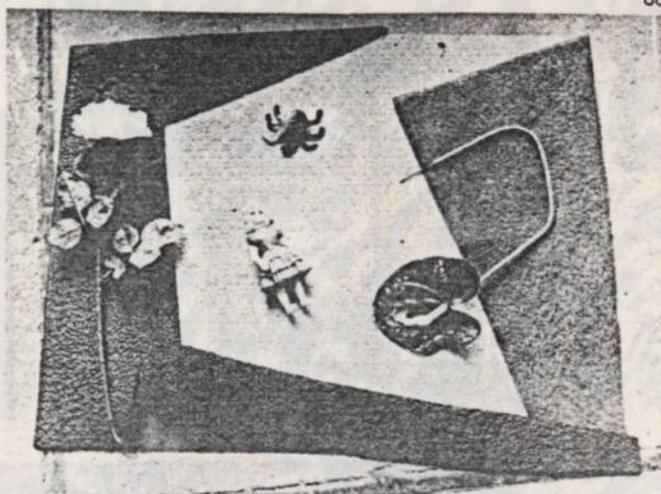
— Borracha e figuras de plástico pintadas, 1984



65. JOÃO MAGALHÃES  
Juiz de Fora, MG, 1944

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Cursos com Gastão Manoel Henrique e Luiz Áquila na EAV. Diversas coletivas, entre as quais "Pintura, Pintura" na Casa de Rui Barbosa, Rio, 83 e "O Rosto e a Obra", galeria do IBEU, 83. II SNAP (79). Individuais em Juiz de Fora e na sala Cecília Meirelles, Rio.

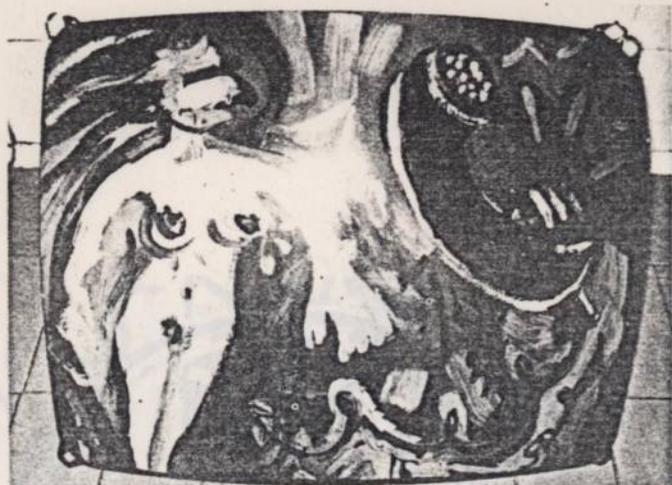
— Tinta acrílica s/tela, 1984



66. JOÃO MODÉ  
Resende, RJ, 1961

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em arquitetura pela USU/Rio. Cursa a EBA/UFRJ. Estudos com Mauro Kleiman e Orlando Mollica.

— Técnica mista, 1984



**67. JOAQUIM CUNHA NETO**  
Rio de Janeiro, 1957

Formado pela EBA/UFRJ. Participa de exposição coletiva na galeria Contemporânea em 84, no Rio.



**68. JORGE BARRÃO**  
Rio de Janeiro, 1959

Trabalhos em parceria com R. Basbaum e A. Decosta. Participou de "Pintura, Pintura" na Casa de Rui Barbosa (83) e da coletiva de verão 84 na galeria Contemporânea. Participou do projeto "Rádio Novela", faixa e performance, PUC/Rio e "Improviso de pintura e música" no SESC Pompéia, São Paulo, 84.



**69. JORGE DUARTE**  
Itapiruçu, MG, 1958

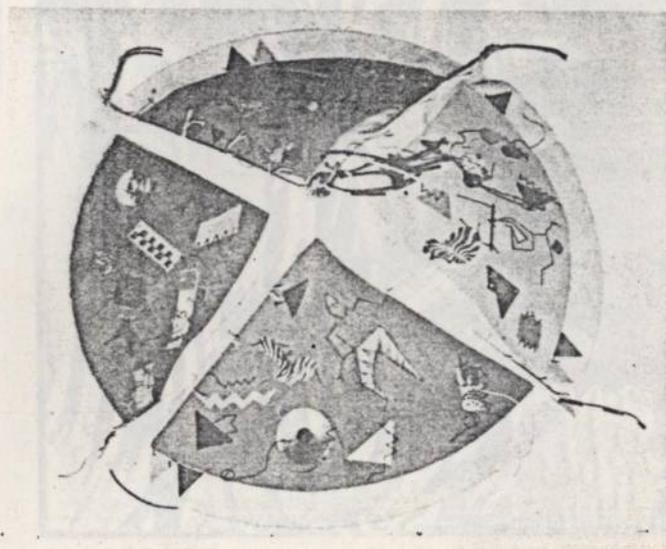
Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado pela EBA/UFRJ. Participou do V, VI e VII S.C. (81, 82 e 83); III, V e VI SNAP (80, 82 e 83). Integrou a mostra "Uma rosa é uma rosa" na galeria da UFF, em 83. Em 84, realizou exposição individual na galeria Cesar Aché, Rio.



70



71



72



70. JORGE GUINLE  
New York, EUA, 1947

Participou do II, IV, V e VI SNAP e de diversas coletivas, entre as quais "O Rosto e a Obra", em 80, no IBEU, Rio e "Entre a Mancha e a Figura", no MAM/Rio, 82. XVII Bienal de São Paulo, 1983. Diversas individuais no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Colaborador das revistas *Interview* e *MÓDULO*.



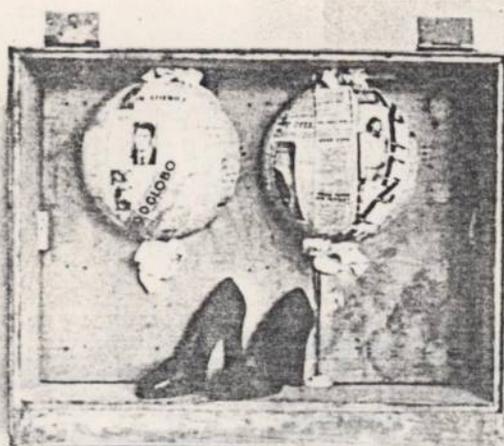
71. JOSÉ EDUARDO GARCIA DE MORAIS  
Santiago, RS, 1958

Vive e trabalha em Brasília. Estudos na Faculdade de Artes da Fundação Brasil de Teatro. Individuais na Galeria "A" da Fundação Cultural do Distrito Federal (81); Galeria Macunafma, Funarte, Rio (83). Prêmio especial Gustavo Capanema no VI SNAP (83).



72. JOSÉ ROBERTO MICCOLI  
Campinas, SP, 1953

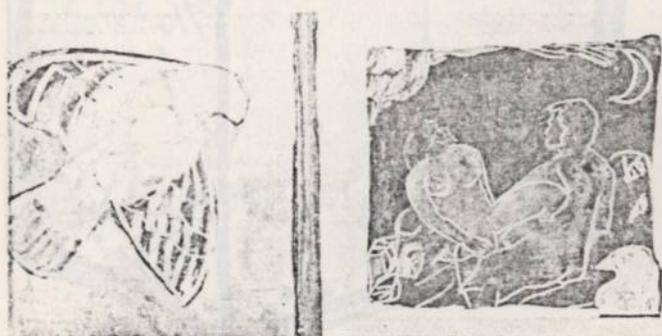
Estudos com Mario Miccoli. Diversas individuais em Campinas, desde 77. Em 80, individual na galeria Rodrigo M.F. de Andrade, Funarte. Em 83, durante a XVII Bienal de São Paulo, realiza projeto com pintura, música e dança. Em 84, instalação coletiva no MAC/Campinas.



74



75



73



**73. JU BARROS**  
Maceió, 1945

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em arquitetura pela UFRJ. Estudos com Anna Bella Geiger. Coletiva na galeria Divulgação e Pesquisa, Rio e na Fundação Cultural de Campos, RJ, 83. Em 84, exposição na galeria Contemporânea, Rio.



**74. JUDITH MILLER**  
África do Sul, 1946

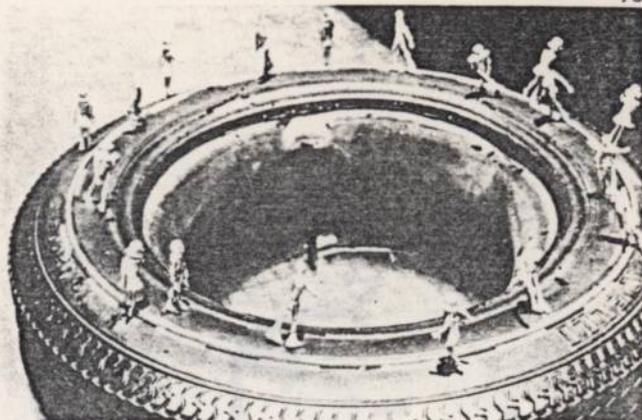
Vive no Brasil desde 1969. Cursos com Celeida Tostes, John Nicholson, Luiz Áquila e Charles Watson na EAV. Participou do V S.C. (81) e do IV SNAP (81). Individual em 83 na galeria Paulo Klabin, Rio.

TC Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, RJ. Galeria Tina Presser, Porto Alegre, RJ. Em 1984 participou da Feira de Arte de Modalidade de TC Arte Contemporânea e da mostra "Atend 220", numa mostra coletiva, Rio, RJ.



**75. KARIN LAMBRECHT**  
Porto Alegre, 1957

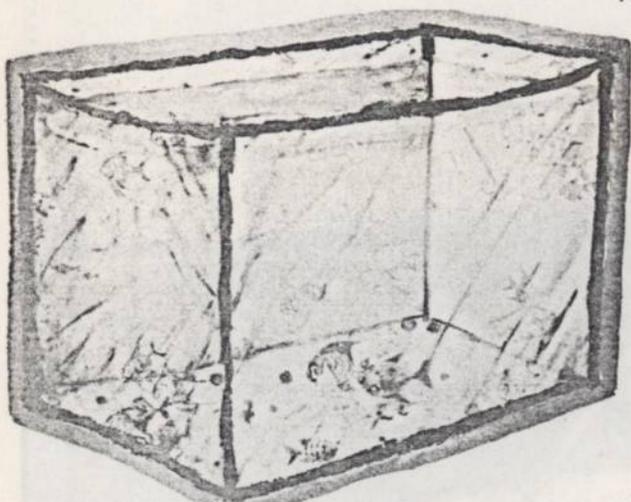
Cursos com Romildo Paiva e Danúbio Gonçalves em Porto Alegre e com Raimond Grike na Fac. de Artes Plásticas de Berlim Ocidental. Prêmio no 35º S.PR. VI SNAP. Integra o grupo responsável pela criação do Espaço NO, em Porto Alegre. Individual na galeria Tina Presser, Porto Alegre, 1984.



77



76



**76. LEDA CATUNDA**  
São Paulo 1961

Participou da "Banda Performática" de J.R. Aguillar. Exposição "Pintura como Meio" no MAC/USP, em 1983; "Pintura Brasil", Palácio das Artes, Belo Horizonte. Em 84 participou da Feira de Arte de Madri através da TC Arte Contemporânea e da mostra "Stand 320" nesta mesma galeria, Rio, 84.



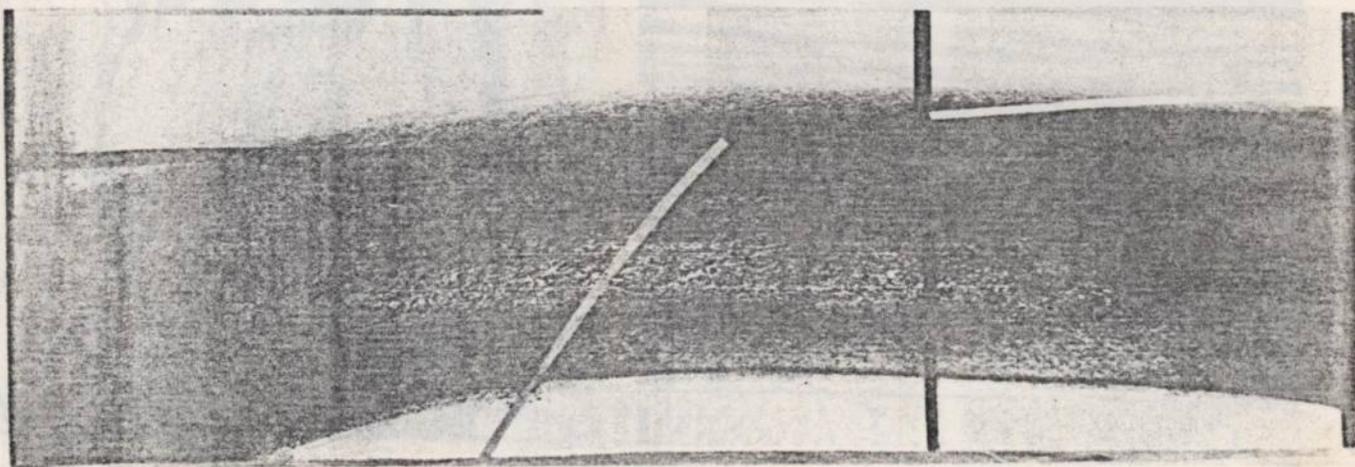
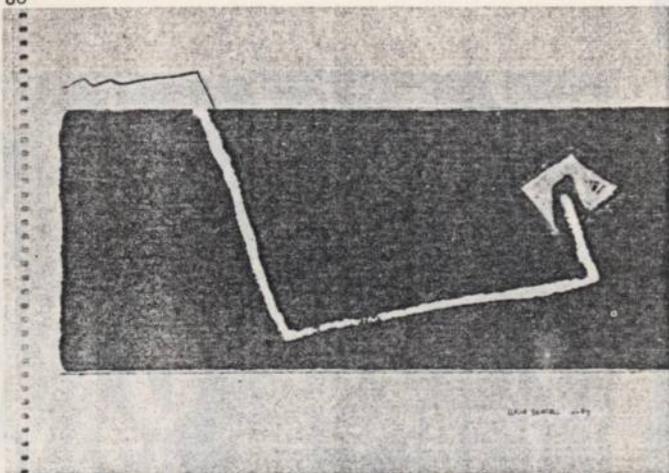
**77. LEONILSON**  
Fortaleza, 1957

Participa de diversas coletivas no Brasil e no exterior desde 1980. Referência especial do júri no VI SNAP (83). Individuais na galeria Fernando Pellegrino, Bologna, Itália em 82. Galeria Luisa Strina, São Paulo, 83. TC Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 83. Galeria Tina Presser, Porto Alegre, 84. Em 1984 participou da Feira de Arte de Madri através da TC Arte Contemporânea e da mostra "Stand 320", nesta mesma galeria, Rio, 84.



**78. LIDIA PERLA SACHARNY**  
Rio de Janeiro, 1956

Formada em desenho e plástica pela UFRJ. Estudos com João Carlos Goldberg e Tunga no MAM/Rio. Participou da coletiva "Em torno da Forma e Volume", no MAM/Rio, 1983.



**79. LIVIA FLORES**  
Rio de Janeiro, 1959

Cursou a ESDI. Cursos com Anna Bella Geiger e Paulo Gomes Garcez. Referência especial do júri no VI SNAP (83). Individual na galeria Macunafma, Funarte, 1983. Reside atualmente na Alemanha. Integra o núcleo de artistas jovens da galeria MP2 Arte, Rio de Janeiro.



**80. LUCIA BEATRIZ**  
Rio de Janeiro, 1945

Participou do VII S.C. (83); 40º S.PR. (83) e do V e VI SNAP (82 e 83). Exposição na Casa do Brasil em Madri, Espanha e na galeria Rodrigo M.F. de Andrade, Funarte, Rio, 1983.



**81. LUIZ ANTONIO NORÕES**  
Rio de Janeiro, 1954 - 1989

Estudos com Rubens Gerchman, Roberto Magalhães, Antonio Grosso e Susan L'Engle. Professor de desenho da EAV. Participou do III, IV e V S.C. (79, 80 e 81); II e III SNAP (79 e 80). Individuais na galeria Andrea Sigaud, Rio em 81 e na galeria Macunafma, Funarte, Rio, 83.



82



83



**82. LUIZ CRUZ**  
Tiradentes, MG, 1959

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Cursos com John Nicholson, Luiz Áquila e José Lima na EAV. Participou do IV SNAP (81) e do VII S.C. (83). Individual na galeria Macunafma, Funarte, Rio, 1982.



**83. LUIZ ERNESTO**  
Rio de Janeiro, 1955

Formado em engenharia pela PUC/Petrópolis, RJ. Cursos com Misabel Pedrosa, Antonio Grosso, Roberto Magalhães. Professor de desenho na EAV. Prêmio de desenho no IV S.C. (80). Participou do I, II, III SNAP (78, 79 e 80). Coletivas: "O Rosto e a Obra", galeria do IBEU, Rio, 80; "Panorama da Arte Atual Brasileira", S. Paulo, 80. Individual na galeria Banerj, Rio, 82.

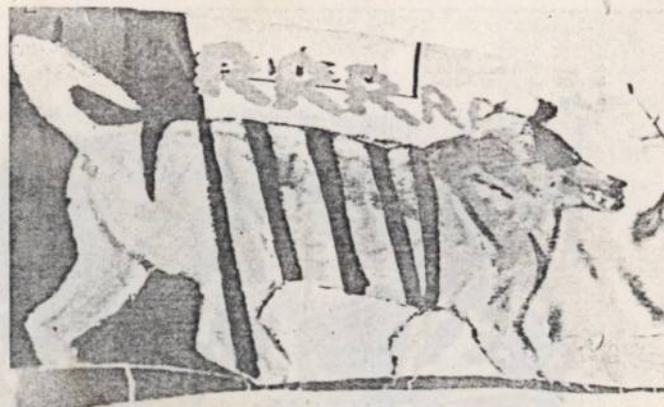


**84. LUIZ PIZARRO**  
Rio de Janeiro, 1958

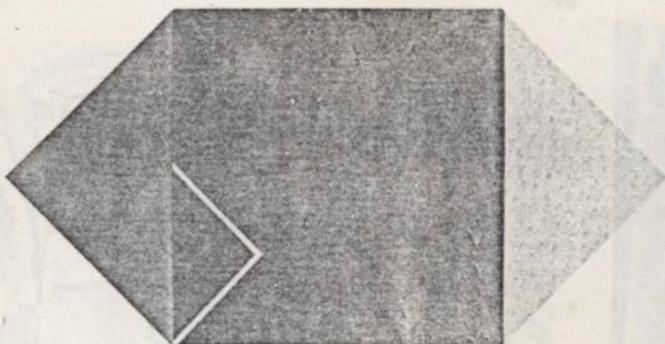
Formado em administração pela FGV e Engenharia pela UFRJ. Cursos com John Nicholson, Luiz Ernesto, Luiz Áquila e Astréia El-Jaick. Prêmio de aquisição do VI SNAP (83). Coletivas: "Em torno do Parque Lage", Piccola galeria, 83 e "Pintura, Pintura", na Casa de Rui Barbosa, Rio, 83.



86



85



**85. LUIS SERGIO DE OLIVEIRA**  
Rio de Janeiro, 1955

Formado pela EBA/UFRJ. Coordenador da galeria de arte da UFF. II, III, IV e V S.C. (78, 79, 80 e 81); III e IV SNAP (81 e 82). Coletivas: "A Casa", GB Arte, Rio, 82 e "Uma Rosa é uma Rosa é uma Rosa", galeria da UFF, 82.



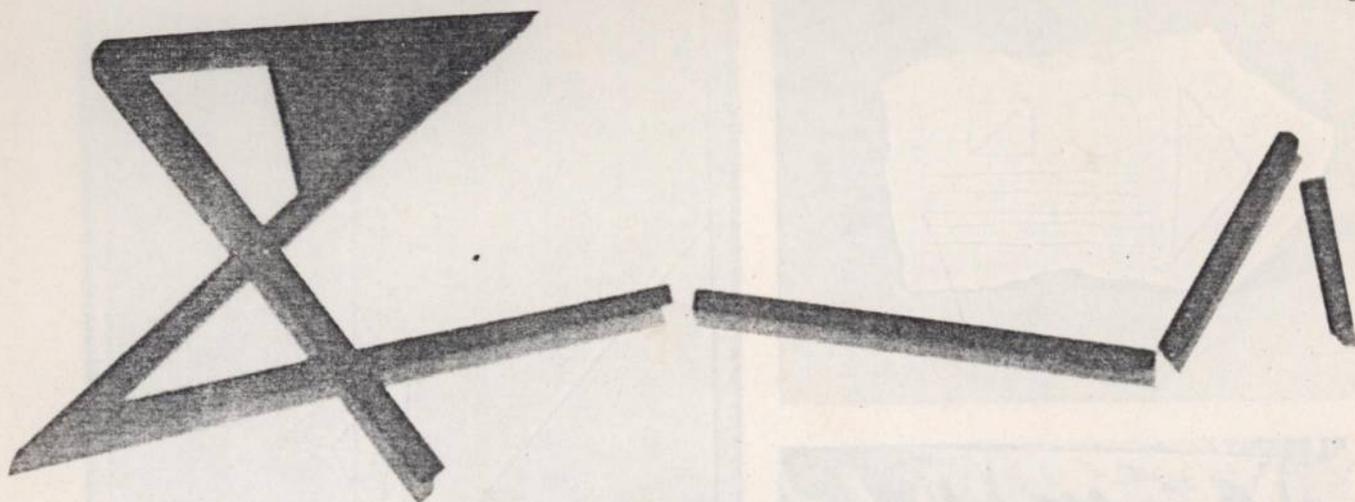
**86. LUIZ ZERBINI**  
São Paulo, 1959

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudos com J.A. van Acker, Dudi Maia Rosa, Julio Plaza e Carlos Moreira. Participou do Salão de Arte Contemporânea MAC/USP. Individual na galeria Lira Paulistana, São Paulo, 83.



**87. MANOEL FERNANDES**  
São Paulo, 1944

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Arquiteto, formado pela Un. Mackenzie, SP. Participou do I e II SNAP. Prêmio de viagem no VI SNAP. Professor de desenho na EAV. Individual na galeria Paulo Figueiredo, SP, 1980. Galeria de arte do Centro Cultural Cândido Mendes, 81, Rio e galeria Contemporânea, 83, Rio.



90

89



88. MARCELO LAGO  
Rio de Janeiro, 1958

Estudos na EAV e no Ingá. Integra o grupo de estudos de Paulo Gomes Garcez. Participou de coletiva do Ingá no Solar Grandjean de Montigny, PUC, Rio. VI SNAP' (83). Individual no Espaço ESDI, Rio, 83.



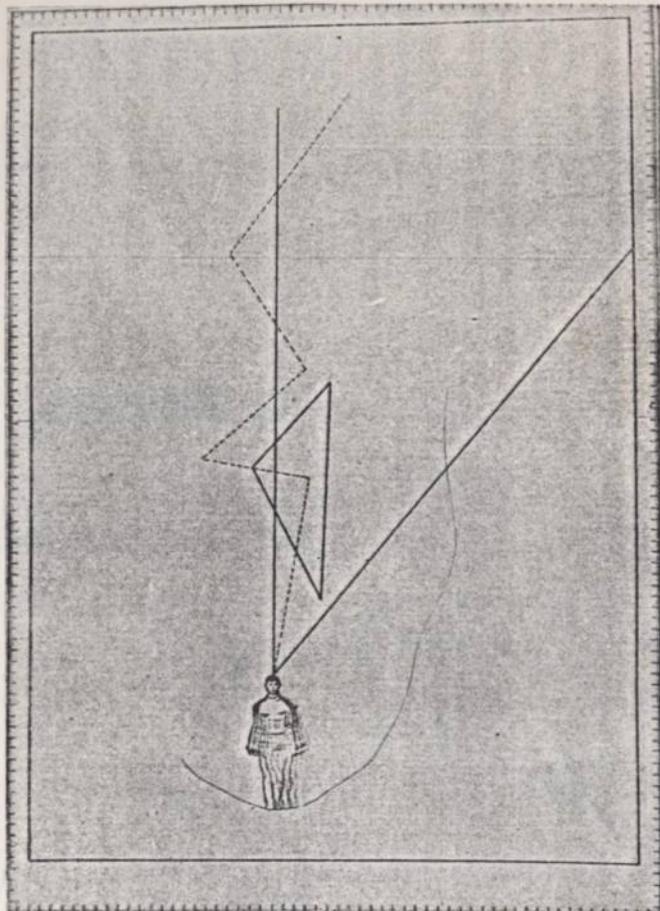
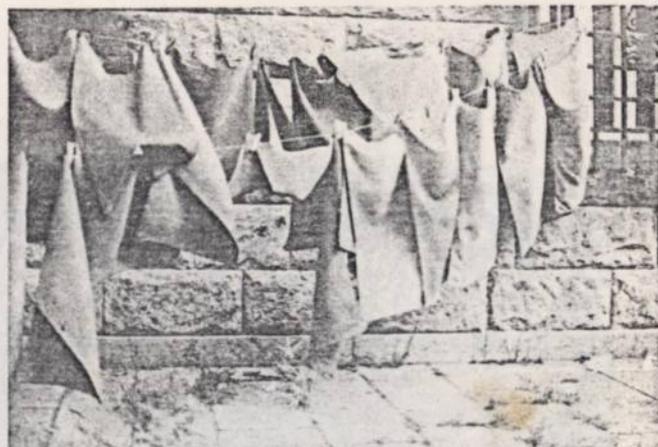
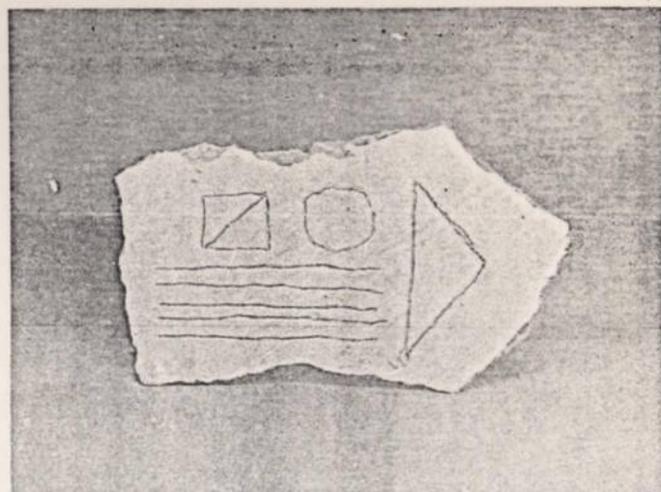
89. MARCUS LIMA  
Nanuque, MG, 1960

Curso de Pintura com Lufz Áquila. Trabalha atualmente com Jorge Guinle.



90. MARCUS ANDRÉ  
Rio de Janeiro, 1961

Cursa desenho industrial na UFRJ. Estudos na EAV e MAM/Rio. Desde 82 frequenta a Oficina do Ingá com Anna Letycia, Solange Oliveira e Ricardo Queirós. Participou do VI, VII S.C. (82 e 83). Coletiva de verão na galeria Contemporânea, 84, Rio.



**91. MARIO AZEVEDO**  
Ubá, MG, 1957

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou do IV SNAP. Prêmio do IV e V Salão de Artes Plásticas do Conselho Estadual de Cultura; participou de "Precariedade e Criação", MAM, Belo Horizonte, 83. Individual na galeria Espaço Alternativo Funarte, 83.



**92. MARIZA NICOLAY**  
Rio de Janeiro, 1956

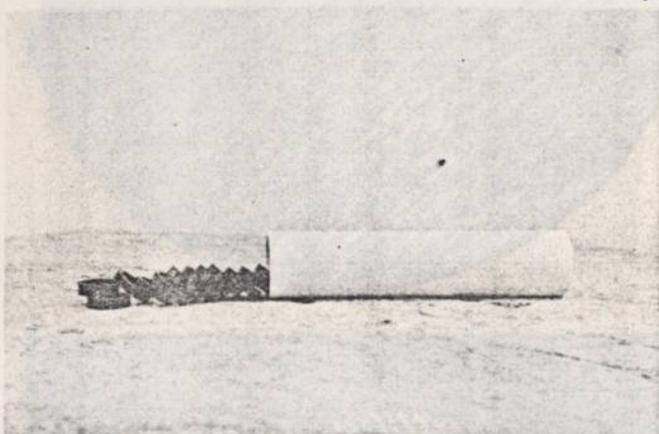
Formada em arquitetura pela Un. Bennet, Rio. Frequenta a Oficina 3D com Nelly Gutmacher na EAV.



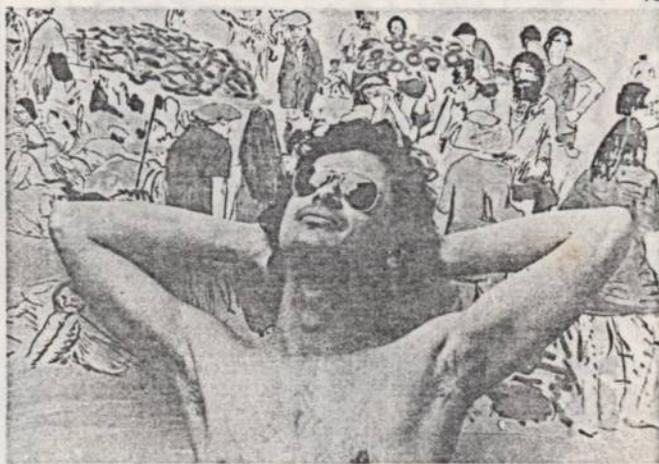
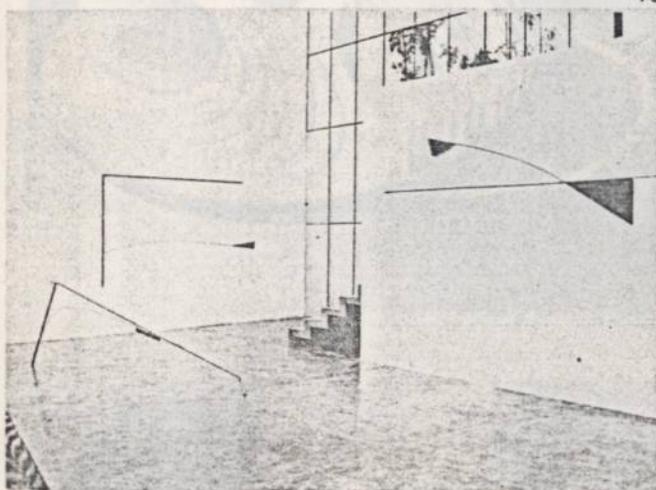
**93. MARTA D'ANGELO**  
Campos, RJ, 1949

Formada em filosofia pela UFRJ, editora de cultura do jornal *Versus*, S.P. Exposições coletivas na galeria Divulgação e Pesquisa e Fundação Cultural de Campos, RJ. Individual na galeria Divulgação e Pesquisa, Rio, 81. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

94

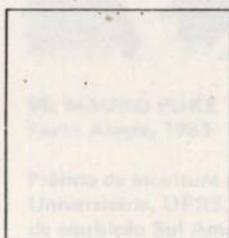


96



**94. MARIA IGNÊS LOBO**  
Rio de Janeiro, 1944

Cursos com João Carlos Goldberg e Tunga (MAM/Rio). Participou da coletiva "Em torno da Forma e Volume", MAM, Rio, 83.



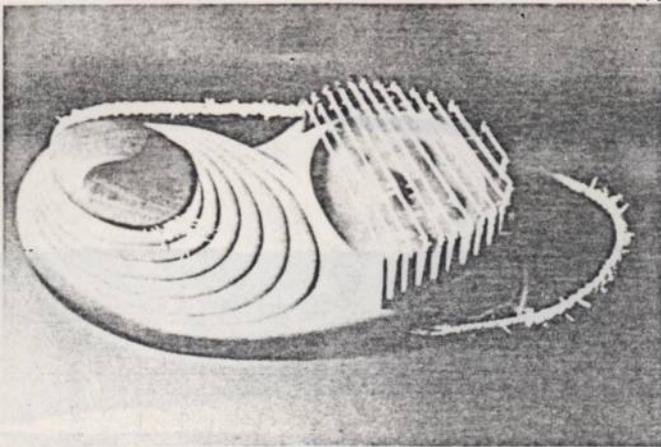
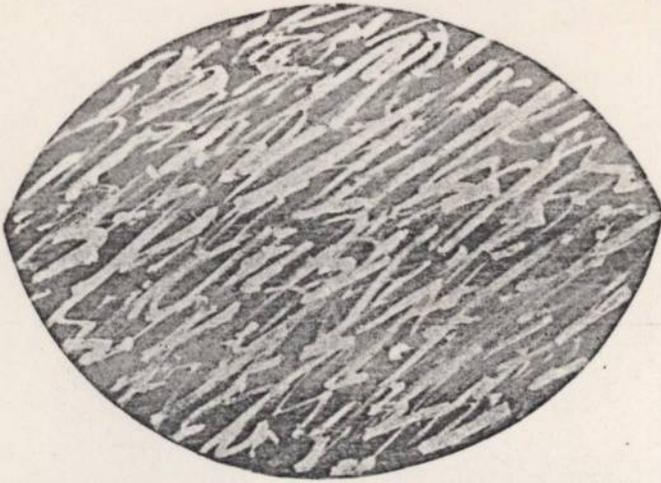
**95. MAURICIO ARRAES**  
Recife, 1956

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em sociologia da arte pela École Pratique des Hautes Études, Paris; I e II SNAP (78 e 79). Prêmio de aquisição no IV SNAP (81). Exposições na galeria Ipanema e galeria Estampa (82 e 84) e na galeria Futuro 25, Recife, 82. Este ano participou da coletiva Dix Artistes de Recife, no espaço Latino American, Paris.



**96. MAURICIO BENTES**  
Rio de Janeiro, 1958

Cursos com Celeida Tostes na EAV. Desde 81 frequenta a Oficina de escultura do Ingá com Haroldo Barroso. V e VI SNAP (82 e 83). Em 83 realiza trabalho de interferência urbana na Av. Paulista, Parque Ibirapuera e no campus da USP. Exposição na galeria São Paulo. Integra a equipe de cenografia do filme "Quilombo".



**97. MAURICIO DIAS**  
Rio de Janeiro, 1964

Cursa a EBA/UFRJ. Estudos com Alex Gama, Lea Guimarães, Lygia Pape e Adir Botelho. Coletiva Bennet, 82, Rio.



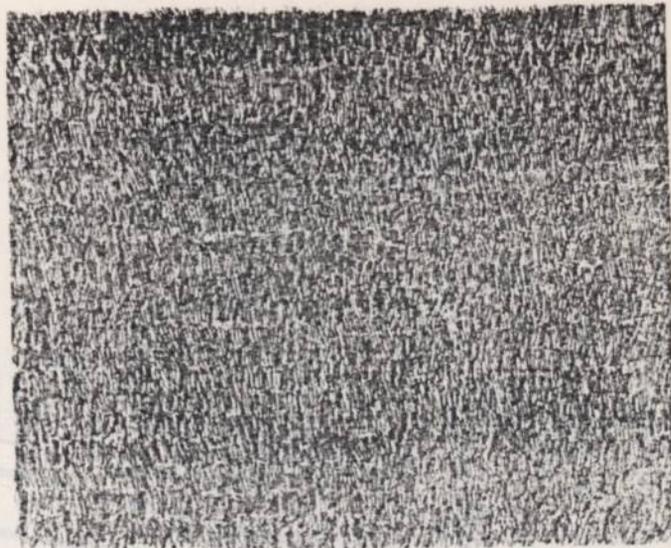
**98. MAURO FUKE**  
Porto Alegre, 1961

Prêmio de escultura no I Salão de Arte Universitária, UFRS, em 82. Grande prêmio de aquisição Sul América no III Jovem Arte Brasil Sul. Individual na galeria Tina Presser, Porto Alegre, 83.

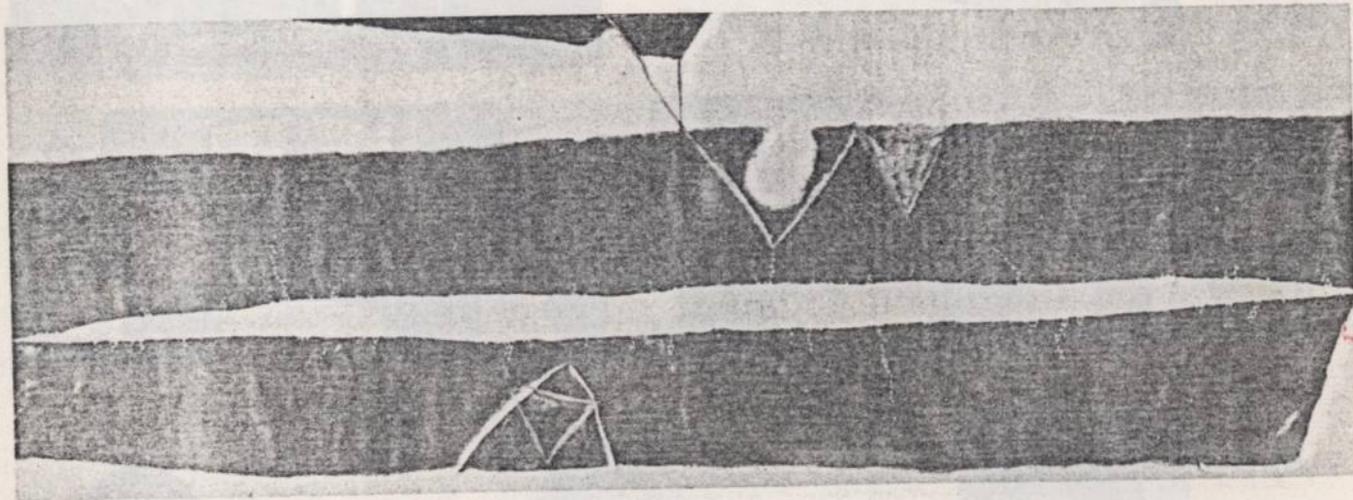


**99. MONICA LESSA**  
Rio de Janeiro, 1946

Formada em jornalismo pela UFRJ. Estudos com Anna Bella Geiger. Participou de coletivas na galeria Divulgação e Pesquisa e na Fundação Cultural de Campos, RJ, 83. Em 84, exposição na galeria Contemporânea.



101



**100. MONICA NADOR**  
Ribeirão Preto, SP, 1955

Vive e trabalha em São Paulo. Graduação na faculdade de artes plásticas da FAAP. Exposição individual no MAC/USP em 83. Trabalhos em vídeo-texto para a 17a. Bienal de São Paulo. Realizou out-door para o projeto "Arte na Rua", São Paulo, 1983.



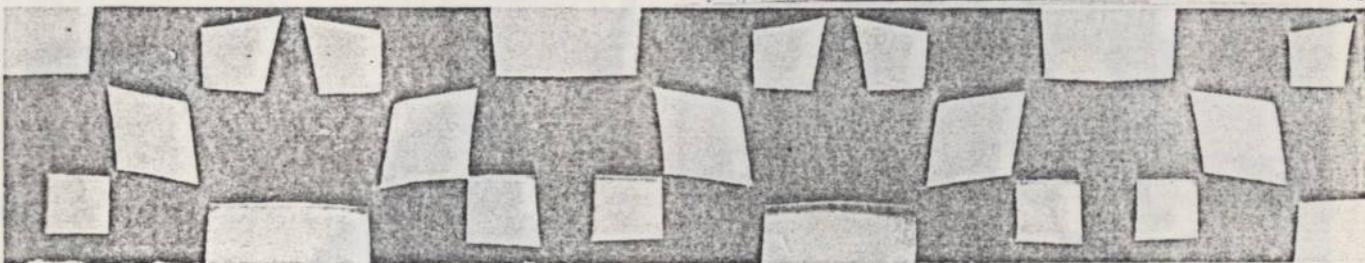
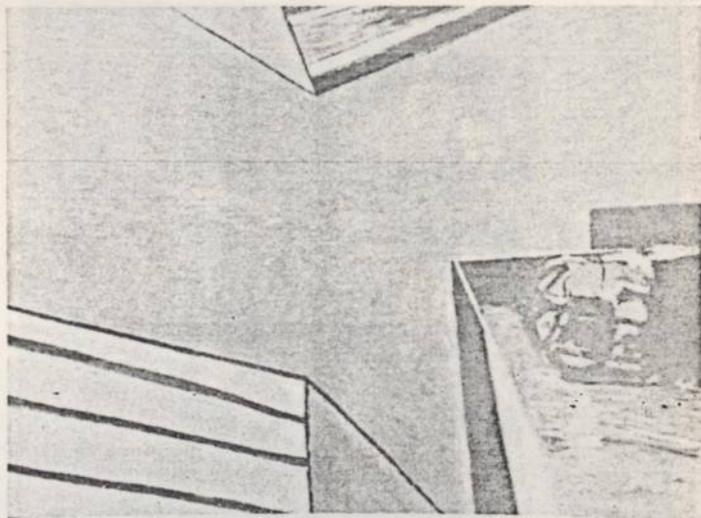
**101. NELSON FELIX**  
Rio de Janeiro, 1954

Arquiteto formado pela UFRJ. Prêmio do III S.C. (79). Exposição coleção Gilberto Chateaubriand, Lisboa, 82 e São Paulo, 84. VI SNAP (83). Individuais na galeria Jean Boghici, Rio, 80; galeria Paulo Klabin, Rio, 83. Este ano, exposição na galeria Paulo Figueiredo, São Paulo.



**102. PAULO CAMPINHO**  
Petrópolis, RJ, 1958

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado pela EBA/UFRJ. Cursos com Alufio Carvão (MAM/Rio) e Anna Letycia, (Ingá). Participou do V, VI e VII S.C. (81, 82 e 83) e do V SNAP (83). Individual no Espace 81, Maison de France, 82, Rio. Em 84 exposição na galeria Cesar Aché, Rio.



**103. PAULO HENRIQUE AMARAL**  
Belo Horizonte, 1953

Estudou na EBA/UFMG. Professor de litografia na Escola Guignard, Belo Horizonte. Participou do III SNAP (80). Prêmio de aquisição na V Mostra de Desenho Brasileiro, Curitiba. Participou de "Precariedade e Criação", MAM/Belo Horizonte. Individual na galeria Gesto Gráfico, Belo Horizonte, 1981.



**104. PAULO NOBRE**  
Rio de Janeiro, 1949

Participou do IV e VI SNAP (81 e 83). Exposição individual na galeria Macunafma, Funarte, 81. Prêmio de aquisição em pintura na V Exposição de Belas Artes Brasil-Japão. Individual na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, 82, Rio.

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em Ciências Biológicas pela UFRJ. Estudos com Gastão Meneses Henrique, Astris El-Jack e Luiz Aquino, na EAV e com Mestre de Souzaeta no Ateliê Armador, Rio. Participou do VI S.C. e da coletiva "Pintura, Pintura" no caso de Rui Barbosa, Rio, 83. Em 84 participou do projeto Rêde Novela, FUC, Rio e realizou a 4a. Pintura

— Madeira e pano, 1984



**105. PAULO PAES**  
Belém, 1960

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Referência especial do júri no V SNAP (82). Exposição, com João Grijó, na galeria Café des Arts, Rio. Participa da coletiva "Brasil Pintura" no Palácio das Artes, Belo Horizonte. Individual em 83 na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio.

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em Engenharia Naval em Sudbury, Inglaterra. Frequentou a EAV e o grupo de escultores W. Inglês. Participou do II, V e VI SNAP (80, 82 e 83). Individual na galeria Atelier, Rio e no Espaço Cultural de UERJ em 1982.

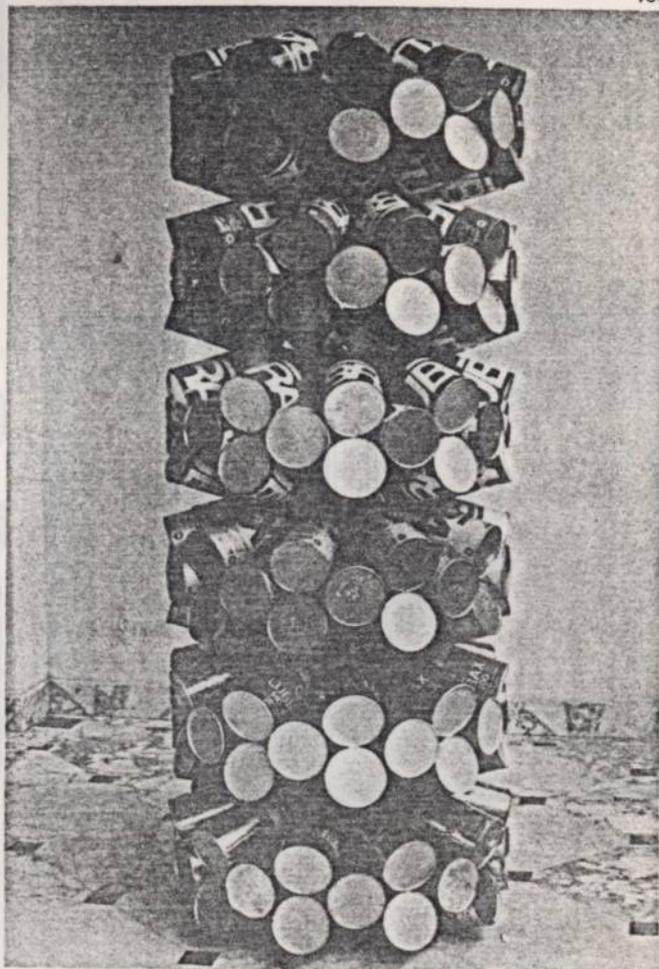
— Papel recortado, 1984



107



106



106. PATRICIA CANETTI  
Rio de Janeiro, 1960

Estudos com Thereza Miranda e Umberto França. Diretora do Centro Universitário de Fotografia da PUC/Rio. Coletivas com o atelier de Umberto França na Biblioteca de Copacabana, Rio, e no Centro Cultural de Petrópolis, RJ, 84. Coletiva no restaurante Manga Rosa, Rio, 84. Apresenta trabalho com Hélio de la Peña, fundador do jornal *Casseta Popular*, Rio.



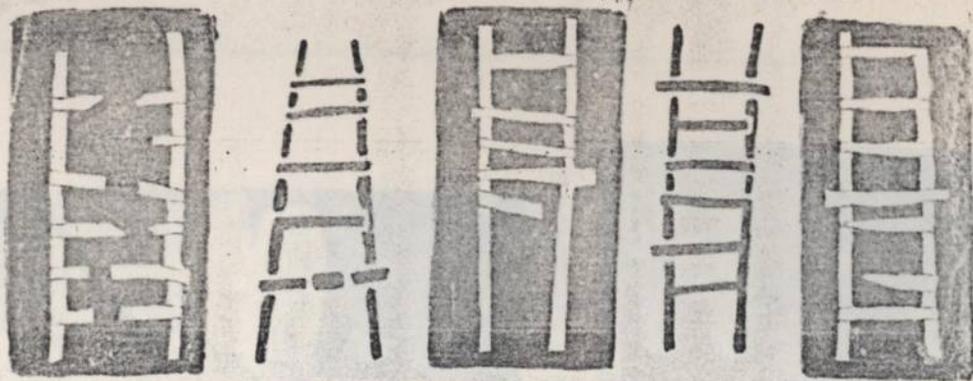
107. RICARDO BASBAUM  
São Paulo, 1961

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em Ciências Biológicas pela UFRJ. Estudos com Gastão Manoel Henrique, Astréa El-Jaick e Luiz Áquila, na EAV e com Manfredo de Souza Neto no Ateliê Armação, Rio. Participou do VI S.C. e da coletiva "Pintura, Pintura" na casa de Rui Barbosa, Rio, 83. Em 84 participa do projeto Rádio Novela, PUC, Rio e realiza a 4a. Pintura Cartaz com A. Dacosta em São Paulo.

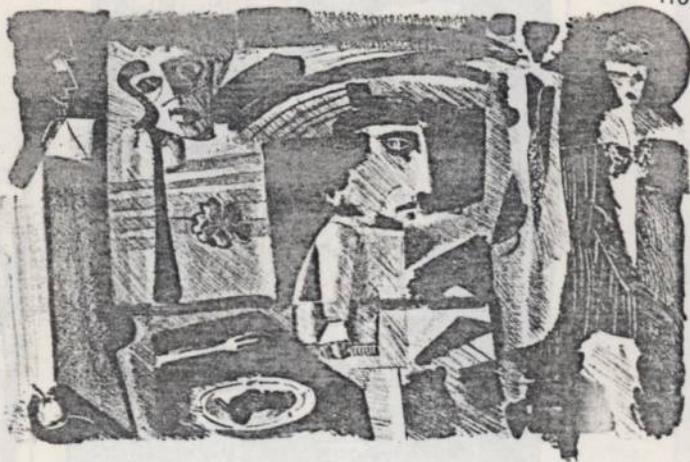


108. RICARDO SEPÚLVEDA  
Tacla, Chile, 1941

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em engenharia naval em Suderlan, Inglaterra. Frequentou a EAV e o grupo de escultores do Ingá. Participou do III, V e VI SNAP (80, 82 e 83). Individuais na galeria Atelier, Rio e no Espaço Cultural da UERJ em 1982.



110



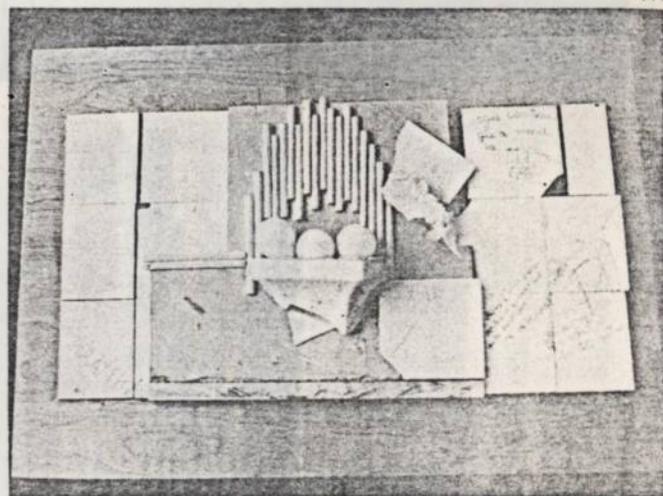
109. ROGÉRIA DE IPANEMA  
Rio de Janeiro, 1960

Formada pela EBA/UFRJ. Prêmio de aquisição no 36º S.PE (82). Participou do 40º S.PR (83). Individual, em 84, na galeria Contemporânea, Rio.

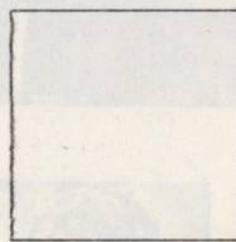


110. ROBERTO TAVARES  
Rio de Janeiro, 1959

Estuda na EBA/UFRJ. Estuda com Thereza Miranda no MAM/Rio. Coletiva no restaurante Manja Rosa, Rio, 84.



111



111. SANDRA SARTORI  
Rio de Janeiro, 1963

Estudos com Enéas Valle e Ismael Gracindo. Desde 1982 frequenta a Oficina do Ingá com Haroldo Barroso. Exposição coletiva no Solar Grandjean de Montigny, Rio, 1983.

112. SÉRGIO NEULITCHEFF  
São Paulo, 1960

Estudo do artista polifacético. "Desenho Abstrato", MACJUSP, em 1960. Parâmetros de "Pintura como Meio", MACJUSP, 1963 e do XVII Salão de São Paulo, 62. Em 84, Tortugosa do Faixa de Arte de Múltiplas abordagens da TE Arte Contemporânea e da mostra Stand 320, nesta mesma galeria, Rio.

113. SÉRGIO NEULITCHEFF  
São Paulo, 1960

Prêmio do V Salão de Arte Jovem de Santos, SP, e do Salão de Murtas do Desenho Brasileiro em Curitiba, 61. Participou de exposição "A Pintura como Meio", no MACJUSP, em 63 e de trabalhos para o projeto "Arte na Rua", São Paulo, 63.

114. SÔNIA MARTINS  
Grande, RS, 1960

Estudos com Alair Gomes, Leda Wytow e Maria Rodrigues. Frequenta a oficina de gravar e de escultura do Ingá. Participou do V Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba, em 62. Diversas exposições com as esculturas do Ingá.

113



112. SERGIO ROMAGNOLO  
São Paulo, 1957

I Salão do artista publicitário. "Desenho Jovem", MAC/USP, em 1980. Participou de "Pintura como Meio", MAC/USP, 1983 e da XVII Bienal de S. Paulo, 83. Em 84, participou da Feira de Arte de Madri através da TC Arte Contemporânea e da mostra Stand 320, nesta mesma galeria, Rio.



113. SERGIO NICULITCHEFF  
São Paulo, 1960

Prêmio do V Salão de Arte Jovem de Santos, SP, e da 3a Mostra do Desenho Brasileiro em Curitiba, 81. Participou da exposição "A Pintura como Meio", no MAC/USP, em 83 e de out-door para o projeto "Arte na Rua", São Paulo, 83.

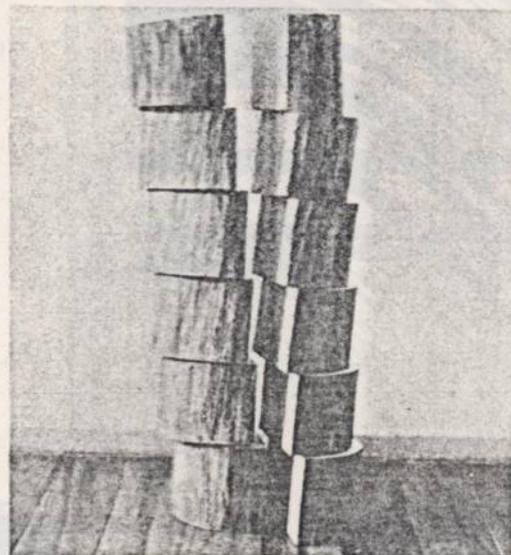


114. SIOMAR MARTINS  
Rio Grande, RS, 1940

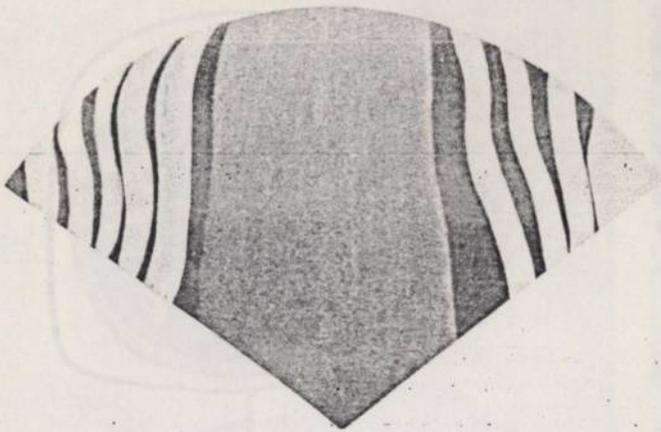
Estudos com Alair Gomes, Leda Watson e Marília Rodrigues. Frequentou as oficinas de gravura e de escultura do Ingá. Participou da V Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba, em 82. Diversas coletivas com os escultores do Ingá.



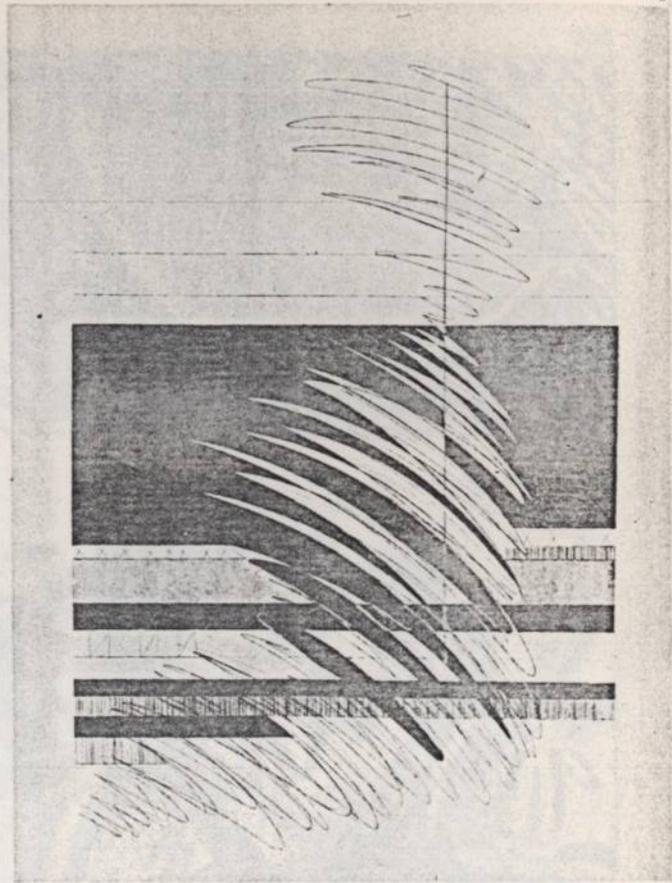
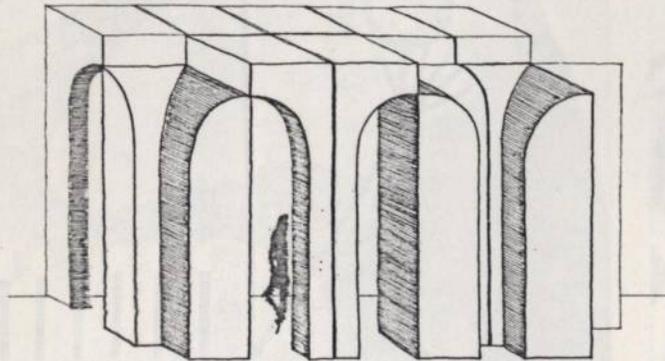
114



116



117



115. SOLANGE OLIVEIRA  
Rio de Janeiro, 1943

Estudos no Art Students League, com Roberto Delamonica, Nova York, EUA. Professora de gravura em metal no Ingá desde 1978. Coordenadora do núcleo de gravura da EAV. Prêmio de aquisição no V SNAP (82) e Prêmio de Viagem no VI SNAP (83). Individuais na Galeria Macunafina, Funarte, Rio (81); Gravura Brasileira, Rio (82), Galeria da UFF e Galeria César Aché, Rio (84).

- Água-tinta, água forte, ponta seca, 1983



116. SUZANA QUEIROGA  
Rio de Janeiro, 1961

Formada pela EBA/UFRJ. Participou do IV, V e VI S.C. (80,81 e 82). Prêmio de aquisição no 35º e 36º S.P.E. Em 83, exposição na Galeria Daltro, Niterói, RJ.

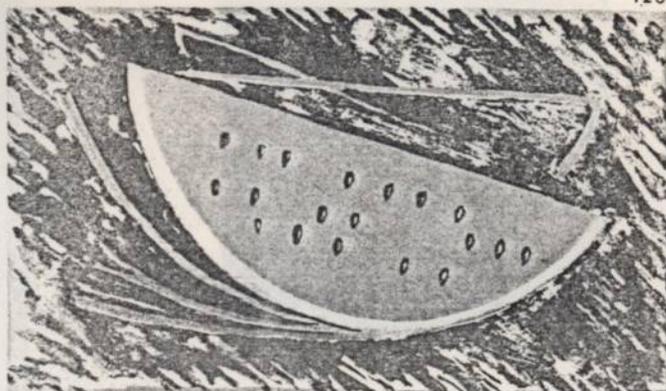
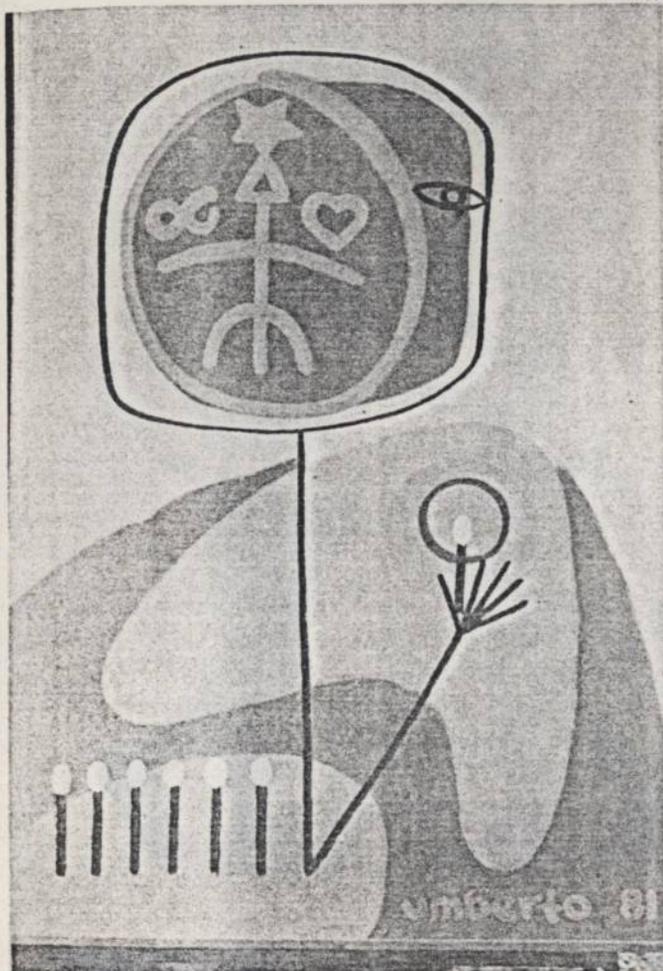
- Tinta acrílica s/tela, 1984



117. TADEU BURGOS  
Rio de Janeiro, 1961

Cursou arquitetura na UFRJ. Estudos com Celeida Tostes na EAV. Coletiva "Em torno do Parque Lage" na Piccola Galeria. Integrou a equipe de cenografia do filme "Quilombo" e da peça "Galvez, o Imperador do Acre".

- Projeto ambiental, 1984



118. TEREZINHA LOSADA  
Londrina, PR, 1959

Vive e trabalha em Brasília. Formada em educação artística pela UnB. Participou do 37º S.P.R. Prêmio de aquisição no I Salão Regional da Prefeitura de Goiás. Exposição individual na galeria Macunafma, Funarte, Rio, em 81 e na Fundação Cultural do Distrito Federal em 81 e 82.



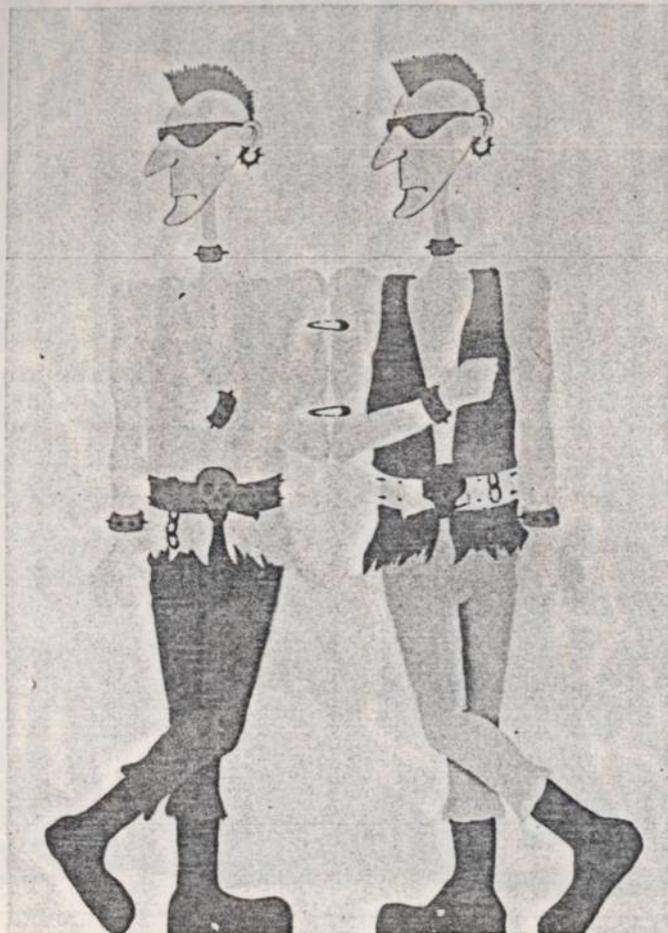
119. UMBERTO FRANÇA  
Sabará, MG, 1950

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado pela Gerrit Rietvelt Academie de Amsterdã, Holanda. Participou do IV e do VI SNAP (81 e 83) e da coletiva de pinturas da galeria Bonino, Rio. Individuais na galeria Macunafma, Funarte, Rio e Harvest Arts Gallery em Amsterdã, Holanda, 82.



120. VALÉRIO RODRIGUES  
Rio de Janeiro, 1953

Formado em comunicação visual pela EBA/UFRJ. Estudos com Anna Letycia e Solange Oliveira na Oficina de Gravura do Ingã desde 1977, com Alufcio Carvão (MAM/Rio) e Celeida Tostes (EAV). Prêmio na II e IV Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba. Prêmio de aquisição no 38º e 39º S.P.R. Participou do III SNAP (80). Individual na galeria Macunafma, Funarte, Rio, em 80 e GB Arte em 1982.



121. VICENTE KUTKA  
São Paulo, 1952

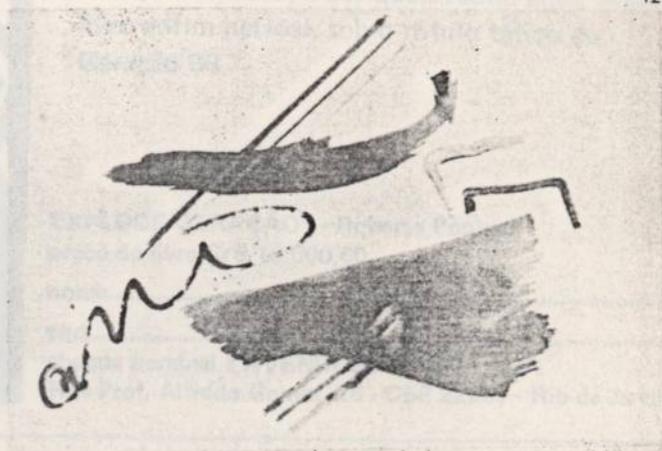
Estudos com Hedva Megged, muralista, colaboradora de Siquieros, no México. Obras na Biblioteca Nacional de Paris e no Brooklyn Museum de Nova York. Diversas exposições em Roma, Viena, Nova York, Tóquio e Lisboa. Participou do VI SNAP (83) e realizou individual na galeria Monica Filgueiras, em São Paulo, 83.

— Técnica mista, 1983

122. XICO CHAVES  
Tiros, MG, 1949

Estudos com Gastão Manoel Henrique, Luiz Áquila, Avatar de Moraes, Rubem Valentim e outros. Trabalha com poesia, super-8, teatro, rádio, fotografia e televisão.

— Técnica mista, 1984



123. WALDEMAR ZAIDLER e  
CARLOS MATUCK

Trabalhos com grafites: intervenção urbana de 81 em diante. Em 82, grafite em painel de madeira no SESC Pompéia. Participação no evento "Arte na Rua", em 83; exposição na Praça da Sé, São Paulo, 83; exposição na galeria São Paulo, SP, 83. Exposição na TC Arte Contemporânea, Rio, 84.

— Pintura s/paredes, 1984

# EXPLODE GERAÇÃO!

## Roberto Pontual

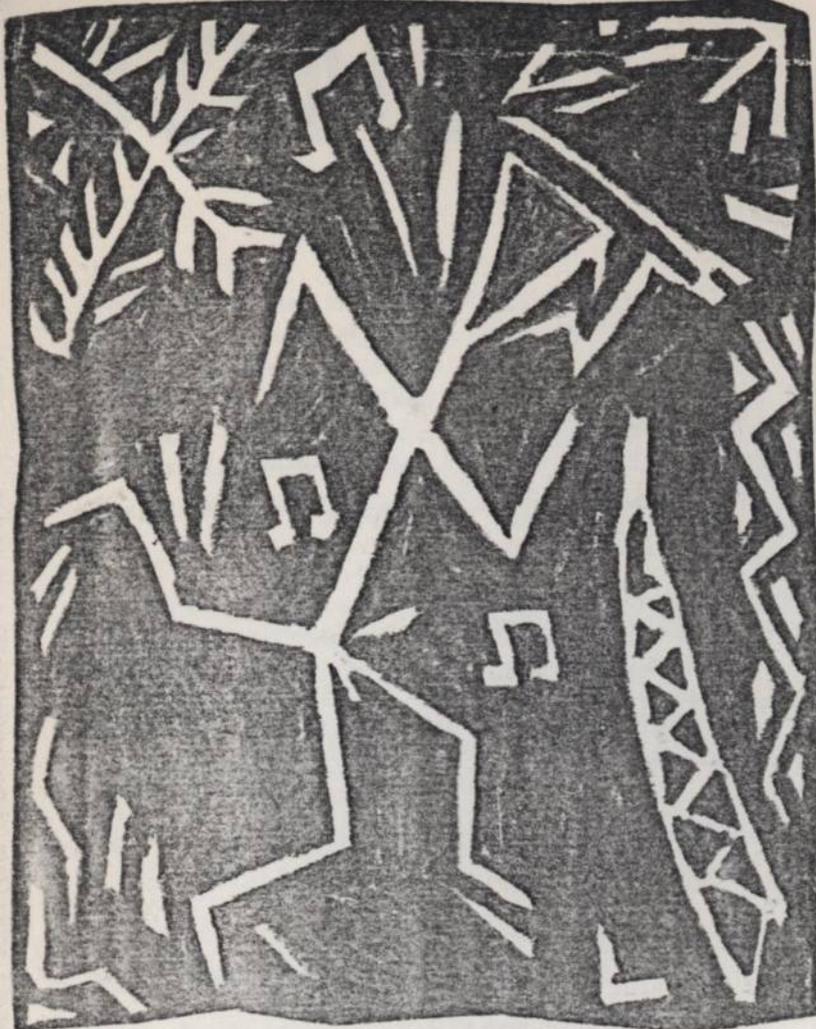
"... Minha vontade de livro pessoal era, assim, o que subia à tona como reflexo de um duro e prolongado combate interior. Quem lhe deu a solução, aliás sem que eu esperasse (as vitórias nascem da surpresa), foram esses artistas que de um ano para cá vim conhecendo entre a França e o Brasil, e aos quais reúno aqui, neste livro enfim pessoal, sob o rótulo tático de Geração 80."

EXPLODE GERAÇÃO - Roberto Pontual  
preço do livro Cr\$ 10.000,00

nome.....

end.....

cheque nominal à AVENIR EDITORA LTDA  
Rua Prof. Alfredo Gomes, 28 - CEP 22251 - Rio de Janeiro



### Ferreira Gullar

## SOBRE ARTE



2ª Edição



SOBRE ARTE - Ferreira Gullar  
preço do livro Cr\$ 6.500,00

nome.....

end.....

cheque nominal à AVENIR EDITORA LTDA  
Rua Prof. Alfredo Gomes, 28 - CEP 22251 - Rio de Janeiro

### Frederico Morais

## CHOREI EM BRUGES

crônicas de amor a arte



CHOREI EM BRUGES - Frederico Morais  
crônicas de amor à arte  
preço do livro Cr\$ 7.500,00

nome.....

end.....

cheque nominal à AVENIR EDITORA LTDA  
Rua Prof. Alfredo Gomes, 28 - CEP 22251 - Rio de Janeiro

# MÓDULO

"Não podemos passar sem MÓDULO. Antigamente, era uma revista indispensável para os arquitetos. Hoje é para todos nós, porque ela se ampliou para refletir em suas páginas toda a cultura brasileira.

MÓDULO é a única revista cultural de alto padrão e repercussão internacional que se publica no Brasil."

Darcy Ribeiro — Vice-Governador do Rio de Janeiro.

"A falta de veículos para a difusão e a polêmica continua sendo um dos piores fatores de retração no caso da arte brasileira. Por isto, o novo esforço dinamizador da revista MÓDULO contou positivamente em 1982. Não só ela se aliou a galerias do Rio e São Paulo para promoção de inteligentes mostras coletivas como se dispôs ao confronto de idéias através de suas páginas."

Roberto Pontual *in* Dicionário Internacional de Arte, 1982.

## ASSINE MÓDULO POR 6 EDIÇÕES.

Envie cheque nominal ou ordem de pagamento em favor de Avenir Editora Limitada no valor de:

Brasil: Cr\$ 12.000

América Latina: US\$ 50

Canadá, USA, México, Portugal e Espanha: US\$ 60

Outros Países: US\$ 70

À revista MÓDULO

Rua Professor Alfredo Gomes, 28 — Botafogo

22251 — Rio de Janeiro — RJ

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....

Estado..... CEP.....

Data.....

Assinatura.....

edição especial  
"como vai você, geração 80?"

redação e administração  
rua professor alfredo gomes, 28 - botafogo  
22251 — rio de janeiro — rj  
tel. (021) 246-8216

conselho diretor  
oscar niemeyer  
cândido mendes de almeida

edição geral: marcus de lontra costa

edição artes plásticas: sandra mager

edição arquitetura: maria luiza de carvalho

supervisão: nelson werneck sodré e ivan alves

conselho de arquitetura:  
alfredo britto, edgar graeff, fernando  
burmeister, ferreira gullar, Ítalo campofiorito,  
ruy veloso.

assessoria de imprensa e divulgação:  
raquel silva

arte final: ricardo gosi

publicidade rio de janeiro:  
gerente: vera lucia guimarães  
tel. (021) 246-8216

publicidade são paulo:  
supervisão: décio corrêa da silva  
rua riachuelo, 265 - cobertura  
tel. (011) 36-9791

preço da assinatura: Cr\$ 12.000 (6 edições)  
preço deste exemplar: Cr\$ 3.000

fotolito: organização beni

impressão: express gráficos associados

módulo é uma publicação da avenir editora

a revista módulo é registrada na divisã de  
censura de diversões públicas D.P.F. sob o  
número 1.467.P.209/73

 Escola de artes visuais